

# Construções IV

## Sonhando a formação

Organizadora  
Evelyn Pryzant

ABC  
São Paulo, 2015

## Construções IV – Sonhando a formação

Organizadora: Evelyn Pryzant

Coorganizadora: Monica Povedano

Diretoria da ABC

Presidente: Miriam Altman (SBPSP)

Vice-presidente: Janice Isabel Rodrigues Bicudo de Faria (SBPSP)

Secretária: Evelyn Pryzant (SBPSP)

Tesoureira: Monica Povedano (SBPSP)

Capa: Mireille Bellelis

Revisão: José Teixeira Neto

Produção gráfica: Bellelis Comunicação

Impressão: Lis Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C765

Construções IV: sonhando a formação / organizadora: Evelyn Pryzant;  
coorganizadora: Monica Povedano – 1. ed. – São Paulo: Associação  
Brasileira de Candidatos, 2015.

192 p. ; 16 cm.

Vários autores.

ISBN (broch.). 978-85-64963-01-6

1. Psicanálise – Coletânea 2. Formação Psicanalítica. I. Pryzant, Evelyn.  
II. Povedano, Monica. III. Título. IV. Vários autores.

CDD 150.195.89

CDU 159.964.2

Tatiane Rodrigues Klein Borba  
Bibliotecária – CRB-8 n°7775

# Associação Brasileira de Candidatos

A Associação Brasileira de Candidatos é uma entidade representativa de todos os candidatos dos Institutos das Sociedades, Núcleos e Grupos de Estudos ligados à International Psychoanalytical Association (IPA). Fundada em 1993, é uma Sociedade Civil sem fins lucrativos e tem por objetivo congregar e promover a maior integração possível entre os psicanalistas brasileiros em formação, representando-os em relação a organizações internacionais congêneres e buscando o aprimoramento da formação psicanalítica nas sociedades filiadas à IPA.

A diretoria da ABC, atualmente localizada em São Paulo, é composta por quatro associados – presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro – eleitos em assembleia geral para um mandato de dois anos, sem renovação. A eleição ocorre durante o Congresso Brasileiro de Psicanálise ou extraordinariamente fora deste período, desde que respeitadas as normas do estatuto. Em todos os Institutos de Sociedades Psicanalíticas, Núcleos e Grupos de Estudos existem representantes da ABC que formalizam o contato com a diretoria e fazem esta comunicação com os candidatos das diversas instituições brasileiras.

Representada pelo seu presidente, a ABC participa de reuniões de delegados da FEBRAPSI, entre as quais, as do Congresso Brasileiro de Psicanálise.

Desde 1995, a ABC trabalha com os analistas didatas na organização do Pré-Congresso Didático, que antecede o Congresso Brasileiro realizado a cada dois anos. A participação da ABC é uma conquista que vem ampliando o espaço destinado aos candidatos nas discussões das questões relacionadas à formação psicanalítica. Com o intuito de estimular a produção científica dos candidatos, a ABC criou o “Concurso Virginia Bicudo”, cujo prêmio é entregue durante o Congresso Brasileiro ao melhor artigo relacionado ao tema do congresso. Nos últimos anos, a ABC vem

promovendo e estimulando atividades que propiciem a troca de ideias entre candidatos de todo o Brasil, realizando encontros regionais com os representantes, participando de eventos nas diversas sociedades, grupos e núcleos e criando meios de difusão de ideias e debates. Nas últimas gestões foram publicadas três edições do livro Construções, uma iniciativa muito importante que reúne as publicações de artigos de colegas de diferentes estados brasileiros.

### **Objetivos**

Sendo o Brasil um país de extensão tão vasta, sabemos como é difícil manter viva a comunicação entre nós. Reconhecemos o trabalho importante das gestões anteriores e acreditamos que cada uma contribui com algum aspecto, deixando sua marca. Na nossa gestão daremos continuidade a esses trabalhos que já vêm sendo desenvolvidos. Além da nossa função e participação na formação, acreditamos ser uma tarefa importante da ABC ajudar a fortalecer a Associação de Candidatos em núcleos e grupos que ainda estão iniciando. Outro ponto muito importante é prosseguir com os encontros e parcerias entre a IPSO-OCAL e a ABC, fortalecendo vínculos e dando continuidade a trabalhos já em andamento.

A proposta é continuar cooperando para fazer circular o pensamento e a prática da psicanálise na contemporaneidade entre os colegas do país. A importância da ABC é refletir sobre a inserção da psicanálise no mundo atual.

# Agradecimentos

A produção deste livro seria impossível sem a participação dos psicanalistas em formação, espalhados pelo Brasil, que se envolveram na construção de cada um dos artigos aqui publicados.

Este trabalho é um mosaico composto por diferentes autores, movidos pela dinâmica do desejo, constante reaparecimento de forças vivas da escrita psicanalítica. Nosso agradecimento a todos os que, com sua sensibilidade, ciência e história pessoal, permitiram que este livro pudesse acontecer.

Nossa admiração à Profa. Carmem C. Mion, que estimulou a formação da atual diretoria com suas palavras de incentivo e mostrou a importância do quarto eixo institucional na formação de um psicanalista.

A ABC agradece aos colegas que dedicaram seu tempo à leitura dos artigos e com sua experiência psicanalítica ajudaram como pareceristas: Abigail Betbedé, Alexandre Socha, Beatriz Helena Peres Stucchi, Cintia Buschinelli, Cynthia Peiter, David Léo Levisky, Eunice Nishikawa, Maria Olympia de Azevedo Ferreira França, Marion Minerbo, Marta Úrsula Lambrecht, Raquel Elisabeth Pires, Sylvia T. Pupo Netto.

Agradecemos aos incentivadores, parceiros, sempre colaboradores:

Aloysio Augusto D'Abreu (presidente da FEBRAPSI), Nilde Jacob Parada Franch (presidente da SBPSP), Leda Herrmann (diretora do Instituto da SBPSP), Daniel Delouya (diretor científico do XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise), Isabel Ugarte da Silveira (vice-presidente da IPSO para a América Latina), Carlos Frauzino (vice-presidente da OCAI).

Nosso obrigado pelo companheirismo a Maria Angela Canelas (SBPSP), Grácia Maria Fenelon (GEPG, SPB), Patricia Nunes (SBPSP), Ana Marli de Bortoli (SBPSP) e Rita Andréa Alcântara de Mello (SBPSP).

Aos nossos conselheiros, cúmplices das batalhas travadas que geraram conquistas em cada um dos Encontros Regionais da ABC, expressamos a nossa alegria pelos laços construídos: Eliane Souto Abreu (GEPFOR), Nyvia

#### CONSTRUÇÕES IV

Oliveira Sousa (SPPA), Daniela Bormann Vieira (SPRJ), Lucas Silva Santos (SPMG), Deise Cabral Comparin (SPMS) e a cada representante da ABC.

Agradecemos à gestão anterior, composta por Joselane Campagna da Silva, Deise Cabral Comparim, Odete Maria Koltermann e Thalita Gabínio e Souza do GPMS, todo o suporte e apoio dado na laboriosa passagem para a atual diretoria.

Ao Darci Lopes, nosso especial agradecimento por sua grande ajuda em viabilizar nosso projeto.

À Mireille Bellelis, produtora deste livro, nossa gratidão pelo auxílio gentil e cuidadoso dispensado no preparo da publicação desta obra.

À Fabiana Santos, secretária do Instituto da SBPSP, agradecemos a colaboração sempre solícita e competente.

# Sumário

## Apresentação

Nilde Jacob Parada Franch .....	11
Miriam Altman .....	15
Evelyn Pryzant .....	19
Monica Povedano .....	21
Janice Isabel Rodrigues Bicudo de Faria .....	23

## Participação especial

Algumas reflexões sobre a prática clínica e a formação analítica   Carmen Mion .....	29
--	----

## Formação e identidade psicanalítica

Algumas reflexões a respeito do tornar-se psicanalista   Nyvia Sousa .....	43
Sonhando a formação   Maria Cássia Asperti Ottaiano .....	53
Sonhando a formação nossa de cada dia   Luzia Patusco e Luziclaire Silva .....	61
Formar-se ou ser formado analista?   Denise de Sousa Feliciano .....	71
Construções: pensando a formação psicanalítica   Fernanda Monteiro Lorenzon .....	79
A função da instituição na construção da identidade do analista: relato de uma experiência em grupo   Arlindo Gomes Ribeiro et al. ....	85

## Experiências clínicas

Os contos de fadas e a criação de um espaço onírico   Daniela Prieto .....	95
O paciente que me sonhou   Catherine Lapolli .....	105

## Temas livres

Dor psíquica e sonho   Petruska Passos Menezes .....	115
Aderir como forma de existir   Camilla Biaggi Alvarenga .....	131
A contribuição de Belà Grunberger ao estudo do narcisismo   Carlos M. N. Machado ...	139
Símbolo e formação simbólica   Fernando Pimenta Mathias .....	147

## Modelos de formação

Relatório do Comitê de Educação (CE) da IPA .....	163
---	-----



# Apresentação

Sonhando a formação



# Nilde Jacob Parada Franch

Presidente da SBPSP

*Construções IV – Sonhando a formação*, iniciativa da diretoria da ABC, permite-nos entrar em contato com a produção e o pensamento psicanalítico de nossos colegas em formação nos Institutos das Sociedades de Psicanálise do Brasil, a maioria dos quais é constituída por profissionais vivendo a experiência de ser analista.

Este livro apresenta-nos três eixos de artigos, a participação especial de uma analista didata experiente e que tem se dedicado ao tema da formação psicanalítica, e por fim nos brinda com um texto esclarecedor dos três modelos de formação vigentes.

A participação especial de Carmen Mion, analista didata da SBPSP e representante brasileira no Comitê de Educação da IPA, enriquece a leitura apresentando suas reflexões sobre a vocação da psicanálise para conter paradoxos, desde sua origem, e sobre a função dos Institutos de oferecer uma formação capaz de transitar entre um saber avaliável objetivamente, pois que pertence ao campo das ciências, e um outro saber que envolve criatividade, intuição e transformações pessoais, que mais se aproxima da experiência estética.

No eixo I “Formação e identidade psicanalítica”, Nyvia Oliveira Sousa (SPPA) apresenta suas reflexões sobre a identidade do analista, e passa em revista alguns conceitos e algumas ideias de Freud, Ogden, Gabbard e Bion.

De Bion, destaco: “o analista que você se torna é você, e você somente você; você tem que respeitar a singularidade de sua própria pessoa”.

Maria Cássia Asperti Ottaiano (SBPSP) afirma ser crucial, de seu ponto de vista, que o psicanalista em formação desenvolva a capacidade de sentir com o paciente e de sonhar. Concorda com Cassorla no que diz respeito à assimetria na relação psicanalítica. Acredita que, para a formação ser completa, há de se ter vontade e coragem para buscar transformações e expansão da mente.

||

Luzia de Souza Patusco e Luziclaire Colnaghi Silva, de Campo Grande (SPMS), citando Lenita Osório Araujo, perguntam-se: “Um analista já chega pronto ou traz as boas sementes de que a instituição precisa saber cuidar?”

Parafraseando Rilke, as autoras se fazem outra pergunta: seria possível continuarem a viver sem o olhar psicanalítico? Ou estariam em um caminho sem volta?

Denise de Sousa Feliciano (SBPSP) indaga “Formar ou ser formado analista?” Denise toma o caminho de seu percurso pessoal, caminho absolutamente próprio e singular. Faz uma reflexão honesta e sofisticada sobre seus conflitos, suas dúvidas, seus questionamentos, e a valorização da experiência pessoal vivida e repensada.

Fernanda Monteiro Lorenzon (SBPRJ) pergunta-se: o que qualifica um psicanalista para o exercício de sua função? Citando Bollas, a autora destaca: “a pessoa do analista é incluída no processo, e seu inconsciente passa a ser instrumento da análise, assim como sua capacidade de se oferecer ao paciente como objeto da transferência, de interpretação, e de suportar viver temporariamente na inquietude das incertezas”.

Esse primeiro eixo encerra-se com o trabalho “A força da Instituição na construção da identidade do analista”, escrito pelo grupo que geriu a AMFIP, em 2010/2011, da SBPRP.

Os autores trazem suas reflexões sobre a importância, os limites e os riscos do trabalho institucional durante a formação. Avaliam de forma muito positiva essa experiência que lhes possibilitou convivência frutífera, amistosa e bastante criativa.

### **Experiências clínicas**

Nesse eixo, alguns analistas em formação nos apresentam algo de sua clínica, sua função psicanalítica e o modo pelo qual se relacionam com seus pacientes.

Daniela Prieto (SPB) apresenta situação clínica em que a *rêverie* do analista e suas associações com contos de fadas propiciaram a criação do espaço onírico que possibilitou a dupla elaboração psíquica, e permitiu à analisanda aproximar-se de seu mundo interno.

No segundo artigo do eixo II, Catherine Lapolli (SPPel) apresenta “O paciente que me sonhou” como um texto escrito “para tornar manifesto o que estaria latente na mente de uma analista em formação, ou em duas mentes em formação, a do paciente e a da autora do texto”. Servindo-se de referenciais teóricos de Freud, Ogden, Ferro e Bion, a autora inicia seu texto falando sobre sua trajetória desde o final de sua residência médica em psiquiatria até o momento em que, durante a formação psicanalítica, passou a poder *sonhar* seus pacientes, e a si própria, assim como *acordar* para o inconsciente.

Esses dois textos clínicos nos mostram “o analista trabalhando” e nos permitem acompanhar o desenvolvimento dessas duas analistas no processo de viver a experiência e poder repensá-la. Textos que não poderiam deixar de comparecer a este *Construções IV*.

No III eixo “Temas livres”, Petruska Passoa Menezes (SPR) aborda o tema da “dor”, física, psíquica, sempre a dor. Busca em Ferrari inspiração para pensar o corpo e sua relação com o psíquico.

Camila Biaggi Alvarenga (SPMG) aborda o conceito de Identificação Adesiva. Além de Meltzer e Bick, recorre a Balzac em *A pele de onagro* para pensar esse conceito. Seu texto “Aderir como forma de existir” deixa questões instigantes para serem elaboradas.

Carlos Marcirio Naumann Machado (SPPA) fala sobre “A contribuição de Belà Grunberger ao estudo do narcisismo”. Apresenta-nos sua leitura pessoal desse autor, pouco conhecido, o qual acredita que a procura do estado de plenitude pré-natal é uma das buscas fundamentais do ser humano.

Com o texto “Símbolo e formação simbólica”, Fernando Pimenta Mathias (SPRJ) encerra o terceiro eixo deste livro. Fernando escreve sobre como sua curiosidade a respeito do desenvolvimento da mente humana

levou-o ao estudo do processo de simbolização. Ferenczi, Freud, Jones, Klein foram objeto de seus estudos, que terminaram motivando a escrita desse texto.

O “ato final” de *Construções IV* é a reprodução do texto sobre os três modelos de formação aprovados pelo Comitê de Educação da IPA, texto referência para aqueles que desejam conhecer as diferenças e semelhanças entre eles.

Acredito que a leitura deste livro, construído com dedicação e sensibilidade pela Diretoria da ABC, com a inestimável contribuição dos autores, assessores e de todos aqueles que o tornaram possível, trará a todos nós, analistas brasileiros, uma percepção do trabalho psicanalítico teórico e clínico desenvolvido nos vários estados de nosso país.

Finalizando, quero agradecer o honroso convite para a apresentação do *Construções IV*. Minha experiência de quatro anos como Diretora de Instituto (2000 a 2004) e de quase três anos como presidente de uma sociedade grande e muito produtiva permitiu-me apreender de forma encarnada o significado e a importância do termo *formação* em sua mais ampla acepção, aquela que nos fala de transformações estruturais, para a vida, para o viver, pois somos o que podemos ser e nos desenvolvemos à medida que nos conhecemos profundamente.

Boa leitura a todos!

# Miriam Altman

Presidente da ABC

## Minha experiência de expansão e construção na ABC Biênio 2014-2015

A formação da nossa chapa para a ABC se deu numa aula coordenada por Carmen Mion, analista de que gosto e a qual admiro muito. Seu estímulo e inspiração foram e continuam sendo fundamentais, uma vez que ela é uma pessoa comprometida com a formação e com a Instituição há muitos anos.

A meu ver, tivemos muitos desafios a vencer, como lidar com as nossas personalidades e a falta de intimidade, pois, como já dizia Bion, para um simples grupo transformar-se num grupo de trabalho, sempre leva tempo. Depois de idas e vindas, começamos a funcionar como um grupo, tínhamos um objetivo em comum, criou-se uma dinâmica produtiva entre nós.

Como aponta Bolognini (2014) em sua carta “Em direção a um ‘modelo quadripartite’”,<sup>1</sup> hoje em dia, os analistas “estão crescentemente interessados em compartilhar sua experiência profissional através dos grupos de trabalho”. Acredito, até mesmo, que eles também têm participado de atividades nas Sociedades às quais pertencem. No nosso Instituto, em São Paulo, os Membros Filiados são motivados a ter uma participação institucional desde que iniciam seus estudos, entretanto, observo que só uma minoria participa efetivamente. Participar faz toda a diferença!

Pessoalmente, desde que entrei no Instituto, tive uma intensa participação na Associação dos Membros Filiados, que, em nosso Instituto, é bastante ativa. Percebo que engajar-se na vida institucional mais ampla insere, de uma maneira mais dinâmica, profunda e duradoura, o colega na

1 Bolognini, S. (2014). Em direção a um “modelo quadripartite”. *Newsletter IPA*.

formação, o que significa um enriquecimento em mão dupla: tanto para a Instituição que recebe quanto para a pessoa que cresce, elaborando aspectos primordiais que de outra maneira poderiam passar despercebidos.

Bolognini observa que existem questões institucionais fundamentais que surgem entre os colegas no convívio em grupo. Em sua carta, ele aponta o fato de que elas estão presentes em todas as Instituições, desde os pequenos grupos até a IPA. “A contínua divisão de sociedades psicanalíticas é a demonstração mais clara deste fenômeno.” Essas questões emocionais referem-se “à rivalidade edípica usual, tanto geracional quanto fraterna, e às intolerâncias pessoais narcísicas”.

Realmente, percebo, por meio da convivência em grupo, a riqueza que me trouxe essa experiência na ABC, tanto no nível de trabalho de um grupo menor quanto com a Instituição maior. Vivendo ativamente conflitos e podendo estar em análise é de fato uma oportunidade única de resolver questões que de outra maneira ficariam adormecidas. Desta forma, Bolognini espera que “alguma consciência maior sobre este fenômeno possa melhorar o indivíduo internamente e a atitude do grupo dos futuros analistas, em relação a estes perigos”.

Consequentemente, desde o início da nossa gestão, tivemos em mente estar próximas aos colegas. O que tem sido o ponto alto da nossa gestão é justamente o momento de nos encontrarmos, desde Bauru, passando por Goiânia, Fortaleza, Porto Alegre, Rio de Janeiro e, por fim, no Pré-Congresso em São Paulo. Trocar nossas experiências, nos ver e falar pessoalmente. Penso que esta experiência é insubstituível.

Todos sabemos que nosso ofício é muito solitário e acreditamos que a troca de experiências, dúvidas e incertezas é importante em todos os níveis da formação, que não termina quando passamos a ser Membros Associados. Ela é contínua, por isso a importância da reanálise em outros momentos da vida profissional.

Bem, voltando à ideia do primeiro impacto na ABC, pensamos logo de início na necessidade de construir um site, para melhorar a

comunicação e começar a criar uma história, com registros, para a ABC, além de um espaço de interlocução e de artigos para os membros que desejassem divulgar seus trabalhos. Agora, o site já é uma conquista, assim como a página no *Facebook*.

O caráter itinerante da ABC dificulta o *modus operandi* da Instituição. A cada dois anos a sede muda de lugar, que, como vocês sabem, acompanha o local em que se dará o Congresso Brasileiro de Psicanálise. Estamos, no final da nossa gestão, propondo, pela primeira vez, duas importantes mudanças no estatuto da ABC, que serão votadas no XXV Congresso Brasileiro:

1. A mudança da sede para o Rio de Janeiro, junto à FEBRAPSI.
2. Expansão da diretoria, aumentando o número de cargos de 4 para 7. Além de presidente, vice-presidente, secretária e tesoureira, teremos também um diretor de sede, um diretor de Comunicação (site, Facebook e mídia) e um 2º secretário.

Essas ideias surgiram da prática, à medida que fomos nos sobrecarregando de trabalho e sentimos que este estava sendo excessivo para poucas pessoas. A Sociedade de São Paulo é grande, e esta gestão foi importante para mostrar que realmente a ABC estava com uma estrutura muito enxuta. O fato de a ABC ganhar uma casa fixa é fundamental, pois isso permite criar uma história, ter um local para uma pequena biblioteca, guardar o laptop, os livros e começar a construir um lar. Para deixarmos de ser “uma Instituição sem teto”, o que demonstra também falta de representação institucional. Sem contar o enorme tempo que se gastava a cada mudança de diretoria para abrir uma conta e solucionar outros problemas burocráticos.

Vejo que, simbolicamente, podemos pensar que a ABC atingiu agora, com seus 22 anos de existência, sua maioridade, com direito a uma casa fixa. Já não é mais uma adolescente errante, pode estabilizar-se e gozar de certa segurança. Criar raízes!

Para conhecer o novo e diferente, para ampliar e, a partir daí, ir sedimentando o que é seu, sem fechar-se para esse novo e diferente. Vejo que para a ABC, e isso vem sendo praticado desde as outras gestões, esta é a razão da importância do exercício de ir pessoalmente ao encontro dos colegas de outras regiões e também da importância, para analistas em formação, de espaços em que possam se reunir e trocar experiências e conhecimentos científicos, até mesmo para termos ciência “do quê” e de “como” tudo isso está sendo transmitido e para refletirmos sobre nossa formação e identidade enquanto analistas.

Sem sonho não é possível alcançarmos nossos objetivos. A nossa profissão (ou ofício, como muitos preferem chamar) exige de nós uma longa jornada. Muito trabalho, empenho, superação de dificuldades, tanto internas quanto externas, e muita perseverança.

Para tolerar, conter e ampliar nossa mente e sentimentos e as mentes e sentimentos dos pacientes, precisamos seguir desenvolvendo-nos ao longo do percurso analítico, que é absolutamente singular, o caminho de nossas análises. Acredito que é este conjunto que nos dá o que podemos chamar “identidade analítica”.

Pretendo que nosso trabalho continue sendo fruto de uma semente que já foi lançada, baseada num pequeno sonho que, com muito trabalho e esforço, tem se tornado realidade: contribuir para que as trocas, afetivas e científicas, entre todos os colegas do Brasil possam desenvolver-se de forma criativa e crescente. Que possamos nos comunicar de norte a sul e de leste a oeste com mais facilidade usando todos os meios de que dispomos, como nosso site e as redes sociais. Sem esquecer, entretanto, os numerosos encontros e eventos, em que, com certeza, nos veremos novamente!

# Evelyn Pryzant

Organizadora e secretária da ABC

Caro colega,

Escrever é como pensar em voz alta para alguém. Para transmitir de forma viva uma experiência é preciso capturar algo de verdadeiro dela, aquilo que é significativo.

Nesse percurso de dois anos de trabalho, ao assumir responsabilidades das quais nem me sabia capaz, construí quem sou hoje e quem estou me tornando como psicanalista, com o desafio de não saber em quem me transformarei no final dessa jornada.

No trabalho institucional, a voz tem que se fazer presente, as tarefas precisam ser executadas. Este livro representa um capítulo desse esforço, editar um grupo de autores psicanalíticos, com diversas perspectivas simultâneas, tanto no que se refere ao conteúdo quanto ao estilo da escrita, é um sonho plural.

Quem dera minha voz, atravessada pela experiência da escrita psicanalítica, tivesse a força de dizer o quanto valeu a pena e o prazer tivesse a potência de influenciar a tal ponto, que não seria acidental que na próxima edição eu seria o leitor e você, o organizador. Quando a escrita se torna pulsante, as ideias escrevem-se sozinhas.

O encontro com os colegas de formação, espalhados por todas as regiões do Brasil, foi outro sonho feito de sotaques diferentes. Sem dimensionar as inúmeras ações que deveriam ser promovidas para que cada um deles tivesse êxito, a empreitada começou.

A troca de experiências era o fio condutor em todos os encontros. Os institutos se apresentaram, as pessoas se conheceram, o virtual passou a ser pessoal. Para cada voz, um rosto num corpo. A cada encontro, a alegria

de descobrir um novo amigo, era sonhar sonhos nunca sonhados. A psicanálise representada na cultura, unida à experiência com os grupos que construímos e os encontros regionais foram o pano de fundo organizador para o Pré-Congresso dos Candidatos do XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, que nasceu com o suor do trabalho e sabor de rever os amigos.

Para os amigos, a Festa. Um projeto para celebrar a alegria dos encontros. Além de organizar todos os detalhes, o desafio era tornar-se capaz de sonhar uma experiência em grupo. Afinal, o melhor da festa é esperar por ela.

ABC, obrigada por fazer parte integrante do meu dia a dia, pelas risadas depois dos erros, por entrar nos meus sonhos e no meu divã, revelando que o trabalho institucional deve ser incluído na agenda e na mente do psicanalista. Foi um sonho construído que deixará saudade, uma experiência da qual eu não abriria mão.

Um brinde ao sonho da formação.

# Monica Povedano

Coorgoanizadora e tesoureira da ABC

Ao entrar para formar a chapa da ABC, a oportunidade de poder trabalhar no livro *Construções IV* chamou minha atenção. Desde 2010 tenho tido uma experiência muito rica na *Revista Brasileira de Psicanálise*, e esta seria a área onde eu poderia colaborar.

Dentro da formação em psicanálise a escrita implica pensar e significar as experiências que vivemos, refletir sobre as várias teorias e eleger aquelas que nos sentimos mais próximos, e das quais nos apropriamos. Escrever nos permite ir ao encontro do outro, e é a ponte que possibilita chegar ao estrangeiro e gerar uma comunicação com quem poderá ou não compreender nossas diferenças. É a entrada do terceiro, que irá apreciar, desgostar ou incomodar-se ou mesmo ser indiferente.

Minha ideia foi imprimir um diferencial à publicação do *Construções IV*. Inicialmente pedimos que cada Grupo ou Instituto elegeisse um trabalho que iria representá-los no nosso livro, e nós iríamos oferecer a cada autor um interlocutor responsável, criterioso e disponível para ler e comentar o trabalho enviado. Colegas que, com mais experiência tanto com a escrita quanto com a teoria que fizessem apontamentos que poderiam contribuir para o aprimoramento dos artigos que seriam publicados. Entendo que mesmo excelentes trabalhos se beneficiam de uma discussão com uma “companhia viva”.

Com base nesse projeto, a equipe da ABC entrou em contato com os colegas (candidatos, membros e didatas) que se dispuseram a ler, comentar, e discutir com o autor o trabalho que anonimamente lhe seria designado. A cada um coube um trabalho. Encaminhamos para cada colega juntamente com o artigo, um roteiro que orientasse a leitura e facilitasse devolver seus apontamentos para o autor. Os colegas leitores foram delicados e dedicados

em suas observações e comentários. Com isso os trabalhos se fortaleceram. Posso dizer que o projeto teve sucesso, pois as trocas, algumas mais curtas outras mais abrangentes, foram bem acolhidas e resultaram nos artigos que vocês poderão ler adiante.

O intuito era incentivar os candidatos a escrever e publicar, buscar o lado lúdico e prazeroso da escrita e também encarar a difícil e depressiva tarefa de pôr em palavras a própria experiência, o próprio pensar e lidar com a realidade que se impõe quando apagamos várias e várias vezes, copiamos e colamos, até falarmos com nossa própria voz. Sem falar dos momentos em que pretensamente entendemos que vamos “dar conta da experiência” e o que vemos no papel é algo bem diferente, aquém das nossas grandes expectativas. Pois sempre encontramos o que não pode ser transmitido por palavras.

Como tesoureira do nosso grupo posso dizer que meu maior desafio ao lidar com o dinheiro que me foi confiado (o tesouro monetário da ABC), foi encontrar o delicado equilíbrio entre a generosidade e o aprisionamento avarento. Uma questão que exigiu reflexão a cada decisão, que me fez buscar opiniões e consenso entre a equipe e impôs a tarefa de lidar com o que era possível. Penso que o dinheiro traz a ideia do “vil metal” que corrompe, está ligado à sujeira, ao escondido e a questões difíceis sobre as quais não vou me estender. Entretanto, nós pudemos, com os recursos financeiros que nos foram confiados, vivê-lo como fonte de prazer e conquistas; como os encontros que realizamos pelo país, a possibilidade de concretizar a nova sede, além da edição de mais um *Construções*.

Espero que esta iniciativa possa manter-se nas próximas edições, pois tem o propósito primordial de possibilitar trocas, discussões e reflexões sobre a psicanálise e suas vicissitudes no mundo de hoje.

# Janice Isabel Rodrigues Bicudo de Faria

Vice-presidente da ABC

Minha experiência pessoal e emocional como vice-presidente da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) nesta gestão 2014/2015 vai muito além daquilo que posso pôr nestas palavras. Entretanto, é necessário dizer algumas coisas.

Como sabemos, os modelos oficiais de formação da IPA são baseados em um modelo tripartite: análise pessoal, supervisão e seminários. A entrada nos Institutos para a formação psicanalítica pode ser entendida como um quarto elemento, pois envolve a inserção em um grupo e a disponibilidade para trocar conhecimentos com seus pares. Isto está em sintonia com as considerações que têm sido feitas pela nova diretoria da IPA, especialmente por seu presidente, Stefano Bolognini, o qual nos diz que o modelo quadripartite deverá ser parte da constituição da identidade psicanalítica. Para ele, as trocas institucionais permitem ir além das atualizações científicas, pois nos possibilitam perceber nossas limitações, por meio do exercício de comparação com os colegas. É no encontro com as diferenças que somos estimulados a crescer.

Esse quarto Eixo vai além da simples presença em um grupo de formação e deve possibilitar ao candidato assumir-se como parte integrante da vida Institucional. Costumo dizer: “Quer conhecer bem uma Instituição? Trabalhe por ela!” Isso exige abertura ao outro, expansão de mente e disposição para encontrar-se com diferentes visões de trabalho.

No livro *Construções I*, a colega Maria Nilza Mendes Campos, em seu texto “Um quarto eixo potencial para a formação”, ressalta as especificidades da instituição psicanalítica, alertando-nos para o risco das rivalidades e ressentimentos diante das diversas possibilidades transferenciais que o modelo de formação e a hierarquia institucional mobilizam.

A instituição é, na formação psicanalítica, um espaço privilegiado em que nos encontramos, ao mesmo tempo, com a semelhança de estarmos em formação e com as diferenças pessoais, teóricas e clínicas. Sabemos que esse encontro pode despertar receios e defesas, mas também é a oportunidade, se estivermos abertos para tal, para sermos fecundados com a perspectiva do outro. A vivência institucional possibilita o rompimento com a clausura a que a prática clínica isolada pode levar o analista; é uma excelente oportunidade para a confrontação do nosso narcisismo.

Uma de minhas primeiras experiências na ABC, uma instituição com um grande número de associados, não foi diferente de outras experiências institucionais que já tive, e parece ser muito comum nos dias de hoje: a falta de interesse e de engajamento dos colegas em formação para se envolverem no processo institucional. Eu, juntamente com minhas colegas de diretoria, animadas e cheias de disposição para o trabalho, ao sermos eleitas, recebíamos questionamentos como: “Para que ter trabalho, já o temos muito fazendo a formação, não é melhor que você cuide da sua formação?” Eu me perguntava: “Como assim? Eu estou cuidando da minha formação, da instituição que representa minha formação!”

Estar na ABC, construir um grupo de Diretoria, trabalhar lado a lado com pessoas que eu só conhecia de Seminários e, especialmente, ser designada pelas minhas colegas de Diretoria, entre outras muitas atividades, para cuidar e gerir os Encontros Regionais, foi um diferencial na minha formação. Tenho aprendido muito. Não posso deixar de citar também, como importante no desenvolvimento de todo esse trabalho, a minha analista e minha análise pessoal, que foram fundamentais nesta trajetória.

Além de fazer novos amigos e poder realizar uma troca imensa, aprendi que ao lutarmos para que a Instituição seja saudável, somos estimulados à convivência com o todo que ela nos proporciona, com o seu conjunto, e não somente com os grupos com os quais temos afinidades e que, muitas vezes, se transformam em verdadeiros guetos a nos proteger do confronto com as diferenças. A instituição, como constitutiva da Cultura,

representa a lei, as regras necessárias ao convívio social. A distribuição de poder, cargos e funções é fruto das regras e da cultura institucional – e não, exclusivamente, de nossas preferências. Por exemplo, as eleições são democráticas e definem legitimamente um poder e uma hierarquia que os associados deverão acatar – criticamente, mas também respeitosamente. Nem sempre isso é fácil, seja, internamente, dentro do grupo dos eleitos que assumem seus cargos, ou entre os demais associados. Muitas vezes, você pode não ter afinidade ou simpatia por algum colega, mas terá que se exercitar na tarefa de acatar, ouvir, acolher o outro, entendendo que o outro tem tanto direito quanto você. Não é porque você pertence à Diretoria que suas ideias e opiniões terão que prevalecer!

O trabalho de realizar os Encontros nas várias Regiões do Brasil, para mim, pessoalmente, foi desafiante e, posso dizer hoje, o mais profícuo e o que me trouxe as mais satisfatórias experiências. Essa é uma situação na qual, inevitavelmente, você depara com as diferenças culturais, de formação, de opiniões, de horários etc. Cada região deste nosso Brasil tem as suas especificidades, as suas diferenças e é fundamental reconhecer e respeitar a legitimidade e o lugar de cada uma das pessoas dentro dos grupos com os quais se vai trabalhar. É a organização institucional que dá e que assegura esse lugar legítimo para cada uma das pessoas implicadas no processo. Reconhecer cada grupo e respeitar suas demandas é uma tarefa muito rica para o nosso desenvolvimento e amadurecimento – pessoal e institucional.

Conviver com tudo isso é uma oportunidade ímpar de lidar construtivamente com as diferenças e, ao mesmo tempo, exercer as funções que são próprias de uma diretoria: orientar, lembrar as regras e estatutos, trazer informações do conjunto da instituição, questionar, ser e fazer política.

O quarto Eixo da Formação é um significativo envolvimento em funções e atividades institucionais que propicia lidar com as diferenças, tensões, conflitos e exposições necessários ao processo criativo de dar sustentação a uma instituição que, por outro lado, também nos sustenta.

#### CONSTRUÇÕES IV

Não é uma tarefa fácil, há necessidade de muita dedicação, e, quando estamos aprendendo a ser diretoria, nossa gestão já esta acabando e passamos o bastão para outro grupo que, desejo, possa também descobrir e desfrutar da riqueza que o envolvimento institucional proporciona.

# Participação especial

Sonhando a formação



## Algumas reflexões sobre a prática clínica e a formação analítica<sup>1</sup>

Carmen C. Mion,<sup>2</sup> São Paulo

Resumo: A autora faz uma reflexão sobre a vocação da psicanálise para conter paradoxos desde a sua origem, como um campo do saber transicional entre ciência e arte, e os consequentes desdobramentos e repercussões sobre a formação analítica. A “impossível função” a que se propõem os Institutos será a de oferecer uma formação capaz de transitar entre um saber que se pode avaliar objetivamente, cujos métodos e teorias são objetiváveis e transmissíveis, remetendo ao campo das ciências; e um outro saber que envolve criatividade, intuição psicanalítica e uma transformação pessoal que transcende teoria e técnica, uma experiência estética que remete ao campo das artes. Frente à complexidade dessa tarefa, são levantadas algumas questões que inevitavelmente perpassam nossos Institutos, ano após ano, independentemente das regulamentações e diretrizes contidas em nossos três modelos.

Palavras-chave: formação analítica, transmissão de conhecimento, paixão, análise didática

Alguns amigos docentes acadêmicos envolvidos com a tarefa de ensinar e formar alunos em diferentes campos do conhecimento expressam certa estranheza ao não entenderem por que, desde Freud, a formação em psicanálise não é feita nas universidades, restringindo-se aos Institutos no interior das Sociedades de Psicanálise em todo o mundo. Costumo dizer-lhes que indubitavelmente as obras completas de Freud são patrimônio da humanidade e acessíveis a quem as desejar estudar. As teorias psicanalíticas

1 Trabalho publicado no *Jornal de Psicanálise*, 47 (86), 29-111. 2014

2 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

são ensinadas nas faculdades de psicologia, medicina, filosofia e ciências sociais. Certamente a psicanálise tem uma extensa e fértil área de aplicação nos campos da saúde, da educação, da cultura e da ação social. No entanto, todo analista praticante sabe que o simples fato de se aplicar a teoria e consequente terminologia psicanalítica na descrição da relação entre duas pessoas não transforma a experiência numa experiência psicanalítica. Não é necessário um psicanalista para ensinar as nossas teorias, mas é necessário um psicanalista para a transmissão da psicanálise, possível apenas através da experiência pessoal psicanalítica. Ou seja, feliz ou infelizmente, a psicanálise não está contida nas suas teorias, na sua metapsicologia.

A impossível função a que se propõem os institutos de psicanálise é exatamente a de propor e favorecer um “vir a ser psicanalista” que envolva não só o conhecimento da teoria e método psicanalíticos, mas um projeto de autonomia pessoal fundado em uma atitude de interrogação e busca permanente que jamais termina e se constitui como uma peculiaridade única no âmbito do saber e do fazer humano.

Ao abordar o sonho como via régia para o inconsciente, Freud inaugurou um campo de conhecimento que tem o sonho como seu paradigma, tanto no que se refere ao objeto como à sua dinâmica. O campo onde a prática da psicanálise se desenvolve é o campo da subjetividade, do sonho e da experiência estética. No entanto, Freud nunca desistiu de tentar inserir a psicanálise no campo das ciências, desenvolvendo sua metapsicologia a partir da aplicação de um método de observação do psiquismo humano e enunciando, a partir de suas observações e experiências clínicas, as hipóteses teóricas sobre as quais se fundamentaria a psicanálise.

Um dos pressupostos epistemológicos do novo campo de conhecimento desenvolvido por ele será sempre a referência clínica. A clínica era a sustentação que permitiu Freud contestar cientificamente os imperativos teóricos do neopositivismo e da lógica do seu tempo. Com sua metapsicologia, Freud tencionava separar e diferenciar a psicanálise da psicologia da época, colocando-se de saída como além da psicologia. Na segunda metade

do século XIX e início do século XX, a biologia como um todo se pautava pela física. A psicologia de então, uma ciência experimental na linha da psicofísica que norteava as ciências, era totalmente voltada para a consciência, considerada a faculdade mais nobre do homem, e o Eu consciente reinava soberano. Freud propôs um psiquismo que iria muito além da consciência e do Eu, trazendo novos conceitos, como um inconsciente como espaço psíquico fundamental de um aparelho psíquico de grande complexidade. O próprio conceito metapsicológico da pulsão evidencia algo da ordem do ser que estaria além da biologia e da psicologia, além da representação (Garcia-Roza, 1993). Ele se inscreve em outro espaço, entre o somático e o psíquico, nos seus limites.

Histórica e epistemologicamente, portanto, a teoria psicanalítica origina-se da experiência: refere-se a um método de observação e aproximação ao psiquismo, que implica duas subjetividades, em que aquele que investiga está sendo constantemente investigado e um corpo teórico crescente que organiza essas experiências relacionando-as ao desenvolvimento emocional do homem. Um método que inevitavelmente resulta em um corpo teórico psicanalítico em constante desenvolvimento. Muda a época, muda a cultura, muda o conteúdo das repressões ou as questões que vão emergir na sala de análise.

Há muito a repressão sexual não tem sido mais a tônica das conversas que se desenrolam entre analistas e pacientes na intimidade dos consultórios. Encontramos homens e mulheres que apresentam um novo quadro de sofrimento psíquico na atualidade, para quem o tempo é o presente veloz da internet. Sofrem não com a culpa, mas com a aspiração de serem eles mesmos e a dificuldade de sê-los. Não chegam assombrados por temidas punições divinas e/ou retaliações, mas aterrorizados com o vazio e a ausência de sentido. Poder-se-ia dizer que “Édipo” cedeu lugar a “Narciso”, passando a entrar na cena analítica apenas num “segundo ato”, depois de muito trabalho da dupla. No entanto, permanecendo o método, novos modelos teóricos vão surgindo. Certamente os diferentes modelos, a

diversificação das práticas, incluindo as especializações, e os modelos provenientes de outros campos de conhecimento têm repercussões na formação psicanalítica e na vida científica das Sociedades.

Penso que a vocação da psicanálise para conter paradoxos está presente, desde a sua origem, como uma área de saber transicional entre ciência e arte. Ela está contida no próprio termo *psycho-analysis* escolhido por Freud, que continha um significado para os seus contemporâneos que pode nos escapar em nossa cultura (Bettelheim, 1982). Na mitologia (Mitologia Greco-Romana, 1973), Psyche geralmente é representada com asas de pássaro ou borboleta e transmite conotações de beleza, fragilidade e insubstancialidade, qualidades ainda associadas à alma que sugerem não só o respeito, cuidado e delicadeza que se deve ter ao abordá-la, mas prenuncia também as dificuldades encontradas ao se tentar capturá-la. Já *analysis* implica um método de pensamento voltado para a compreensão ou explicação de qualquer fenômeno de natureza complexa empregado pela ciência e que consiste em reduzir uma realidade intrincada, de difícil apreensão global, em seus componentes básicos e mais simples.

Consequentemente, a formação em psicanálise desde a sua origem transita entre um saber que se pode avaliar objetivamente, cujos métodos e teorias são objetiváveis e transmissíveis e que inevitavelmente remetem aos conteúdos e ao campo das ciências; e um outro saber que envolve criatividade, intuição psicanalítica, uma transformação pessoal que transcende teoria e técnica, uma experiência estética que nos remete ao campo das artes.

Frente à complexidade dessa tarefa, como se dá, então, a transmissão em psicanálise? Mais especificamente, como se forma um psicanalista? Como avaliar e avalizar um psicanalista? Estas são algumas questões que inevitavelmente perpassam nossos Institutos, ano após ano, independentemente das regulamentações e diretrizes contidas em nossos três modelos.

Será possível formar um analista? A primeira vez que me ocorreu esse pensamento foi em Bogotá, durante o Pré-Congresso Didático, em 2010. Na época eu acabara de terminar minha função como secretária geral

do Instituto da SBPSP e fazia parte do *Comité de Educación* da FEPAL. Sobre um pano de fundo emotivo e reflexivo que predominava no encontro, pensei comigo: será que a célebre dialética exposta por Freud (1905/1973), utilizando-se da antítese que Leonardo da Vinci resumiu em relação às artes nas fórmulas *per via di porre* e *per via di levare* não se aplicaria também em relação à formação de um analista? A pintura, dizia Leonardo, trabalha *per via di porre*, pois deposita sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali; já a escultura, ao contrário, funciona *per via di levare*, pois retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida. As estátuas inacabadas de Michelangelo, cujas figuras nos dão a impressão de estarem emergindo do bloco de mármore através do trabalho do artista, como a Pietà Rondanini exposta no Museu de Arte Antiga no Palazzo Sforza em Milão, constituem a imagem forte e palpável desse modelo.

Ao fim dos trabalhos do Pré-Congresso, cujo tema era “A formação analítica e a prática clínica atual”,<sup>3</sup> e após as exposições dos palestrantes, eu estava participando como coordenadora da última reunião que teríamos como um dos pequenos grupos de discussão. Discutíamos as vicissitudes da inserção da psicanálise na cultura contemporânea frente a uma solicitação de alguns colegas em formação para que fosse incluído oficialmente nos Institutos da FEPAL um curso sobre Psicoterapia Psicanalítica. Foram levantadas questões sobre como formar analistas numa cultura de superficialidades em que se privilegiam métodos de evasão e descarga? Na falência da simbolização e predomínio dos aspectos narcísicos e mesmo psicopáticos da personalidade onde o eu se afirma pela via da aparência e do espetáculo e o sofrimento se expressa na forma de um vazio existencial, na ausência de sentido? Como zelar pela função psicanalítica e reafirmar mais do que nunca a importância da análise pessoal como desenvolvimento do instrumento de trabalho dos analistas?

3 No dizer de Borges, estamos constantemente pensando com maior ou menor complexidade e profundidade certas coisas eternas...

A certa altura, fez-se um longo silêncio carregado de uma sensação de certo desalento naquele grupo constituído por diretores de institutos, docentes e candidatos. Depois de dois dias de trabalho, antes da plenária final, havia se abatido sobre nós um sentimento de tristeza e desesperança.

Naquele momento, ocorreu-me perguntar a uma colega que exercia a função de diretora de instituto e que estava sentada ao meu lado como ela havia se tornado analista. Ao me responder, algo absolutamente surpreendente ocorreu. À medida que ela contava a sua história, sua expressão foi se modificando, seu rosto se iluminou, seus olhos brilharam e todos os presentes acompanharam atentamente suas palavras com uma expressão de reconhecimento. Logo em seguida outro colega começou a contar sua história de amor com a psicanálise, depois outro e outro, instaurando-se no grupo uma discussão mais próxima a emoções profundas. O clima afetivo predominante possibilitou que uma colega em formação, até então em silêncio, dissesse sentir que o tempo de formação é tão breve e a construção da identidade do analista um processo tão longo e delicado que não gostaria de ter tempo roubado ao seu desejo de ser analista. *Ars longa, vita brevis...*

Ao fim da reunião estávamos irmanados todos em nossa recém-recuperada paixão pelo mesmo objeto de amor. Certamente o objeto de amor que no passado motivou Freud a criar a IPA, alguns anos depois também levou alguns pioneiros a criar a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que na atualidade se constitui o elemento unificador de todos nós, seus membros, esse sonho/ideia, essa arte/ciência, que chamamos psicanálise.

Naquela ocasião, independentemente da idade, sexo, nacionalidade e experiência analítica dos analistas presentes, emergiu das histórias ali contadas um forte elemento comum a partir da evocação nos participantes de sua vocação: a paixão pela psicanálise. Respondendo à minha própria pergunta, hoje acredito que já trazemos no íntimo do nosso ser o psicanalista que viremos a ser, e que um analista não pode ser formado por *via di porre*.

Posteriormente, ao investigar o tema, encontrei um texto de Odilon de Mello Franco Filho (2008) em que ele afirma que a formação analítica

não forma um analista, mas oferece condições para que determinadas funções da sua personalidade, o que Bion (1963) denominou função analítica, possam se expressar e se desenvolver no contato emocional com o outro, no campo analítico. Do seu ponto de vista, com o qual concordo inteiramente, o principal instrumento de trabalho do analista é a sua personalidade. Não por acaso Bion (1963) afirma que os elementos da psicanálise são funções da personalidade e que os objetos derivados deles, as associações e interpretações, contêm extensões nos domínios dos sentidos, dos mitos e da paixão.

Que interessante a verificação desse elemento comum entre os analistas: a paixão. Como partidária do darwinismo, tenho uma tendência a pensar que se isso acontece provavelmente é porque ela é um elemento necessário ao tornar-se analista. Necessário não só como parte do nosso arsenal psicanalítico como assinala Bion (1963), mas também como força impulsora em nosso eterno “vir a ser” analistas, porque o contato com o sofrimento, isolamento e solidão tornam o medo nosso companheiro inevitável nessa jornada se não estivermos tomados por idealizações ou outras defesas. Como assinala Luiz Carlos Junqueira (2008), no funcionamento metapsicológico, o mesmo psiquismo que sofre a dor psíquica é aquele que consegue senti-la após ter conseguido pensá-la. O psicanalista, como Édipo na busca da sua identidade, precisa estar preparado para suportar o mistério da feiura interna matizada pela beleza da busca pela verdade. Enfrentar seu amor e seu ódio pela psicanálise.

A própria análise pessoal vai capacitar ao analista tolerar as experiências emocionais que envolvem o confronto com a incoerência, não compreensão, sentimentos de dúvida e até mesmo persecutoriedade. Não é fácil esse caminho, sempre na contramão da cultura. Viver um processo contínuo de aprendizado e desenvolvimento só é possível enquanto o analista mantiver sua paixão pela investigação, exploração das profundezas do inconsciente, do desconhecido.

A psicanálise se utiliza de modos de pensar muito distantes do senso comum. Como disse Green (1990), a associação livre desfaz a trama

da linguagem e, conseqüentemente, desfaz a trama do pensamento e da lógica. Revela a loucura potencial do indivíduo, ameaça os limites da razão. Acredito que nesse processo o psicanalista também não pode funcionar psiquicamente de forma diferente da que propõe ao paciente, utilizando-se da lógica e do pensamento racional. Ele deve poder saber perder-se, poder esquecer a categorização de pensamentos, que é própria da vigília habitual. Todos esses processos, que ocorrem no interior de uma relação tão específica, podem se desenvolver porque existe o próprio *setting* analítico. Do analista disposto a adentrar essas áreas, espera-se humildade, certo estado de mente aberto à recepção de todos os objetos, quer sejam sentidos como bons ou maus, vindos do analisando (*rêverie*); continência suficiente para ficar no papel em que o analisando o colocar, incluindo aqui a possibilidade de não existência do próprio analista; certa capacidade negativa, conceito de Keats, citado por Bion (1962), que é a capacidade que um homem possui de estar em incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer tentativa de alcançar fato e razão. Além disso, receptividade empática e outras qualidades não só impopulares, mas só possível de serem desenvolvidas através de sua análise pessoal.

Mergulhar na experiência de formação inserido numa instituição que o antecede e é ao mesmo tempo doadora de identidade (Kaës, 1989/1991), submeter-se à análise com um analista experiente e comprometido com a tarefa de resgatar o ser e a individualidade do analista em formação ciente das armadilhas dessa situação do iniciante, vivenciar as hordas primitivas internas e externas: tudo isto desperta angústias persecutórias e demanda muito do analista em formação. No entanto, como ressalta Outeiral (2005), por incrível que pareça esse é o caminho da espontaneidade e criatividade na formação do psicanalista.

A tentação de “rapidamente pertencer”, à filiação precoce, durante a formação assim como na vida, leva a um engessamento das ideias, à perda da individualidade e espontaneidade, à submissão a um notório saber e à

autoridade. A necessidade de pertencer e o medo da desconstrução empobrecem a criatividade.

Muitos de nós chegamos aos Institutos para iniciar a formação em psicanálise trazendo vínculos transferenciais anteriores e já com um bom conhecimento teórico sobre nossos autores, alguns com experiências como doutores ou livre-docentes em universidades, porém percebemos com o tempo que a formação não se trata de uma proposta de desqualificar a experiência ou o conhecimento anterior do candidato, mas sim de resgatar o “si mesmo”, o que estava lá desde o princípio, o que *não se sabe*. Um despir das camadas e camadas de roupas com que cobrimos nossa nudez, *per via di levare*. Proteções contra verdades que não pudemos enfrentar. O processo de formação analítica não consiste simplesmente na aquisição de conhecimentos que informam o analista. Trata-se também da desconstrução de um saber.

Maior complexidade ainda nós acrescentaremos à questão se passarmos a examinar a Instituição no interior do próprio indivíduo, como mais um elemento nessa dialética individual-institucional, o que torna a questão inabordável do ponto de vista institucional, porém não no *setting* da análise de formação, lugar privilegiado para seu o desvelamento. No dizer de Kaës (1989/1991), a exteriorização de um espaço interno é a nossa relação mais anônima, mais violenta e mais forte que mantemos com a instituição. Cabe lembrar aqui os mitos bíblicos do Paraíso Perdido e da Torre de Babel relacionados à aquisição de conhecimento e poder pelos homens.

Desde o seu início com Anna O., a psicanálise impôs-se como o método que praticamente inventou a si mesmo, através do encontro entre duas pessoas. Inconscientes que se apresentam e reapresentam na relação transferencial e contratransferencial contida no *setting*. No dizer de Ogden (2005), reinventamos a psicanálise a cada novo paciente que recebemos. Aproxima-se da concepção de Winnicott (1986) de que a cada sessão “criamos” um mundo próprio de acontecimentos, jamais visto ou conhecido

por nenhum dos dois participantes, de tal modo que ao fim desse encontro cada um sinta que saiu enriquecido e com maior compreensão do humano.

Esta, eu penso, era a psicanálise de Freud, pois ele olhava seus pacientes como ninguém havia visto antes. Criou um método de observação e aproximação do psiquismo que inevitavelmente resulta na construção de um corpo teórico crescente em constante desenvolvimento. A articulação clínico-teórica é para mim o seu maior legado. Tendo a acreditar que ele tinha clareza de que a utilização do método psicanalítico levaria inevitavelmente a uma evolução natural das teorias, de que seu edifício teórico jamais seria concluído.

Uma das justificativas para uma Sociedade de Psicanálise é a possibilidade de compartilhar diferentes experiências com a esperança de encontrar não só uma visão comum, matrizes identificadoras e conferir sanidade, mas também a esperança de encontrar outro olhar, o diferente/estranho que nos obriga a questionar o familiar, o já compreendido, trazendo a possibilidade de desenvolvimento. Similaridades/diferenças/confrontos/sofrimentos são elementos indispensáveis para a construção do conhecimento e expansão psíquica do indivíduo, do grupo, da Instituição e da Sociedade.

O debate aberto torna a relação institucional mais transparente e, portanto, mais confiável e sólida nos nossos propósitos de torná-la objeto de pensamento. Acredito que um grande desafio tanto no interior como fora da Instituição é a possibilidade de uma comunicação capaz de atravessar a cesura dos diferentes referenciais (Bion, 1977). Será que uma linguagem comum é suficiente para garantir a comunicação? Para prevenir a transformação dos modelos com os quais nos identificamos em ideologias desvitalizantes? Para não sermos arrastados na “rede da linguagem da tribo”, na feliz expressão de Kaës (1989/1991), e conseguirmos que a singularidade de nossa fala se faça reconhecer?

Não há lugar para teorias na sala de análise. Estamos irremediavelmente sós e nus. Guiando-nos pela intuição psicanaliticamente informada e tentando, através do rudimentar instrumento de que dispomos auxiliar

nossos pacientes a encontrarem a si mesmos. Numa de suas conferências, Winnicott (1986) afirmou que provavelmente o maior sofrimento no universo humano é o sofrimento das pessoas normais ou maduras, e que isto geralmente não é reconhecido nem pelos próprios analistas. A vida do indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações, sentimentos de impotência, lutos e dores profundas, assim como também por características positivas. Vivendo profundamente nossas experiências, elaborando medos e paixões, tomando responsabilidade pela ação ou inação, sendo capazes de receber crédito pelo sucesso e culpa pelo fracasso, caminhamos todos, pacientes e analistas, em direção ao desenvolvimento e autonomia pessoal.

## Referências

- Bettelheim, B. (1982). *Freud and Man's Soul*. Nova York: Knopf.
- Bion, W. (1962). *Learning from Experience*. Londres: William Heinemann.
- Bion, W. (1989). *Two Papers: The grid and caesura*. Londres: Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. (1984). *The Elements of Psychoanalysis*. Londres: Karnac.
- Mitologia Greco-Romana*. (1973). São Paulo: Abril.
- Franco Filho, O. M. (2008). O principal instrumento de trabalho do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41 (74), 249-256.
- Freud, S. (1973). Sobre psicoterapia. In S. Freud, *Obras Completas* (Luiz Lopez-Ballesteros y de Torres, trad., vol. 1, pp. 1007-1013). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905)
- Garcia-Roza, J. A. (1963). *Introdução à metapsicologia freudiana, 3. Artigos de metapsicologia (1914-1917)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Green, A. (1990). *Conferências Brasileiras – Metapsicologia dos Limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Junqueira, L. C. (2008). Intuição metapsicológica, os casos de Adrian Stokes e Meg Harris Williams. *Jornal de Psicanálise*, 41 (74), 273-288.
- Kaës, R. et al. (1991). *Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1989)

CARMEN C. MION

Ogden, T. H. (2005). *This Art of Psychoanalysis: Dreaming Undreamt Dreams and Interrupted Cries*. Nova York: Routledge.

Outeiral, J. (2005). Comentários sobre a espontaneidade e a criatividade na formação do psicanalista. *Jornal de Psicanálise*, 38 (69), 243-249.

Winnicott, D. W. (1986). Home is where we start from. In D. W. Winnicott, *Essays by a Psychoanalyst*. Londres: W. W. Norton.

Carmen C. Mion

carmenmion@uol.com.br

# Formação e identidade psicanalítica

Sonhando a formação



## Algumas reflexões a respeito do tornar-se psicanalista

Nyvia Oliveira Sousa,<sup>1</sup> Porto Alegre

Resumo: Através deste trabalho pretendo refletir sobre a identidade psicanalítica, a ser desenvolvida ao longo dos anos de formação. Em outras palavras, sobre o que contribuiria para nos tornarmos aptos a exercer essa profissão, vista como impossível. Com esta finalidade, inicio revisando o texto clássico de Freud *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912/1976b), um artigo sobre técnica psicanalítica, que resume os conhecimentos adquiridos na sua prática clínica. Para, em seguida, direcionar a atenção aos aportes teóricos contemporâneos, que ampliam a reflexão, especialmente ao porem em foco a participação da mente do analista no processo, pela experiência emocional compartilhada no *setting*.

Palavras-chave: identidade analítica, formação analítica, tripé analítico

### Introdução

A formação analítica, caracterizada pelo tripé clássico, é o dispositivo que nos habilita para o exercício desta profissão, dita impossível. Dentro dessa estrutura consagrada, porém, o que contribui para nos tornarmos psicanalistas? Esta é uma questão que inquieta e impulsiona ao estudo e à escrita. Especificamente, por tratar-se de um ofício cujas peculiaridades, talvez não reproduzíveis em outras situações afins, exigem dos postulantes capacidade mental para trabalhar em situações de alta intensidade emocional.

Ao defrontarmos com a realidade interna de outro indivíduo, que nos procura para alcançar a compreensão e o alívio de suas dores mentais,

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, SPPA.

pomos nossa mente a serviço deste, o que mobilizará tanto emoções antigas, portanto, conhecidas, quanto outras jamais transitadas, em nós mesmos.

Com a finalidade de me aproximar da compreensão de como nos tornamos aptos a circular nesse trânsito de intensa turbulência, revisito o texto clássico de Freud (1912/1976b) *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, escrito pelo autor com a finalidade de nos poupar esforços e inadvertências, ao longo do caminho.

Pela necessidade, porém, de uma visão mais ampla e atualizada, que inclua a possibilidade de trafegar no espaço transicional formado pelo encontro das duas mentes, do analista e do analisando, recorro a novos aportes teóricos, expressados em outros textos, que me auxiliam na compreensão da nossa profissão, com base neste novo paradigma, o da intersubjetividade.

### **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**

Em 1912, Freud escreve esse artigo sobre técnica psicanalítica com a finalidade de resumir e propagar suas ideias adquiridas com a experiência clínica, definindo diretrizes para o exercício da profissão. Em suas palavras, com a finalidade de *poupar aos médicos que exercem a psicanálise muito esforço desnecessário* e com o intuito de *resguardá-los de algumas inadvertências*. Ao mesmo tempo em que levanta a questão da singularidade do método, ao escrever que a técnica que preconizava dizia respeito unicamente a sua individualidade.

Freud ressaltava, nessa época, a árdua tarefa de memória exigida do analista para lembrar os pormenores do material produzido de cada paciente, com a premissa de não o confundir com o de outro paciente. Para, na sequência deste raciocínio, enunciar a regra fundamental do analista, a contrapartida da associação livre do paciente: a *atenção uniformemente suspensa*.

De uma forma aparentemente despreziosa, Freud enuncia a regra de ouro da psicanálise, a atenção flutuante. Em suas palavras, ao pouparmos nossa atenção de um enorme esforço, ao mesmo tempo evitamos um provável vício de seleção, ou seja, todo material selecionado de forma deliberada

corresponderia automaticamente a muitos outros negligenciados. A seleção de um determinado aspecto do material do paciente nos levaria a correr o risco de nunca descobrirmos nada, além do que já conhecemos.

Freud ressalta ainda que, sem a atenção uniformemente suspensa, o correlato de associação livre no paciente perderia em grande parte sua vantagem. E enuncia de forma magistral o conceito: “Ele [o psicanalista] deve conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à ‘memória inconsciente’” (Freud, 1912/1976b, p. 150).

Freud, nesse artigo, celebra a união indissolúvel entre a associação livre e a atenção flutuante, cujo valor perdura com toda a força até os dias atuais, passados cem anos após tê-la selado. Ao mesmo tempo estabelece que equívocos no processo de recordação ocorreriam, tão somente, em momentos de perturbação do analista por alguma situação pessoal, deixando-o *abaixo do padrão ideal*, para o exercício da psicanálise.

Usando a transmissão telefônica como metáfora, Freud descreve, de forma genial, o encontro das duas mentes envolvidas no processo analítico, ao escrever “que o psicanalista deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor” (p. 154).

E vai mais além, descrevendo a participação da mente do analista na tarefa de decodificar o inconsciente do paciente, tal qual *um receptor telefônico*, que capta e transforma as *oscilações elétricas* (derivados do inconsciente do paciente) novamente em *ondas sonoras*, dando continuidade à comunicação. Em outras palavras, reconstruindo o inconsciente do paciente, objetivo central do tratamento analítico, naquela época.

Para fazer esse papel de receptor, o analista precisaria, nas palavras de Freud, *preencher determinada condição psicológica em alto grau*, qual seja, *a de não tolerar quaisquer resistências em si próprio, não bastando para isso ser uma pessoa relativamente normal*.

O indivíduo que desejasse tornar-se psicanalista deveria, ele próprio, passar por uma *purificação psicanalítica*, para desta feita, desfazer todo e qualquer ponto cego em seu inconsciente. Com base nesta premissa, Freud, já bastante influenciado pela Escola de Zurique, enuncia a importância da análise pessoal do candidato, por meio, desta vez, não apenas da autoanálise, mas sim por meio *do contato mental duradouro entre o estudioso e seu guia*, preconizando de certa forma a análise didática.

Ainda assim, Freud faz ressalvas quanto à completude desse trabalho analítico, ressaltando que aqueles que puderam apreciar o valor do autoconhecimento e do autocontrole dessa forma adquiridos continuarão esta empreitada através da autoanálise. Nas suas palavras, há sempre algo novo para ser descoberto, tanto no mundo externo, quanto dentro de nós mesmos.

Ao descrever a *verdadeira psicanálise*, Freud descarta o uso da sugestão e de toda e qualquer confissão pessoal por parte do analista. Enuncia que este deveria permanecer *opaco a seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada exceto o que lhe é mostrado*. Ressalta também o fato de que o analista deve controlar-se e guiar-se pelas capacidades e propósitos do paciente, e não por seus próprios desejos.

Cem anos depois desse texto, podemos perceber que algumas dessas recomendações mantêm-se bastante úteis na clínica contemporânea. O par atenção flutuante e associação livre é um deles, assim como a necessidade da análise pessoal, concomitantemente, ou em continuidade, com a autoanálise, no exercício da psicanálise.

Por outro lado, Freud termina esse texto abrindo possibilidades para novos aportes oriundos da prática psicanalítica que melhor poderiam adequar técnica e resultado no tratamento, naquela época, dos pacientes ditos neuróticos. Este espaço para novas elaborações a respeito do tema, muito posteriormente, foi ocupado ao contemplar-se a intersubjetividade formada pela dupla analista-analisando.

Em outras palavras, ao contemplarmos a participação da mente do analista não apenas como receptora e transmissora do inconsciente do

paciente, mas também como participante ativa do processo, admitimos que em conjunto com o paciente transformamos, concedemos novo sentido e, de certa forma, produzimos o material a ser trabalhado ao longo do processo psicanalítico.

Para caminharmos nessa direção, precisaremos lançar mão de novos autores, que contemplem o papel do analista dentro desse novo paradigma, o da intersubjetividade. Percorreremos, através de seus textos, sua trajetória, com a finalidade de ampliar o conhecimento até então vigente.

### Do que eu não abriria mão

Neste texto, Ogden (2010), ao refletir sobre a posição do analista no *setting*, traz à tona a questão dos valores que sustentariam o trabalho analítico, e o faz de uma forma muito peculiar, enunciando, desde o título do trabalho, a existência de algo de que não abriria mão na prática da psicanálise.

Os valores psicanalíticos, sobre os quais Ogden escreve, não dizem respeito a um código de ética utilizado para reger a conduta psicanalítica, tampouco a um conjunto de conceitos essenciais para o exercício da profissão, mas sim ao modo pelo qual o autor encara e pratica a psicanálise.

Em um primeiro plano, e de certa forma hierarquicamente, Ogden posiciona o exercício da psicanálise dentro da dimensão do humano, com todas as suas peculiaridades. Dito de outra forma, o autor escreve que o psicanalista tem a prerrogativa de tratar o seu paciente de uma forma humanitária, honrando a dignidade humana, por excelência.

Na sequência do texto, Ogden ressalta ainda a necessidade que têm analista e analisando de “encarar a música” ao longo de todo o processo de uma análise. “Encarar a música”, em suas palavras, diz respeito a encarar a verdade, em face da experiência emocional perturbadora, gerada no encontro analítico.

Portanto, a verdade da qual o autor está escrevendo não diz respeito à realidade factual, mas sim àquela gerada dentro do encontro analítico,

criadora de uma experiência emocional nova, produzida na transferência-contratransferência da sessão.

Encarar essa verdade tem como objetivo proporcionar ao paciente a possibilidade de viver mais amplamente sua experiência emocional passada e presente, respeitando sempre suas capacidades e limitações, que servirão de parâmetro para ditar o ritmo deste processo.

Para Ogden, dentro do processo de encarar a dor emocional, o papel do analista, em grande parte, diz respeito a equilibrar a tensão gerada entre a necessidade de o paciente manter-se seguro, por um lado, e tornar-se ciente da verdade, por outro.

Mais adiante no texto, Ogden ressalta a importância de podermos viver a experiência emocional do paciente, ou, em suas palavras, sonhar esta experiência, quando este se encontra incapaz de fazê-lo, gerando uma resposta emocional que resulte em um aprendizado para a dupla paciente-analista.

Ogden escreve também sobre a importância de podermos falar por nós mesmos no *setting* analítico, até mesmo criando uma linguagem própria do par analítico, que não esteja comprometida com o jargão psicanalítico nem com algum outro, e que provavelmente também não faria muito sentido em outros âmbitos, quer do analista, quer do paciente, isoladamente. Traduzindo a experiência analítica, a meu ver, como algo muito peculiar, singular, específico de cada dupla, e não aplicável a qualquer outra.

Por último, mas não menos importante, Ogden nos chama a atenção para a necessidade de sustentarmos, em nosso trabalho diário, um estado de não saber, e assim nos mantermos abertos ao desconhecido, maravilhados com o mistério, com a total imprevisibilidade do inconsciente, que pode ser sentido, mas nunca conhecido.

### **Tornar-se psicanalista**

Neste texto, Gabbard e Ogden (2011), ao refletirem a respeito da trajetória psicanalítica pessoal, escrevem que a oportunidade e a

responsabilidade de tornar-se psicanalista ocorreriam ao longo dos anos de prática, muito além do término da formação propriamente dita.

Os autores salientam que poucos de nós sabemos o que estamos fazendo ao terminar a formação regular, e advertem-nos sobre a necessidade da busca de um estilo próprio, que respeite a singularidade de nossa personalidade.

Para Gabbard e Ogden, a maturidade do analista coincidiria com o desenvolvimento psíquico geral do indivíduo, que está diretamente relacionado à capacidade de pensar/sonhar a experiência vivida no mundo, aprendendo com ela, e através dela.

Esses autores ressaltam que a experiência vivida por um psicanalista muitas vezes excede sua própria capacidade mental, sendo necessária nessas situações a presença de duas mentes, para transformá-la em algo psicologicamente proveitoso para si e para a dupla analista-analisando.

Ao confirmarem a perspectiva intersubjetiva na constituição do sujeito, e conseqüentemente do psicanalista, os autores nos chamam a atenção também para a importância da dimensão intrapsíquica no desenvolvimento da pessoa do analista. Para que isso ocorra, necessitaríamos tanto de períodos de isolamento, quanto de comunhão com outras mentes, em uma tensão dialética permanente entre a solidão e o relacionar-se com outros.

Por fim, Gabbard e Ogden lançam mão de alguns exemplos de sua prática clínica, ao descreverem as *experiências de amadurecimento analítico*, que, em suas palavras, desempenharam um papel importante no desenvolvimento de suas identidades como psicanalistas.

Nesse rico relato a respeito de suas vivências pessoais, os autores abarcam praticamente toda a práxis analítica, indo desde a criação do linguajar próprio no *setting*, com determinado paciente, até a possibilidade de criar/descobrir a identidade analítica através da escrita de trabalhos, passando a maneira peculiar de elaborar e apresentar um material clínico. Para esses autores, *tornar-se analista envolve necessariamente criar uma identidade muito pessoal, diferente da de qualquer outro analista.*

### Considerações finais

Ao final dos seminários teóricos na formação psicanalítica regular, que coincide praticamente com o final da elaboração deste trabalho, deparo com a passagem do tempo, percebida como rápida demais, na maioria das vezes, mas também como morosa, se me lembro das noites de estudo, do volume de leitura, das horas de análise e supervisão, só para citar o tempo lógico despendido com a formação.

O que fica dessa época tão incipiente, se a isolarmos de toda uma vida dedicada a um ofício? Ainda que pareça pouco, é tudo o que tenho por ora. Lembro de Freud (1933/1976a) quando escreveu sobre a consciência dizendo que ela é como a vida, se não vale muito, ainda assim é o que temos.

Borgogno (2008), que escreveu sobre o longo processo de tornar-se analista, utiliza o termo *percurso* para referir-se à trajetória de um analista, definindo que *ele parte de longe*, dos primórdios da vida de uma pessoa. Ao descrever sua trajetória pessoal, diz que é necessário viver, e não apenas relembrar, ao longo da caminhada, a fim de perceber quem somos como indivíduos e como profissionais.

Bion, ao referir-se à identidade analítica, escreve que “o analista que você se torna é você, e você somente; você tem que respeitar a singularidade de sua própria personalidade” (1987, p. 15). Em uma frase aparentemente simples, Bion sintetiza todo o enigma que buscamos abarcar com a formação e, mais provavelmente ao longo de nossa vida, o *conhece-te a ti mesmo*. Respeitar a nossa singularidade, sermos nós mesmos, tão somente, perpassa a aquisição de um amplo autoconhecimento.

É dentro dessa concepção que me pergunto: onde me apoio ao propor o início de uma análise? E quando, rompendo o silêncio, ainda que cheio de palavras, de uma sessão, decido intervir? Dito de outra forma, o que sustenta os meus passos na quase bravata de me inserir no estranho mundo de outra pessoa, é também uma questão de fé, nos termos de Bion (1970).

Ao descrever o “ato de fé”, Bion (1970) traz para um primeiro plano as condições indispensáveis na mente do analista para o exercício da

psicanálise, um estado mental insaturado, em que não prevalecem de forma pré-concebida nem a memória nem o desejo, ampliando desta forma a capacidade de suportar o desconhecido em si e no outro. A meu ver, trata-se de um *ato de fé* nos preceitos fundantes da psicanálise.

Tantos referenciais teóricos sendo apresentados, algumas convergências, e um esboço de síntese pessoal a caminho. Na angústia peculiar deste final, penso que é só o começo, muita coisa virá adiante. Mas como sabê-lo?

Ao elaborar e escrever este trabalho, reflito de forma solitária sobre o tema, mas também, como não poderia deixar de ser, em diversos momentos sinto-me acompanhada de muitas outras ideias, e de pessoas que comigo estiveram ao longo deste percurso.

Portanto, concluo este trabalho com a seguinte premissa: trata-se sim apenas do começo, mas, se for só o começo, por definição não é só isso. Aprendi, ao longo do tempo, que o começo é a base, o alicerce, um *vir a ser*. Acredito que esta base de referência me acompanhará quando me sentir sendo, e também quando me desesperar pela minha inexistência, enquanto analista.

## Referências

- Bion, W. R. (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1987). Clinical Seminars. In W. R. Bion, *Clinical Seminars and other works*. Londres: Karnac.
- Borgogno, F. (2008). *A entrevista de Vancouver: fragmentos de vida e obra de uma vocação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976a). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 13-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1976b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 147-59). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

NYVIA OLIVEIRA SOUSA

Gabbard, G. O.; Ogden, T. H. (2011). Tornar-se psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, XXV, 117-130.

Ogden, T. H. (2010). Do que eu não abriria mão. In T. H. Ogden, *Esta arte da psicanálise* (pp. 39-47). Porto Alegre: Artes Médicas.

Nyvia Oliveira Sousa  
domnyv@uol.com.br

## Sonhando a formação

Maria Cássia Asperti Ottaiano,<sup>1</sup> São Paulo

Resumo: A autora pretende discorrer sobre a formação de um psicanalista, apontando elementos que considera importantes para a qualidade do profissional. Aloca maior atenção ao papel crucial do desenvolvimento do psicanalista em formação nas vivências na dupla analítica, nas quais o sonhar junto, o sonhar com um outro analista mais desenvolvido, configura contexto favorável ao seu desenvolvimento.

Palavras-chave: sonhar a formação, dupla analítica, sonhar junto

### Introdução

Em face da questão da necessidade de se definir o que forma um bom psicanalista, apto a desenvolver bem suas funções, neste artigo pretendo discorrer sobre como sonho uma formação adequada a esse profissional. Definindo meus termos, *sonhar* neste contexto significa pensar de maneira clara e idealista quais os instrumentos que considero fundamentais para a realização deste sonho.

Para tanto, e fundamentada em alguns autores, iniciarei minha abordagem de como a formação tem sido pensada em termos ideais. Pretendo, no desenvolvimento do texto, destacar a capacidade de o futuro psicanalista transformar-se em função das vivências na dupla analítica, com foco no papel do “sonhar junto”. E, neste ponto, é necessário que se compreenda *sonho* como material analisável, carregado de significados metafóricos, trazido à sessão pelo paciente, por meio de seus relatos de sonhos e fantasias diurnos e noturnos.

1 Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

## Desenvolvimento

Considero que aprender a observar é um exercício constante em nossa formação, algo que só conseguimos, se nós mesmos, em nossa experiência na sala de um analista preparado, alcançarmos transformações significativas no encontro emocional em dupla.

A esse respeito, considero pertinente ressaltar a visão de Junqueira Filho, a seguir:

A vida emocional, é sempre bom lembrarmos sendo uma dimensão da natureza humana, constitui um fenômeno natural que segue seu curso à revelia de qualquer conhecimento extrínseco à sua essencialidade. Como seres humanos, somos aquinhoados, então, com a dupla oportunidade, tanto de viver esta vida como sujeitos, quanto de observá-la como objeto. A psicanálise, como sabemos, ao se estabelecer como método de investigação do psiquismo, abrigou ambas as oportunidades sob o mesmo teto, credenciando o psicanalista a alçar-se à condição de observador, exatamente por manter-se em contato permanente com a vida emocional da dupla analítica. (2014, pp. 22-23)

Cassorla (2013) apresenta suas ideias sobre intersubjetividade como fenômeno que permeia o processo analítico. Por esse prisma da intersubjetividade, o autor considera que o processo analítico ocorre num campo em que nada acontece com um dos membros da dupla que não tenha reflexos no outro. O drama contado e representado no campo analítico é fruto da externalização de personagens e enredos postos em cena por ambos os membros da dupla analítica, ainda que a relação entre eles seja assimétrica.

Penso que os analistas precisam envolver-se profundamente com seu paciente para tentar interpretar a simbologia presente no relato de suas vivências. O difícil trabalho do psicanalista exige que ele, no campo analítico, esteja dentro e fora das vivências do paciente, pois, ao mesmo tempo em que deve se envolver para sonhar com o paciente, ele precisa

distanciar-se e manter-se neutro para poder, fundamentado em seu conhecimento teórico, da maneira mais objetiva possível, guiar o paciente na análise dos significados presentes na interação.

Parece-me crucial que se desenvolva nos psicanalistas em formação essa capacidade de sentir com, de sonhar com o paciente, para compreender suas fantasias inconscientes.

Ogden (2005) ressalta que

Uma pessoa consulta um psicanalista porque está sofrendo emocionalmente; sem saber, é incapaz de sonhar (isto é, incapaz de elaboração psicológica inconsciente) ou fica tão perturbada com o que está sonhando, que seu sonho é interrompido. À medida que é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo é incapaz de mudar, ou de crescer, ou de tornar-se diferente de quem ele tem sido.

Durante sua participação no sonhar os sonhos não sonhados e interrompidos do paciente, o analista vem a conhecê-lo de um modo e em uma profundidade que podem lhe permitir dizer algo ao paciente que seja verdadeiro para a experiência emocional consciente e inconsciente que está ocorrendo no relacionamento analítico em um dado momento. O que o analista diz deve ser utilizável pelo paciente para propósitos de elaboração psicológica consciente e inconsciente, ou seja, para sonhar sua própria experiência, deste modo sonhando-se existir mais plenamente. (2005, p. 18)

Concordando com Cassorla no que diz respeito ao fenômeno da intersubjetividade no campo analítico, desejo registrar a minha percepção de que a assimetria da relação paciente-psicanalista, apontada pelo autor, seja fator de segurança para o paciente, com grande potencial para promover seu desenvolvimento. Tal assimetria configura-se por meio do nível mais elevado de conhecimento da área da psicanálise e de desenvolvimento emocional do psicanalista em relação ao paciente.

Focando a questão do sonhar a formação, eu penso que esta envolve o desejo de ler vidas, interagir com mentes, instigá-las à busca do autoconhecimento. Esse desejo é necessário, mas não suficiente. Devemos pensar a formação como o caminho para a realização do sonho de vir a ser um analista eficiente.

O sonho, o desejo, a instrução formal... necessários, mas não suficientes...

Para a formação ser completa, há que se ter um bocado de vontade e de coragem para buscar transformação, em termos de desenvolvimento, expansão da mente e autoconhecimento. É possível sim o transformar-se, o chegar mais próximo de si mesmo, por meio do encontro com o outro-analista experiente, que oferece um contexto seguro para se viver a experiência emocional em dupla. Nesse encontro corajoso, é possível (re)viver todas as angústias, as dores, os medos, os desejos, sentimentos e sensações supostamente esquecidos.

Mas há que romper resistências, o que exige tempo e persistência! Para que o desconhecido surja, se torne conhecido, há que se romper paradigmas estabelecidos durante toda uma vida sem vida. Como nos afastarmos de nós mesmos para encontrar nossa essência, durante todo o processo de autoconhecimento, se o tempo todo o medo de nos encontrarmos está presente? O medo do desconhecido, do pecado, da culpa, dos fantasmas que nos assombram... Que enigmas subjacentes aos nossos comportamentos tememos decifrar? É o medo da subversão que nos remete sempre à repetição? Haja coração!

“Conhece-te a ti mesmo!” Os mitos nos mostram os perigos desta pretensão, mas ao mesmo tempo é fascinante e irresistível a instigação.

E o medo de sermos capturados pelo fascínio que o encontro em dupla exerce? É assustador, e ao mesmo tempo tentador, libertador, constrangedor. Um risco de sentir a dor e o sabor de ser conhecedor. Ser capaz de suportar a dor, o desamor e o pavor de se saber não só bela, mas também fera.

Como assinala Mion ao comentar a visão de Junqueira (2008),

No funcionamento metapsicológico, o mesmo psiquismo que sofre a dor psíquica é aquele que consegue senti-la após ter conseguido pensá-la. O psicanalista, como Édipo na busca da sua identidade, precisa estar preparado para suportar o mistério da feiura interna matizada pela beleza da busca pela verdade. Enfrentar seu amor e ódio pela psicanálise (2014, p. 107).

“Socorro! Estou me afogando! Alguém pode me salvar?” A angústia, o pânico, o medo do novo. O velho tem que sucumbir para que o novo possa emergir... Mas como acreditar que a transformação que ainda desconheço será melhor que os velhos esquemas conhecidos? Vou me afogar, não sobrar nada. Mas o que é o nada? O nada pode ser tudo. Tudo o que preciso para começar de novo, do zero. Será isso o incognoscível? O rio sem fim que corre entre o que sou e o que penso que sou? O rio que Fernando Pessoa (1888-1935) tão bem aponta no poema abaixo?

**Entre o sono e o sonho**

Entre mim e o que em mim  
 É o quem eu me suponho,  
 Corre um rio sem fim.  
 Passou por outras margens,  
 Diversas mais além,  
 Naquelas várias viagens  
 Que todo o rio tem.  
 Chegou onde hoje habito  
 A casa que hoje sou.  
 Passa, se eu me medito;  
 Se desespero, passou.  
 E quem me sinto e morre  
 No que me liga a mim  
 Dorme onde o rio corre  
 Esse rio sem fim.  
 (Pessoa, 1980)

Interessante verificar a compatibilidade do pensamento de Pessoa com a metáfora de Alarcão (2013), que vê a formação como um mergulho profundo no qual se molhar integralmente é algo inevitável.

Na mesma linha de Alarcão, posso sonhar a formação como um mergulho nesse “rio sem fim”, para conhecer suas águas. Esse mergulho nessas águas, essa higienização, poderá fazer surgir o despoluído e desencadear a transformação. Transformação sonhada? Desejada e não realizada? A transformação como realização de desejos que só acontecem nos sonhos? O sonhar dormindo, o sonhar acordado, o sonhar junto? O sonhar/mergulhar junto é função da dupla. Transformações ocorrem na experiência emocional vivida em dupla. Um analista preparado acompanha o sonhar/mergulhar do paciente e tenta protegê-lo de um afogamento, ajudando-o a vir à tona, para tomar fôlego para futuros mergulhos.

Para que isso seja possível, o analista em formação necessita ter contato com a própria mente. Os elementos primitivos da mente do analista precisam ser reconhecidos para que possam ser transformados em algo que possa servir para o desenvolvimento psíquico de ambos os membros da dupla analítica.

Destaca a grande interdependência que há entre o funcionamento mental do paciente e do analista, sublinhando o quanto este último codetermina o campo, seus movimentos, turbulências e situações de impasse. (Ferro, 2008, p. 11)

Do seu ponto de vista há uma constante atividade de *rêverie* de base, que é a maneira com a qual a mente do analista continuamente acolhe, metaboliza e transforma o “quanto” chega do paciente como estimulação verbal, paraverbal, não verbal. A mesma atividade de *rêverie* opera no paciente, em resposta a toda estimulação interpretativa e não proveniente do analista. O objetivo da análise é, em primeiro lugar, desenvolver esta capacidade de tecer imagens (que permanecem não passíveis de serem conhecidas diretamente).

Gostaria de acrescentar que, ao sonharmos a formação, estamos em busca de teorias psicanalíticas que nos ajudem a compreender os fenômenos que ocorrem na sessão de análise. É fato que muitos de nós já passamos pela experiência de análise pessoal e sonhamos com a possibilidade de uma organização, no sentido de formalização de nossas observações e experiências, por meio de um sistema teórico coerente e esclarecedor, ou seja, conforme Nogueira,

*uma forma de leitura* que facilite a ultrapassagem do intervalo que se interpõe entre a teoria e a prática analítica, entre as observações do mundo mental e as descrições e teorias que procurem dar conta dessas observações. (1993, p. 41, grifo meu)

Quando sonhamos a formação, temos como desejo que a instituição, por meio de seus “instrumentos de formação”, como um referencial teórico psicanalítico consistente e sério, nos auxilie a “observar” psicanaliticamente, “pensar” psicanaliticamente e formalizar nossa experiência em termos psicanalíticos, fornecendo aos membros os elementos para esta realização.

Mion, a seguir, considera a tarefa dos institutos formadores uma “impossível função”:

A “impossível função” a que se propõem os Institutos será a de oferecer uma formação capaz de transitar entre um saber que se pode avaliar objetivamente, cujos métodos e teorias são objetiváveis e transmissíveis, remetendo ao campo das ciências; e um outro saber que envolve criatividade, intuição psicanalítica e uma transformação pessoal que transcende teoria e técnica, uma experiência estética que remete ao campo das artes (2014, p. 103).

Realmente, a tarefa dos institutos é muito complexa, pois, ainda que estes consigam oferecer conteúdo teórico da melhor qualidade, ensinar

técnicas, exigir vivências no campo analítico e familiaridade com as artes, despertar em um psicanalista em formação a intuição, a criatividade, a sensibilidade e a percepção, é quase impossível, se elas já não lhe forem inerentes.

## Referências

- Alarcão, G. G. (2013). Aspectos públicos da formação e da identidade do analista. *Jornal de Psicanálise*, 46 (84), 99-106.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, trad.). (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Cassorla, M. S. R. (2013). Afinal, o que é esse tal de *enactment*? *Jornal de Psicanálise*, 46 (85), 183-198.
- Ferro, A. (2008). *Técnica e criatividade: o trabalho analítico* (M. Petriciani, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 4, pp. 157-158). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Junqueira Filho, L. C. (2014). Níveis clínicos de captação da organização emocional: lógico, psico-lógico e meta-psico-lógico. *Jornal de Psicanálise*, 47 (86), 21-34.
- Mion, C. C. (2014). Algumas reflexões sobre a prática clínica e a formação analítica. *Jornal de Psicanálise*, 47 (86), 103-111.
- Nogueira, P. O. (1993). *Uma trajetória analítica: coletânea*. Goiânia: Dimensão.
- Ogden, T. H. (2005). *Esta arte da psicanálise: sonhando os sonhos não sonhados e gritos interrompidos* (D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Pessoa, F. (1980). *Poemas* (C. Berardinelli, sel. e intr.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Vanucchi, A. M. S. (2013). Medo e paixão na formação analítica: uma trajetória pessoal. *Jornal de Psicanálise*, 46 (85), 49-60.

Maria Cássia Asperti Ottaiano  
cassiaottaiano@hotmail.com

## Sonhando a formação nossa de cada dia

Luzia de Souza Patusco e Luziclaire Colnaghi Silva,<sup>1</sup> Campo Grande

Resumo: Neste trabalho, as autoras se propõem a sonhar sobre o desejo confesso de tornarem-se analistas e fazem uma leitura de sua trajetória até este momento da formação. Inicialmente, tentam buscar explicações que justifiquem tamanho investimento libidinal em uma longa e dolorosa formação. Consideram que cada candidato terá uma forma particular de conduzir esse processo, exclusivo e individual, e que estará sempre permeado pelas vicissitudes ditadas pelo inconsciente. À medida que sonham a formação psicanalítica, percebem que esta representa também um impulso em direção a um empreendimento interminável, desconhecido, surpreendente e apaixonante, o qual precisa ser regado pelo paradoxo de uma paciência inquieta. Com base no relato de duas cenas, atribuem valor às “inutilidades” como via de acesso à essência da condição humana. Fazem ainda uma relação entre a psicanálise e a biologia, partindo do conceito de “Gênesis” até a diversidade que enriquecerá o “ecossistema psicanalítico”. Destacam a paciência sob a forma de atividade mental necessária para tolerar o difícil caminho da formação psicanalítica, que dependerá, sobretudo, da capacidade de suportar a incompletude inexorável do homem. Por fim, concluem que somente com um mergulho corajoso na “formação nossa de cada dia” a função analítica poderá ser internalizada.

Palavras-chave: formação psicanalítica, paciência, inutilidades

Produzir um artigo sobre a formação psicanalítica, tema relevante e complexo, levou-nos a várias reflexões iluminadas por estudos teóricos, discussões de casos e constatações de mudanças importantes, em nós e nos pacientes. Fomos conduzidas a fazer pesquisa e leitura sobre o nosso desejo

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS).

confesso de tornar-nos analistas, e descobrimo-nos cada vez mais apaixonadas. Valendo-nos deste desejo, na condição de psicanalistas em formação, permitimo-nos sonhar esse processo em movimento, de construção e desconstrução. Juntas, sonhamos o sonho da nossa formação, algo que é indescritível, mas que tentaremos relatar, para que novos sonhos sejam sonhados durante essa leitura.

Escrever sobre a formação, considerando as convergências e divergências entre os pares, a instituição e o próprio desejo de ser analista, foi extremamente gratificante e inspirador. Deparamos com a necessidade de justificar tamanho investimento libidinal em uma longa e sofrida formação, mesmo sabendo que a psicanálise não é reconhecida como profissão.

Araujo (2012) nos provoca a pensar sobre a construção do psicanalista com a indagação:

Impossível não nos perguntarmos sobre a construção dessa criatura de sonho que vemos em espelho! Um analista já chega pronto ou traz as boas sementes que a sua instituição precisa saber cuidar? (p. 4)

Ao pensarmos sobre o que nos levou a buscar por uma formação de tamanha magnitude, impossível não refletir sobre essa “semente”. Constatamos nossas transferências inevitáveis. Partilhamos o desejo inicial, infantil e idealizado de nos formar psicanalistas, provavelmente numa tentativa de encontrar quietude numa fonte de respostas mais próximas da satisfação que acalma. Que busca incessante é esta? Conjeturamos que estaríamos em busca daquilo que foi perdido, que nos faltou, e até mesmo que nos traumatizou, e necessita de uma elaboração. “Caímos na real.” Que engano! Não há fim! Não há satisfação que acalme a inquietação inerente ao homem.

Sentimos posteriormente que a quietude, tão desejada de início, nos dispensaria da criatividade e da possibilidade de nos aproximarmos de nós mesmas, bem como de acompanhar aqueles que desejam chegar o mais perto possível da sua verdade. Nesse momento da formação, pensamos que

já são possíveis novas reflexões sobre a “semente” naquele que busca pela formação. Deparamos com um terreno desconhecido e surpreendente, que precisa ser regado pelo paradoxo de uma paciência inquieta. “Tudo compreender seria suprimir todas as relações de perspectiva; seria nada compreender, desconhecer a essência do conhecer” (Nietzsche, citado em Granier, 2009, p. 65).

Aos poucos, a busca por respostas foi se transformando em curiosidade espontânea, que surgiu no interjogo da *formação nossa de cada dia*, que envolve os requisitos da instituição, nossa personalidade, história, modo de encarar a vida e forma particular de conduzir esse processo tão exclusivo e individual, sempre permeado pelas vicissitudes do inconsciente.

Levy alerta sobre o objeto que os institutos apresentam aos candidatos, sendo este

um objeto complexo, de profundo interesse, atraente, com seu conjunto de conceitos e teorias. Um belo objeto, diríamos, pela sua riqueza em estímulos. Mas, ao mesmo tempo, esse objeto-método psicanalítico é enigmático, misterioso, pois seu funcionamento e sua internalização não são apreensíveis pelos sentidos. Sua apreensão deverá ser pacientemente construída através de um longo processo mental vivido na análise do futuro analista (2007, p. 43).

Durante a leitura do material bibliográfico que alimentou nossas ideias, duas histórias nos tocaram em especial, configurando-se como “restos diurnos”, contribuindo para o sonho aqui sonhado.

A primeira é narrada pelo fotógrafo Sebastião Salgado (2014), no livro *Da minha terra à Terra*, no qual conta que, quando começou a fotografar animais para sua obra *Gênesis*, deparou com uma tartaruga gigante, que se afastava cada vez que ele se aproximava. Ele refletiu que, ao fotografar seres humanos, sempre se apresenta e, aos poucos, tenta conhecer as pessoas. Concluiu que a única forma de fotografá-la seria conhecendo

e adaptando-se a ela. Então se fez tartaruga; agachou-se, começou a caminhar na mesma altura que ela, com palmas e joelhos no chão, e a tartaruga parou de fugir.

Essa cena e outras expedições descritas por Salgado aguçaram nossa curiosidade sobre o que o motivou a todos esses investimentos para a realização de seus projetos, levando-nos a observar o quanto sua sensibilidade aproxima-se da função analítica. Impressionou-nos seu despojamento físico e psíquico, capaz de capturar pelas lentes de uma câmera fotográfica a riqueza da natureza e da humanidade, cujas imagens dispensam legendas e tradução.

A outra história foi apresentada por Azambuja (2012), que faz referência a Graciliano Ramos no livro *Infância*, no qual conta ver seu avô tecendo um cesto, e pensa como este trabalho era inútil, e que ele também, ao tecer palavras, vê-se fazendo um trabalho inútil (p. 76). Na psicanálise, também tecemos nossos cestos horas a fio. No divã e na clínica assistimos a diversas tramas humanas, vivenciando-as com seus laços e nós. No prisma de quem está fora do contexto analítico, muitas vezes, o nosso trabalho é tido como “inútil” ou “desnecessário”. Quantas vezes nos questionamos sobre o valor do que estamos oferecendo aos pacientes, principalmente quando se trata de patologias narcísicas, em que somos postos no lugar da insignificância.

A importância que as duas cenas tiveram em nossa mente repousa sobre a semelhança que elas têm com a delicadeza e profundidade da psicanálise. Aquilo que pode ser denominado “inutilidades” é o que conduz ao que há de mais valioso diante de um mundo investido no concreto e no imediatismo. Esse olhar, voltado para a caverna das “inutilidades”, em direção ao que está além da superfície, já faz parte do nosso ser. É ele que conduz à essência do homem, atribuindo valor às pequenas grandes coisas.

Lembramos Manoel de Barros, que era inclinado a “inutilidades” e dizia que “o poema é antes de tudo um inutensílio” (Barros, 1980/2010a, p. 174). A sua poesia caracteriza-se pela palavra em desordem e pela valorização

do que é considerado extremamente trivial e inútil. O poeta apropriou-se do abandono para brincar com os verbos e procurar entre as palavras o que estava em desuso. “Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser. Garante a soberania de Ser mais do que Ter” (Barros, 2001/2010b, p. 410).

Remetemo-nos a outra citação de Azambuja (2012), em que Rilke diz ao jovem poeta: “você tem que se perguntar se é possível viver sem escrever” (p. 76). Nós, analistas em formação, poderíamos fazer esta pergunta da seguinte forma: é possível continuar a vida sem o olhar psicanalítico? É isso! A psicanálise tornou-se um caminho sem volta; já fomos contagiadas pela *peste* prenunciada por Freud, cuja proposta de desvelar o que é invisível e “inútil” já nos despertou o desejo de buscar aquilo que não queremos ver em nós mesmos.

Acreditamos que cada candidato terá sua própria experiência, após o contato com a “peste”, que será vivida de forma particular. Compreendemos, entretanto, ser universal a capacidade humana de sonhar. Diante da falta, criamos a nossa realidade interna, sonhamos e simbolizamos, propiciando um espaço fundamental para o desenvolvimento. “O humano se desvia da natureza criando uma outra realidade, uma outra lógica, que tem suas raízes na fantasia, no onírico, na ficção...”. (Azambuja, 2012, p. 76).

Como disse William Shakespeare (2008, citado por M. Scliar), “somos feitos da mesma matéria que os nossos sonhos”. Essa afirmação parece pertinente quando pensamos sobre o tornar-se psicanalista, uma vez que essa construção faz-se também por meio dos sonhos sonhados durante esse percurso.

Voltemos a Salgado, que designa “Gênesis” “como a harmonia primordial que permitiu toda a diversificação da espécie, o prodígio de que todos fazemos parte” (Salgado, 2014, p. 104). Este conceito aproxima-se da ideia que temos sobre o sonho de vir a ser psicanalista, presente em todos os que procuram pela formação. Apesar de universal o sonho é de propriedade privada e intransferível; cada qual produzirá nele algo absolutamente novo e peculiar.

Na fauna, cada animal desenvolve-se a partir da mesma célula, e sua diferenciação ocorre conforme sua constituição inata e seu ecossistema. Compreendemos o resultado da formação dessa mesma forma, em que essa “criatura de sonhos”, que se arrisca na formação psicanalítica, parte do mesmo ponto: o sonho de ser analista. A fertilidade é que vai nutrir e diversificar a semente do sonho inerente a cada candidato, sendo justamente essa diversidade que constituirá a riqueza do nosso “ecossistema psicanalítico”.

A “Gênesis” a que nos referimos parece fazer sentido com auxílio da citação de Araujo:

no indivíduo que busca formação analítica já se pode notar a presença daquilo que encontrará realização no exercício da sua função analítica, se conseguir conviver com os paradoxos do nosso modelo educacional em que, por vezes a transmissão de uma formação e prática não se distingue de uma doutrinação. (2012, p. 6)

Observamos que, assim como existe no poeta, no fotógrafo e no avô que faz o cesto a disposição de enxergar nas “inutilidades” uma via de acesso às profundezas do homem, também naquele que se propõe a tornar-se analista encontra-se o desejo de enxergar nas “inutilidades” o detalhe capaz de dar luz – representação – ao inconsciente.

Retornemos a Salgado quando diz: “quem não gosta de esperar não pode ser fotógrafo ..., fotógrafos são caçadores de imagens ... à espreita da caça, esperando que ela decida sair de seu esconderijo” (2014, p. 9). Pensamos que, para ser psicanalista, também é necessária a espera, e por isto consideramos a paciência como um requisito primordial para o exercício da função analítica.

A paciência é descrita pelo *Dicionário moderno Michaelis* (2009) como “Qualidade de quem espera com calma o que tarda. Perseverança em continuar um trabalho, apesar de suas dificuldades e demora ...”. Trata-se,

portanto, de disposição à espera e, no caso do psicanalista, de um processo consistente de análise pessoal e de conhecimento técnico e teórico que lhe dê suporte para manter-se, o máximo possível, na sua função analítica. Descobrimos nessa trajetória que sempre haverá algo acontecendo na relação paciente-analista, e que não há como mudar o ritmo dela. Resta-nos desenvolver a virtude da paciência e esperar, à espreita, por nossa caça, o tão almejado inconsciente.

Zimerman orienta a:

não confundir essa “paciência boa”, exigida ao analista, com uma resignação passiva (à espera que Deus ajude): antes, paciência, do ponto de vista psicanalítico, alude a um estado mental de muita atividade, que requer respeitar o tempo e o ritmo do paciente... (2008, p. 196)

O resultado de uma formação psicanalítica difere para cada candidato, já que se trata de um processo espontâneo e incerto, dependente, sobretudo, da capacidade de suportar a incompletude inexorável do homem. Se a falta for suportada, e estiver a serviço da maturidade emocional, é possível, a nosso ver, que a função analítica seja internalizada naquele que a deseja.

Azambuja possui o seguinte entendimento sobre o tornar-se analista:

na nossa marcha para nos formar analistas, por vezes encontramos parcerias, diálogos ... Então, caminhamos juntos. Contudo, às vezes nos vemos diante das adversidades institucionais, ou mesmo diante de adversidades de um determinado momento histórico, e é necessário que tenhamos que lidar com nossa solidão, encontrando sendas próprias. É nessa alternância que se encontra, no meu entendimento, a nervura da formação analítica. É aí que nos tornamos analistas. (2012, p. 84)

Assim como a visualização do arco-íris depende da posição relativa do observador entre o sol e a chuva, o psicanalista também precisa viver

suas transformações temporais e climáticas para ocupar um lugar propício na criação do seu arco-íris, composto por teorias, projeções, introjeções, identificações, transferências etc., que darão o colorido que o identificará. A lenda nos diz que ao final do arco-íris existe um pote inesgotável de ouro, e com esta ilusão inicial fomos conduzidos a um tesouro de maior valor: a possibilidade de desvelar o inconsciente.

Assim Levy descreve a transformação do objeto no analista em formação:

Espera-se que ao final da análise de formação, o futuro analista tenha desenvolvido a capacidade de depender de sua mente como se depende de um objeto continente, para conter, transformar e, assim, compreender e conhecer suas experiências emocionais ... O futuro analista deverá ter descoberto que possui dentro de si objetos internos – o próprio método psicanalítico, diversas teorias e identificações – que virão “socorrê-lo” quando precisar compreender uma experiência emocional, sua ou de seu paciente. (2007, p. 43)

Vivenciamos um sentimento crescente de que somente com um mergulho corajoso na formação nossa de cada dia poderemos encontrar a paciência, sob forma de atividade mental, para suportar o difícil lugar de analista em formação. Compartilhamos com Levy que, ao final da formação, o futuro analista deverá ter desenvolvido a capacidade de depender de sua mente, pois somente assim será possível tolerar o lugar do não saber.

Descobrimos que a tão esperada maturidade nos desaponta constantemente, encaminhando-nos para a contramão do movimento natural, gerando desencontro oportuno entre ilusão e realidade. Ainda assim, permanece a crença de ser justamente nas “inutilidades” que encontraremos a possibilidade de iluminar a nossa verdade. E, com paciência, seguimos em frente...

## Referências

- Araujo, L. N. O. de. (2012). Para além da formação analítica: a ética das relações na instituição psicanalítica. *Notícias – FEBRAPSI, Federação Brasileira de Psicanálise*, 47 (XIV).
- Azambuja, S. C. de (2012). Cartas a um jovem psicanalista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46 (1), 75-85.
- Barros, M. de (2010a). Arranjos para assobio. *Poesia completa*. São Paulo: Leya. (Trabalho original publicado em 1980)
- Barros, M. de (2010b). Tratado geral das grandezas do ínfimo. *Poesia completa*. São Paulo: Leya. (Trabalho original publicado em 2001)
- Dicionário moderno Michaelis* (2009). Recuperado em 6 de fevereiro de 2015, de <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=paci%eancia>.
- Granier, J. (2009). *Nietzsche* (D. Bottmann, trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Levy, R. (2007). A responsabilidade ética na transmissão da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (4), 39-52.
- Salgado, S. (2014). *Da minha terra à Terra / Sebastião Salgado com Isabelle Francq* (J. da R. Simões, trad.). São Paulo: Paralela.
- Shakespeare, W. (2008). *A tempestade*. Citado em M. Scliar. Entre o sonho e a ficção. *Mente e Cérebro-Scientific American*. Recuperado em 14 de fevereiro de 2015, de [http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/entre\\_o\\_sonho\\_e\\_a\\_ficcao.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/entre_o_sonho_e_a_ficcao.html).
- Zimerman, D. (2008). *Vivências de um psicanalista*. Porto Alegre: Artmed.

Luzia de Souza Patusco  
luziapsic@hotmail.com

Luziclaire Colnaghi Silva  
luzi\_psico@hotmail.com



## Formar-se ou ser formado analista?

Denise de Sousa Feliciano,<sup>1</sup> São Paulo

Resumo: Numa narrativa construída em estilo coloquial e bem-humorado, a autora descreve seu percurso de formação no Instituto de São Paulo. Através das experiências vividas durante esse percurso e evocações de outras épocas de sua vida, compartilha seus medos, idealizações e fantasias que o impacto institucional lhe suscita, na gradativa apreensão da identidade analítica.

Palavras-chave: formação em psicanálise, vivência institucional

Desde que li a proposta da ABC de que escrevêssemos algumas linhas sobre a formação para o *Construções*, tenho evocado episódios e vivências que me acompanham nos últimos nove anos no Instituto de São Paulo. Temendo um relato puramente testemunhal e autorreferente, procurei me distanciar em textos sobre o tema, chegando à evidente constatação de que não há como não mencionar o próprio percurso se se quiser produzir um texto legítimo e encarnado. Este, porém, não deve ser um modelo a ser seguido por quem quer que seja, pois é a conquista pessoal que consolida sua essência. E dessas singularidades se constrói um ambiente de formação pluralista.

A diversidade que deriva dessas trajetórias ímpares, somada às diferentes abordagens sobre autores e temas, é o que faz a riqueza da formação em nossa Sociedade. Poder frequentar salas com diferentes idiomas e personalidades é uma oportunidade para nos desapegar dos modelos idealizados que construímos *a priori*, e nos confrontar com a inevitável

1 Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

necessidade de nos tornarmos únicos em nossa identidade de analistas. Enquanto estamos aderidos a autores e mestres, permanecemos presos a objetos que não nos pertencem, e não nos apropriamos do analista que precisamos internalizar, cuja liberdade sustentará o eixo fundamental no exercício clínico com nossos pacientes.

Mas como essa identidade se constrói?

Tomando como analogia o modelo de Winnicott sobre o *Desenvolvimento Emocional Primitivo*, lembramos que o bebê traria consigo as potencialidades e sobretudo a criatividade que lhe permite a ilusão de “criar” o seio, desde que a mãe tenha sido capaz de disponibilizá-lo para ser descoberto a seu tempo. O trabalho é do bebê, mas é a possibilidade de que a mãe se mantenha tão próxima quanto possível e tão distante quanto necessário, de modo que não seja intrusiva, mas capaz de ampará-lo, que permitirá a suas competências aflorarem. Penso que o analista se forma num semelhante interjogo que se constitui entre ele e a instituição, com todas as suas derivações.

E então nos defrontamos com os mecanismos pensados pela instituição para que isso aconteça: análise didática, seminários teóricos e clínicos, supervisão, relatórios... Esses últimos por vezes viram quase “vilões” e são postergados, pela ideia persecutória de que seriam as provas que avaliariam nossa aptidão para psicanalisar. Mas como mensurar e demonstrar essa capacidade? A meu ver, cada uma dessas propostas constitui um problema. No modelo adotado pelo Instituto de São Paulo teríamos que ter em análise, com frequência de quatro vezes semanais, um paciente adulto por um período mínimo de dois anos, sendo acompanhado por um supervisor didata. Grande desafio! Durante os primeiros tempos testemunhei alguns de meus colegas se desesperarem com a ameaça de parada do “paciente do relatório”. Cheguei a escutar histórias de acordos feitos com pacientes, sem falar da sedução velada que a situação parecia produzir. Verdadeiro paradoxo: não ser psicanalista para supostamente ser reconhecido como

um. Curioso como agora percebo que não escuto mais essas coisas. Parei de me preocupar com elas, ou isso não acontece mais?

Preocupada em me comprometer com uma formação que me soasse legítima, tentava não cair no que julguei serem armadilhas. Queria ter pacientes. Cadastrei-me no Centro Clínico, lugar institucional que *garantiria* os pacientes de “análise de quatro vezes”. Afinal, eles eram informados da necessidade de quatro sessões semanais, e seria psicanálise por um preço muito reduzido. Na prática isso não ocorria na maior parte dos casos. Como todos queremos ter pacientes, era frequente uma postura complacente de aceitar que viessem menos vezes por semana. A complacência mina o trabalho analítico, mas é bem difícil sustentar a firmeza necessária que uma análise impõe. Sobretudo sob a ameaça de *morte da psicanálise* e a necessidade de adaptar-se a um mundo sem tempo, sem dinheiro, sem desejo... sem mente.

Eu, de teimosa que sou, e acompanhada por um supervisor e analista que ainda têm fé na psicanálise, propunha que viessem as tais *quatro vezes semanais*, não para cumprir com um método, mas porque realmente sabia que isso era bom. Quando entrei no Instituto eu já contava com a experiência de estar em análise havia sete anos, que tinha evoluído de *três* para *quatro sessões* ao longo desse período. Os pacientes chegavam, eu propunha as quatro, e eles aceitavam três, ou aceitavam as quatro, e vinham duas... ou uma. Portanto, eu tinha os pacientes de quatro, mas só teoricamente. Não ficavam dois anos. Ficavam um, um e meio, seis meses. Eram processos interessantes, ricos, que eles pareciam aproveitar, mas de repente iam embora. Estranhava que as rupturas sempre acontecessem em momentos incríveis de iminentes mudanças. Talvez não fosse coincidência, pensava. Hoje sei que não era.

O fato é que, como os “rebeldes pacientes” não cumpriam as “normas” que lhes dariam o estatuto de *meu paciente do relatório*, ficavam relegados a ser “pacientes comuns”. Mas eu seguia conversando com meu

supervisor... Eram conversas ótimas! Sempre saía mergulhada em reflexões, ideias, descobertas, entusiasmos e frustrações. Um dia eu seria como ele, *sonhava*, e eu saberia o que dizer, como fazer deles pacientes de análise, e não os deixaria ir embora. Doce (e necessária) ilusão! Depois de quatro anos resolvi que era hora de encerrar a supervisão. E como é que eu iria escrever o relatório sem um *caso adequado*? Não escrevi.

Resolvi dar um tempo e “ficar com as crianças”<sup>2</sup>, porque afinal as crianças ficavam comigo! O mais emblemático foi um menino que atendi durante oito anos. Ele havia chegado com 2, encaminhado pela creche por ter rompantes de desespero e bater a cabeça na parede até ferir. Havia dito para a mãe que era psicótico. Eu decidi não acreditar. Não foi um trabalho fácil, mas foi fascinante! Ele foi-se revelando uma criança inteligente e criativa. Um dia me pediu alta, ele mesmo, e achei que tinha razão, estava ótimo! Ficou bem mais que os famigerados “dois anos” e exigiu de mim e de meu supervisor que descobríssemos como ajudá-lo em seu inferno pessoal. Mas atendimentos com crianças não valiam para relatórios de formação, nem para “atestar” que eu me formava analista. Continuei esperando chegar meu paciente *candidato ao relatório*. O vilão era eu mesma, que não podia me movimentar, e fiquei engessada por parâmetros de um suposto “Regulamento”, com R maiúsculo!

Frustrada e me sentindo uma analista menor, porém intrigada com essas questões, concluí que, mesmo tentando evitar as armadilhas, eu estava capturada por aspectos superegoicos de um modelo de analista que às vezes me embotava a capacidade criativa. Possivelmente a espontaneidade com a qual eu atendia crianças sem ter que *provar* ser analista, apenas ser, me permitia estar mais inteira com elas, ainda que não faltassem as dúvidas e angústias próprias desse nosso lugar. Hoje, entretanto, tenho mais claro que a possibilidade de seguir em frente num processo psicoterapêutico ou psicanalítico depende também de fatores que são alheios ao analista. Meus pacientes que se foram em meio a grandes descobertas provavelmente se

2 Pacientes crianças.

assustaram e não foram capazes de transpor seus limites. Acho difícil precisar o que de meus próprios limites de analista contribuiu para esse movimento de suposta fuga e o que era peculiar às condições de cada um. Tendo a acreditar que eu não era tão livre com meus pacientes adultos como o era com as crianças.

E por que eu não estava livre?

Porque a diversidade nos expõe às mais diferentes formas de pensar e de ser. Vi e vivi algumas experiências que me tolhiam a liberdade. Otto Kernberg tem um texto lindíssimo sobre essas questões<sup>3</sup>. Vindos de colegas “muito graduados”, observações, tons ou mesmo simples olhares podem ser custosos pela força que têm. Em geral “acusamos” o superego do analista, sem, contudo, relativizar que o ambiente pode ser devastador mesmo para mentes fortes. Houve um período em que minha analista me apontava uma possível perda de espontaneidade na análise e provavelmente fora dela. Eu não concordei de início, mas em uma sessão evoquei um antigo episódio que me fez pensar:

Aos 18 anos arranjei meu primeiro emprego, numa conceituada multinacional. Iniciava também a faculdade de Psicologia e me sentia entusiasmada e curiosa com o universo que se descortinava. Divertia-me com meu trabalho, pois era fonte constante de descobertas. Tanto que, certa vez, num rompante de empolgação, corri pela empresa afora e quase “trombei” com o presidente... Que vergonha de minha criancice e “falta de compostura”! Aos poucos passei a trabalhar de salto alto, falar baixo e “ser comportada”. Cerca de vinte anos mais tarde fui aprovada no processo seletivo da SBPSP e iniciei os seminários. Sentia-me como a criança curiosa e entusiasmada daqueles tempos de adolescência. Que rica e privilegiada oportunidade a de pertencer a tão seletivo grupo! Fui acolhida por colegas, professores e funcionários. A disposição e animação faziam parte dos meus dias, como no *début* de minha vida profissional.

3 Kernberg, Otto. Trinta maneiras de destruir a criatividade dos candidatos à psicanálise. *Percurso*.

Fascinada com a recente descoberta de Bion e voltando a ler os textos de Freud, achei que algumas das premissas de Bion já estavam nas entrelinhas de Freud. Comecei a brincar que Freud era muito bioniano! Uma inversão temporal bem-humorada que pretendia chamar a atenção de meus colegas para esse fato. Era um pouco irreverente, mas eu não achava que aquele fosse um território sagrado.

Com o tempo fui percebendo que a religiosidade estava bem mais presente entre nós do que nos apercebemos. Ainda que nunca faltem discursos sobre os perigos de nos engessarmos e criarmos ídolos e deuses. Provavelmente porque a liberdade de pensar, desmistificar e questionar é continuamente atropelada por nossa tendência a nos manter seguros em dogmas e certezas. É uma erva daninha para tirarmos dia a dia, sabendo que jamais poderemos evitá-la, mas podemos sempre recuperar nossa mente livre.

E no consultório...

Há pouco mais de três anos passei a ter pacientes adultos que ficam mais tempo em análise e sustentam suas três ou quatro sessões semanais comparecendo a elas. Hoje estou atenta ao fato de que isso é uma conquista de cada análise, e não é nada simples. Atendi um jovem durante três anos, que parou a análise para fazer doutorado em outro país. Veio às sessões até a semana anterior à viagem. Durante o último ano fazia quatro sessões às 7 da manhã e não faltava. Mas tinha começado com duas, depois três. Sua dedicação e empenho em fazer análise permitiram que conversássemos muito sobre as vicissitudes do número de vezes semanais e sobretudo das quatro vezes: medos, armadilhas, sabotagens etc. Enfrentar isso o manteve em análise. Condição dele ou minha? De ambos.

Outra paciente no mesmo período também se dedicava e era fiel às suas três sessões. A experiência de quatro, porém, causou visíveis sustos e reações. Conversávamos sobre o efeito que me ver mais vezes e estar mais perto suscitava. Um dia chegou assustada, só para se despedir.

Abruptamente, sem que eu tivesse percebido sinais dessa ruptura. Não pude evitar.

Atendo uma pessoa que tem quatro horários, mas sua agenda raramente permite que ela venha a todos eles (a agenda!). Tenho tentado convidá-la a pensar sobre as impossibilidades. Ela tem faltado...

Nítido foi quando recebi alguém para entrevista que me dizia querer fazer duas vezes, não três, sem que eu tivesse dito nada a respeito de frequência ainda. Perguntou-me se eu achava pouco, e respondi que não sabia, mas que poderíamos, sim, começar com duas. Postura essa que, reconheço, não tinha nos anos iniciais de minha formação. Havia ficado com alguns conselhos de colegas em mente: “Se você aceitar menos sessões, vai ser difícil aumentar depois”. Assim como não queria ceder à profecia de outros: “Pacientes *de quatro* não existem mais, é lenda nos dias atuais”. Assustada, tratava logo de “firmar um contrato”... Ledo engano. Leva tempo para isso, muito trabalho e alguma sorte também.

Mas essa é a *minha* experiência e verdade, assim como os conselhos que me deram são também suas verdades. O manejo é pessoal e intransferível. E, para mim, essa é a graça de se tornar analista.

## Referência

Kernberg, O. Trinta maneiras de destruir a criatividade dos candidatos à psicanálise. *Percurso*.

Denise de Sousa Feliciano  
denisefeliciano@uol.com.br



# Construções: pensando a formação psicanalítica

Fernanda Monteiro Lorenzon,<sup>1</sup> Vitória

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo pensar a questão da construção da identidade do analista, com base no estudo do texto de Freud *Construções em análise*. No momento de conclusão de seu segundo ano de Formação Psicanalítica no Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, a autora levanta um questionamento sobre o próximo período de sua formação (chamado de qualificação) com a seguinte pergunta: o que qualifica um psicanalista para o exercício de sua função? Este artigo reúne seus esforços na tentativa de compreender o que está envolvido num processo de Formação Psicanalítica, entendido pela autora como um percurso de construção da identidade analítica.

Palavras-chave: construções, identidade do analista

O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto.

José Saramago

## Introdução

A ideia de escrever este trabalho surgiu com o estudo do texto de Freud *Construções em análise*, efetuado durante um semestre, nos seminários do curso de Técnica Psicanalítica, ministrados em nosso Instituto pela profa. dra. Celmy de A. Araripe Quilelli Correa e a profa. dra. Sherrine Maria Njaine. Ao final do curso foi solicitada uma breve reflexão a respeito do tema estudado. A dificuldade em começar a escrever me fez pensar em que tipo de resistência estava envolvida nessa tarefa. O primeiro pensamento foi com relação ao texto freudiano estudado. Como pôde um texto aparentemente simples, trabalhado ao longo de todo um semestre, não

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, SBPRJ.

estar suficientemente claro em minha mente? Senti que não havia introjetado as ideias nele presentes, eu o havia apreendido em algum nível, mas ele ainda não fazia parte de minha mente, de meu repertório psíquico, de minha arqueologia. Não havia uma apropriação interna do texto, e isto poderia estar obstruindo minha capacidade de criar e escrever algo sobre ele.

Ainda com tudo isso em mente, no fluxo dos pensamentos livres, me dei conta do momento em que estou da Formação em nosso Instituto, concluindo o período introdutório e entrando no período de qualificação. Pensando nessa passagem, as seguintes perguntas surgiram: o que qualifica um analista para o exercício da profissão? Em que momento ele está qualificado? Por que na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro tínhamos um período chamado de “qualificação”? Percebi então que a dificuldade em me apropriar afetivamente de *Construções em análise* estava intimamente ligada ao processo, em curso, de construção de minha identidade analítica, e por essa razão tentarei associar as duas ideias de construção.

### Construções em análise

Freud, no início de seu texto *Construções em análise* (1937/1976c), traz a opinião de um conhecido homem de ciência, que ele considerou depreciativa e injusta. Disse esse homem: “ao fornecermos interpretações a um paciente, tratamo-lo segundo o famoso princípio *Heads I win, tails you lose*”. Considerando esse princípio, o analista estaria sempre com a razão e seria o detentor de um saber absoluto, um decodificador de sinais.

Avançando um pouco mais no texto e discordando dessa opinião, Freud associa o trabalho de construção em análise ao trabalho de um arqueólogo, apontando, porém, algumas diferenças entre eles. Diz assim:

Os dois processos são de fato idênticos, exceto pelo fato de que o analista trabalha em melhores condições e tem mais material à sua disposição para ajudá-lo, já que aquilo com que está tratando não é algo destruído, mas algo que ainda está vivo... (p. 227)

E, mais à frente, chamando a atenção para as especificidades do trabalho analítico, diz:

Há apenas dois outros fatos que pesam contra a extraordinária vantagem que assim é desfrutada pelo trabalho de análise, a saber, que os objetos psíquicos são incomparavelmente mais complicados do que os objetos materiais do escavador, e que possuímos um conhecimento insuficiente do que podemos esperar encontrar, uma vez que sua estrutura mais refinada contém tanta coisa que ainda é misteriosa. (p. 278)

Entendo que, ao dizer que a psicanálise trabalha com a arqueologia de material vivo, Freud indica que o processo analítico ocorre num terreno movediço e de alta densidade emocional. Acredito que por essa razão dedicou-se, em vários momentos de sua obra, a fazer recomendações importantes tanto aos pacientes que vão se tratar com psicanálise, quanto aos profissionais que vão tratar seus pacientes com o método. Podemos encontrar em *Recomendações aos médicos que exercem psicanálise* (Freud, 1912/1976a) e também em *Dois verbetes de enciclopédia* (Freud, 1923[1922]/1976b) apontamentos freudianos que acenam para a complexidade do tratamento psicanalítico.

Cristopher Bollas, em seu livro *A questão infinita* (2002), avança um pouco mais nesse tema, quando, pensando nas especificidades do trabalho psicanalítico, cunha a expressão “par freudiano”. Diz ele que “o método inovador da escuta de Freud respeita essa complexidade e incentiva o analista a encontrar o analisando em uma área intermediária, onde compartilham o mesmo estado mental” (p. 33).

E um pouco mais adiante afirma: “Vivemos com nossos pacientes, de inconsciente para inconsciente” (p. 41).

Vemos, com as preciosas contribuições de Bollas, que, além de todas as especificidades e nuances do psiquismo do paciente, a pessoa do analista é incluída no processo, e seu inconsciente passa a ser instrumento da

análise, incluindo sua capacidade de oferecer-se ao paciente como objeto da transferência, de interpretar e de suportar viver temporariamente na inquietude das incertezas.

Sendo assim, o vínculo entre o par analista-analisando e as construções que podem emergir daí viabiliza a expansão da mente de ambos e possibilita a abertura de novos afluentes psíquicos num rio que anteriormente só tinha uma única direção. Portanto, a condição de o paciente melhorar está intimamente ligada à capacidade do analista em analisar.

Destaca-se, então, o caráter processual do trabalho analítico que vai sendo artesanalmente construído entre a dupla. Assim diz Freud (1923[1922]/1976b):

Só o curso ulterior da análise nos capacita a decidir se nossas construções são corretas ou inúteis. Não pretendemos que uma construção individual seja algo mais que uma conjectura que aguarda exame, confirmação ou rejeição. Não reivindicamos autoridade para ela, não exigimos concordância direta do paciente, não discutimos com ele, caso a princípio negue. Em suma, conduzimo-nos segundo o modelo de conhecida figura de uma das farsas de Nestroy – o criado que tem nos lábios uma só resposta para qualquer questão ou objeção: Tudo se tornará claro no decorrer dos desenvolvimentos. (p. 283)

### **Construção da identidade do analista**

O texto *Construções em análise* nos põe diante de um método no qual somos lançados na direção das incertezas, exigindo que o trabalho do analista se processe num contexto de constante investigação e questionamento sobre o que se passa com o paciente e com ele próprio, analista.

Considerando então a proposição de Freud de que o analista seja sempre um investigador insatisfeito, a sua identidade não pode, portanto, ser pensada em termos estáticos, como algo a ser alcançado, mas sim como algo que estará permanentemente em processo de busca e transformação.

Partindo desse pressuposto, caberia pensar que “formar” (fazer a formação) seria convidar o analista a um constante questionamento sobre si mesmo, sobre seu trabalho clínico e sobre as teorias estudadas.

Volto aqui, neste momento, à pergunta sobre o período de qualificação, assim chamado em nosso Instituto: o que qualifica um analista para o exercício da profissão? Em que momento ele está qualificado?

Se qualificar for pensado em um de seus sentidos do dicionário (reunir condições para), a Formação Psicanalítica ficaria reduzida e limitada a uma tarefa informativa, à aquisição de conhecimento, e estaria bem distante das proposições de Freud acerca de seu método.

Se considerarmos, entretanto, seu outro significado (atribuir qualidade a), voltamos a nos aproximar da proposição freudiana envolvendo o termo “construções”. O período de qualificação estaria assim associado à expansão da capacidade do pensar criativo do analista, uma vez que, em nossa Sociedade, este é um período propício para o candidato entrar em contato com a diversidade do pensamento psicanalítico e, a partir daí, expandir suas capacidades de pensar, de duvidar e de questionar seu trabalho clínico e as diversas teorias estudadas com as quais se identifica ao longo do processo.

Altamirando Matos de Andrade Júnior (2014), em recente congresso da Fepal, acontecido em Buenos Aires, apresentou um trabalho sobre a Formação Psicanalítica, no qual dizia:

A construção da identidade analítica se dá através de um vai e vem contínuo entre o que sentimos, somos e o que aprendemos. Entre os diversos autores e figuras importantes que tomamos como referência, construímos e desconstruímos romances familiares e vamos neste percurso construindo uma identidade calcada também em nossa experiência clínica.

Estamos continuamente num processo de elaboração de nossas ideias e modelos identificatórios, o que nos faz estar num longo processo de

desenvolvimento de nossa identidade psicanalítica e também numa formação analítica interminável. (p. 6)

A construção da identidade do analista, nesses termos, seria então uma busca constante, ou, nas palavras do autor, interminável, e o período de qualificação (assim chamado em nosso Instituto), um “atribuir qualidades”, no qual o candidato em formação vai fazendo suas identificações e escolhas, ganhando colorido, contorno e qualidades próprias para suportar cada vez mais o encontro com o sofrimento mental e com a dor psíquica de seus pacientes.

### Referências

- Andrade Júnior, A. M. (2014). História, mitos, sonhos e construção da identidade do analista. Pensando em termos de América Latina. *30º Congresso da Fepal*. Buenos Aires.
- Bollas, C. (2012). *A questão infinita*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1976a). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1976b). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923[1922])
- Freud, S. (1976c). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Saramago, J. (1997). *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fernanda Monteiro Lorenzon  
fernandabmonteiro@yahoo.com.br

## A função da instituição na construção da identidade do analista: relato de uma experiência em grupo

Arlindo Gomes Ribeiro, Fabiana Elias Goulart de A. Moura, Luciano Bonfante, Luzdalma de Maio Barbosa Vieira, Marta Maria Daud e Marystella Carvalho Esbrogeo,<sup>1</sup> Ribeirão Preto

Resumo: O trabalho relata uma experiência de grupo como membros da diretoria da Associação de Membros Filiados de um Instituto de Psicanálise. E traz algumas reflexões sobre a importância do trabalho institucional, bem como sobre os limites e riscos deste trabalho. Aborda o processo de formação analítica na formação de identidade, a idealização como um processo inicial importante, que dentro de um processo evolucionar irá caminhar para desmistificação. A convivência na Instituição psicanalítica tem a possibilidade de constituir um espaço criativo de trocas e interações importantes para o desenvolvimento pessoal e profissional em aspecto amplo.

Palavras-chave: formação do analista, grupo de trabalho, Instituição

Não somos o que pensamos ser. Somos mais; somos também o que lembramos e aquilo que esquecemos, somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos, sem querer.  
(Freud, 2010)

A experiência relatada nesta comunicação refere-se a um grupo que iniciou seus trabalhos à frente da diretoria da Associação de Membros Filiados do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), durante o biênio de 2010-2011. Consideramos

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, SBPRP.

a Instituição como um espaço criativo e enriquecedor que possibilita o trabalho em grupo e o desenvolvimento individual. O relato é importante por ter contribuído para a construção da identidade de psicanalistas em formação, que puderam usufruir dessa experiência para se constituir enquanto analistas. Isso se tornou possível graças ao desenvolvimento de um grupo de trabalho. Assim, como descreve Bion (1975, p. 88), “quando um grupo se reúne, ele reúne-se para uma tarefa específica e, na maior parte das atividades humanas de hoje, a cooperação tem de ser conseguida por meios refinados”. O grupo terá então que trabalhar para manter a cooperação e driblar os obstáculos de funcionamento, os supostos básicos, sendo esse trabalho efetuado por meio do aprender com a experiência.

Quando um membro filiado sonha com a formação psicanalítica, o que engendra esse sonho? Nesse percurso profissional vamos, gradualmente, construindo internamente uma identidade, algo que ultrapassa a qualificação profissional: um tornar-se. A formação psicanalítica na Sociedade é uma possibilidade para isso acontecer, mas depende também de como as experiências são vivenciadas, individualmente e/ou em grupo. Esse movimento, do instituído ao individual, vai em direção a um “ouvir” ou “atender” os anseios que possam possibilitar a formação e transformação do próprio ser. E quais seriam esses anseios? Estariam ligados a um sentimento de pertencimento? De realização? E/ou a uma condição favorável a apropriar-se das próprias ideias e vivências? Esse processo de amadurecimento profissional contempla uma gama de experiências, matéria-prima para o psicanalista em formação.

### **A instituição**

A formação psicanalítica na SBPRP segue o modelo base preconizado pela International Psychoanalytical Association (IPA), conhecido como modelo Max Eitington, apoiado em três pilares fundamentais: análise pessoal, supervisão e seminários clínicos e teóricos. Esse modelo não surgiu como conhecemos hoje, mas da preocupação de Freud em proteger

a psicanálise (Herrmann, 2008). O membro filiado (MF) encontra uma estrutura em funcionamento. Essa estrutura, denominada Instituição, é a mesma que definiu o tripé de formação psicanalítica, e que, a partir da abertura de uma figura triangular, completa um quadrilátero consigo própria. Portanto, esse quarto pé, ou quarto eixo, é uma construção, uma vez que vai se juntar ao modelo do tripé. Com base em Alonso (2005), desenvolvemos a ideia da formação em um processo de construção de forma dinâmica que parte do individual, mas que também envolve um aprendizado passado de geração em geração. É transmitido ao MF um conhecimento formal que aos poucos pode ir se transformando, sendo inovado com as experiências pessoais e grupais.

A formação de psicanalistas na SBPRP é iniciada pela composição de grupos fechados, denominados “turma”, depois da seleção feita pelo Instituto da Sociedade. A Associação dos Membros Filiados (AMFIP) é, então, legada à nova turma; esta deve assumi-la com todas as suas formalidades, como registro, assembleia, chapas que concorrem para a constituição da diretoria, tesouraria, com a indicação de um contador etc. A nova turma, em processo de aproximação e reconhecimento, é requisitada a formar um grupo para substituir a diretoria anterior da Associação. Esse movimento, quando bem-sucedido, transmuta-se, converte-se de agrupamento de MF em grupo de trabalho (Bion, 1975). Uma vez funcionando, há a aproximação entre os pares, e destes com a Instituição, de forma que essa relação possa estreitar-se. Um facilitador desse processo é uma genuína disponibilidade interna de estar em grupo, em vez de apenas cumprir obrigações institucionais com a formação.

Quando o MF inicia a formação psicanalítica, pode trazer a idealização que o impulsiona a ir ao encontro de um saber, capaz de ampliar seus recursos psíquicos para lidar com a mente humana. Essa idealização, de início necessária, é resquício da construção psíquica, em que os pais idealizados serão paulatinamente desconstruídos para dar lugar às experiências calcadas na realidade e na experiência emocional. Assim, se não houvesse

idealização, não haveria motivos para ouvir, aprender, confiar e se identificar com seus modelos, com seu grupo e com a própria identidade analítica (Calich, Hartke, Levy, & Lewkowics, 1991).

No entanto, há nesse processo o risco de regressão e infantilização, que podem impregnar as relações do indivíduo com a Instituição. Segundo Susana Muszkat,

a manutenção do candidato nesse lugar leva-o a uma infantilização prejudicial e incompatível com o desenvolvimento de seus recursos pessoais e sua formação para exercer-se enquanto analista com uma mente própria. (2009, p. 55)

Se as instituições responsáveis pela formação de psicanalistas tendem a manter lugares definidos de poder, oferecendo respostas asseguradas e perpetuando as idealizações, a consequência pode ser a perda da vivacidade, da singularidade de estilo e da criatividade dos analistas em formação.

### **Nossa experiência**

Ao iniciarmos os trabalhos à frente da AMFIP, sensações de insegurança e desconforto atingiram o grupo todo. A reação inicial consistiu em nos apegarmos a algo que nos oferecesse algum sentimento de organização como asseguramento de que algum instrumento externo nos libertasse do angustiante sentimento de não saber. Para tanto, foram realizadas reuniões semanais, nas quais revisamos os documentos, lemos o estatuto vigente, procurando compreender as funções dos cargos da diretoria da AMFIP e onde estávamos inseridos enquanto representantes de uma categoria.

O benefício do não saber tem potencial para gerar a necessidade de pesquisar, aprender e vir a saber. Com base nesse “não saber”, ao buscarmos informações concretas, fomos construindo a identidade de nosso grupo de trabalho e de psicanalistas em formação. O não saber provoca uma inquietude que movimenta a busca por novos conhecimentos, um

efeito cíclico que não se encerra. Esse processo nos auxiliou na constituição de um grupo de trabalho. Assim, iniciadas as atividades, ao longo da caminhada cada integrante foi descobrindo “como” e com “o quê” poderia contribuir, mantendo sua individualidade e, além disso, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho coletivo.

Aos poucos, as reuniões converteram-se em discussões sobre que atributos desejávamos ou pretendíamos para a Associação na nossa gestão. Longas discussões sobre a identidade institucional, direitos e deveres, o papel da AMFIP dentro da SBPRP foram se transformando em ideias e realizações. No começo, seguimos o modelo da gestão anterior, mas pudemos ousar, criar um novo modelo, que tivesse a “nossa cara”, o nosso jeito, que atendessem as nossas necessidades, para que pudéssemos atender as necessidades daqueles que representávamos.

A liberdade para trabalhar, fosse mantendo projetos anteriores ou apresentando novos, nos fez experimentar, de um lado, a satisfação com a autonomia e, de outro, a responsabilidade por essa liberdade. Com nossa comunicação fluindo, vimos emergir, espontaneamente, uma equipe disposta a trabalhar, valorizando as habilidades individuais no esforço de formarmos um grupo coeso para conduzir a Associação. Segundo Polacchini,

a crença na relação e a inclinação ao respeito a si próprio e ao outro, como parte e força dos processos identificatórios com a psicanálise, é precioso elemento na transmissão da ética psicanalítica, para além da clínica, às relações institucionais e às relações humanas como um todo. (2012, p. 59)

Na ocasião, a transição de diretoria da SBPRP trouxe uma novidade no estatuto desta: a mudança do nome de “candidato” para “membro filiado”, sendo essa opção adotada pelo Instituto de nossa Sociedade. Essa mudança não trouxe consequências diretas do ponto de vista do modelo vigente de formação proposta pelo Instituto. Mas a expressão “membro

filiado” aludia ao processo identitário em cada um de nós e ao lugar que ocupávamos, ampliando o sentimento de pertencimento a essa Instituição.

Realizamos um evento aberto ao público que foi bem-sucedido, em que convidamos para participar um analista didata da nossa e um de outra Sociedade, obtendo, mais uma vez, novos aprendizados, e sabendo que a realização de um evento extramuros significava uma responsabilidade maior. Naquele momento, arriscamos sair das delimitações protegidas do Instituto e passamos a conhecer as regras da Sociedade, gerando um novo movimento em que aspectos da realidade institucional se impuseram.

O empenho atendia às necessidades da nossa Associação, à determinação da Instituição e aos anseios do grupo, porque estávamos conhecendo, aprendendo e participando ativamente daquele momento. Estávamos dentro do sonho de tornar-se candidato, sentindo-nos úteis, conquistando o reconhecimento dos colegas e o sentimento de gratidão pelo aprendizado.

Com base na apropriação do sentido de ser candidato, entendemos a importância de trazer maiores esclarecimentos e interlocuções com as demais instâncias que representam os MF, tais como a International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), a Organización de Candidatos de América Latina (OCAL) e a Associação Brasileira de Candidatos (ABC). Para tal, organizamos um Fórum, com a presença de representantes de cada organização, oferecendo aos demais colegas a oportunidade de vivenciar e também de desenvolver um sentido de pertencimento e responsabilidade que consideramos parte importante do tornar-se analista, um tornar-se sempre, sem SER de fato, pois esta é uma construção permanente. Enfim, essas vivências confirmaram a importância do aprender com a experiência na parceria.

Conversando nos dias de hoje sobre nossa experiência daquele período, podemos rememorar o prazer e o conforto de participar de um grupo livre de competições ou conflitos que obstruíssem a realização das tarefas. Uma boa maneira de constatarmos o vínculo formado entre os membros dessa diretoria da AMFIP foi o fato de termos herdado um grupo de

amigos, mesmo depois do encerramento de nossa gestão de suas funções institucionais e de passá-las a uma nova equipe. Novos projetos surgiram posteriormente, e nossa participação nas atividades institucionais da SBPRP continua intensa.

### Considerações finais

Sabemos que a psicanálise é um processo de subjetivação, e a formação do psicanalista requer o desenvolvimento de habilidades apoiadas em práticas que o preparam para lidar com o novo, implicando a busca de criatividade e estimulando a liberdade em “um olhar transformador”. O processo de educação psicanalítica envolve a transformação da estrutura emocional do membro filiado. Esta transformação não é apenas um objetivo a ser atingido, mas a própria condição para que um indivíduo possa tornar-se psicanalista, ciente da necessária disposição a uma construção contínua.

Segundo Elias Mallet da Rocha Barros,

não basta ter experiências para transformar-se. É preciso compreendê-las, isto é, o elemento transformador que leva a uma ampliação da sensibilidade, a uma educação sentimental, é a fusão da experiência com seu significado emocional, processo este que a torna pensável. Esse processo é necessariamente conflitivo, pois coloca em confronto tendências conservadoras que resistem a qualquer alteração da subjetividade. (2001, p. 257)

Acreditamos que a instituição é um espaço criativo, de trocas de impressões, em que nossas angústias e dilemas podem ser compartilhados no que diz respeito, até mesmo, a nossa prática clínica e identidade como psicanalistas. O envolvimento institucional é necessário não só como reconhecimento social, mas sobretudo pela possibilidade de nos retirar da solidão que nos é imposta pela prática clínica, não raro conduzindo a um isolamento narcisista. É na convivência institucional que estabelecemos as relações sociais, as trocas, a interação e o reconhecimento dos pares,

o estreitamento dos vínculos, favorecendo a sustentação da identidade de cada um e do grupo.

Ao falar do sonho de tornar-se psicanalista e atribuí-lo ao aprimoramento profissional, à sistematização dos estudos, a um título de instituição internacional, ou mesmo ao sentimento de pertencimento defendido aqui, consideramos essencial encerrar nosso relato ressaltando o que acreditamos mover e sustentar tantas motivações: a paixão pela psicanálise. Essa arte ou ciência, ou ambas, é a forma de conhecimento que elegemos para com ela observar a mente humana, e que atinge em nós a duração, a permanência, para seguirmos sonhando.

## Referências

- Alonso, S. L. (2005). Tornar-se analista: variâncias e invariâncias. *Jornal de Psicanálise*, 38 (69), 165-177.
- Barros, E. M. R. (2001). Repensando a educação psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35 (2), 253-264.
- Bion, W. R. (1975). *Experiência com grupos*. São Paulo: Imago.
- Calich, J. C.; Hartke, R.; Levy, R., & Lewkowics, S. (1991). A idealização e seus desvios na formação analítica: novas reflexões. *Revista de Psicanálise, SPPA*, 455-463.
- Freud, S. (2010). Interpretações dos sonhos. *Folha de S. Paulo*.
- Herrmann, F. (2008). Análise didática: uma história feita de críticas. *Jornal de Psicanálise*, 41 (74), 71-111.
- Muszkat, S. (2009). Os paradoxos da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4), 51-58.
- Polacchini, M. A. S. (2012). Transmissão da psicanálise: o valor da formação e da instituição psicanalítica. *Revista Bergasse 19, III* (1), 55-65.

Arlindo Gomes Ribeiro | arlindo@mastercabo.com.br

Fabiana Elias Goulart de A. Moura | fabiana.goulart2007@yahoo.com.br

Luciano Bonfante | lbonfante@netsite.com.br

Luzdalma de Maio Barbosa Vieira | luzdalmavieira@bol.com.br

Marta Maria Daud | mmdaud@hotmail.com

Marystella Carvalho Esbrogeo | marystella@terra.com.br

# Experiências clínicas

Sonhando a formação



## Os contos de fadas e a criação de um espaço onírico

Daniela Prieto,<sup>1</sup> Brasília

Resumo: Relato neste trabalho um caso clínico em que a *rêverie* do analista e o uso dos contos de fadas possibilitaram a criação de um espaço onírico que ajudou a analisanda a elaborar suas vivências e ampliar o conhecimento de si. Clara iniciou o processo analítico referindo um quadro depressivo que teria iniciado cerca de dez anos antes e que foi tratado, sem melhora, com antidepressivos, estabilizadores de humor e psicoterapias. Seu discurso era marcado por muitas lacunas, e ela revelava dificuldade de associar livremente. Suas narrativas conduziam a analista a algumas associações, como uma espécie de sonho em que os contos de fadas emprestavam imagens para simbolizar seus conflitos, especialmente os contos de *Branca de Neve* e *A bela adormecida*. A jovem refletia uma postura que se assemelhava à das referidas princesas à espera de que uma solução para seus conflitos fosse dada pelo outro, denotando marcada passividade. O uso desses contos na experiência com Clara visava a ampliar sua capacidade de sonhar aspectos antes não sonháveis para ela. Clara saiu de seu sono mortífero no processo de análise enquanto falava, quando foi convocada a associar e a pensar. Pôr em palavras seu sofrimento possibilitou-lhe a diminuição de seus movimentos depressivos e de sua tendência à atuação e à somatização.

Palavras-chave: *rêverie*, contos de fadas, atuação

Relato neste trabalho um caso clínico em que a *rêverie* do analista e o uso dos contos de fadas possibilitaram a criação de um espaço onírico que ajudou a analisanda a elaborar suas vivências e a ampliar o conhecimento de si. Pôr em palavras seu sofrimento possibilitou-lhe a diminuição de seus sintomas, que se caracterizavam por movimentos depressivos, tendência à atuação e à somatização.

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília, SBPsb.

### **(Re)Construindo uma história**

Inicialmente, o trabalho analítico com Clara foi marcado pela tentativa de reconstruir sua história pessoal, que parecia muito fragmentada em seu discurso. Ela estava com cerca de 30 anos quando começou seu processo de análise, mas parecia uma adolescente. Expressava um afeto que oscilava entre a tristeza e a dissociação com certa puerilidade.

Clara iniciou o processo analítico referindo um quadro depressivo que teria iniciado cerca de dez anos antes e que foi tratado, sem melhora, com antidepressivos, estabilizadores de humor e psicoterapias. Descrevia noites intermináveis em que não conseguia iniciar o sono. Tinha dificuldades para engajar-se em atividades produtivas, como estudo e trabalho. Revelava sofrimento, ao longo de sua vida, diante de situações de separação e rupturas, quando reagia com processos depressivos.

O casamento de seus pais fora muito turbulento, principalmente devido à infidelidade conjugal de seu pai. O relacionamento de Clara com este foi marcado por vivências de abandono e sensação de nunca ter sido amada por ele. Já sua mãe sofria calada em um casamento insatisfatório e respondia com sintomas psicossomáticos. Como hipótese histórica, é possível supor um comprometimento da capacidade da mãe de prover uma adaptação delicada e sensível às necessidades da criança, em um lar instável em que os pais estavam absorvidos por constantes conflitos conjugais (Winnicott, 1956/2000). Os pais ainda a faziam de confidente, o que sobrecarregava sua mente com conteúdos que não era capaz de processar.

Clara criticava seu pai por seu comportamento em relação às mulheres, porém escolhia objetos de amor semelhantes. Os homens que despertavam seu interesse e sua paixão também se envolviam com várias mulheres ao mesmo tempo. Ela buscava incessantemente esses parceiros, pelos quais não se sentia amada, e reeditava a vivência de sua mãe. Ela punha-se no lugar de vítima, criava condições e escolhia atores para repetir o mesmo enredo. Nessas experiências de paixão, vivenciava muito fortemente as

emoções no corpo, tendo chegado a ter queda de cabelo, vômitos e adormecimento das faces do rosto.

Apesar de sua objeção em identificar-se com a mãe, Clara mostrava características muito semelhantes a ela, como a passividade e a subserviência. Procurava descobrir os desejos do outro para definir a si mesma, como se fosse o que o outro (objeto de amor) desejava.

*C – Antes eu fazia regime para atrair o F. Eu me cuidava para ficar bonita para ele. Tentava descobrir os desejos dele. Agora eu não me cuido mais. Não faço mais exercício.*

*A – Você está me falando que é um ser para outro, que vive para encantar e agradar o outro?*

*A – É (fica pensativa).*

### **A relação analítica**

Eu sentia-me impotente diante dos desafios de ajudar Clara a superar suas dificuldades. Servia como continente em que ela depositava, por identificação projetiva, suas vivências de fracasso e falência. Ela parecia querer que seus fracassos fossem processados pela minha mente para que eu lhe desse um sentido, um significado que ela era incapaz de processar sozinha.

A análise era vivenciada por ela com muito sofrimento, pois mesmo o ato de falar, associar livremente, produzia uma mudança de postura da passividade para a atividade. Queixava-se de que a análise mexia em suas entranhas e de que tinha dificuldade de “tirar coisas de dentro de si mesma”.

Freud (1914/2010) ressalta que o analisando não recorda seu passado esquecido como lembrança, mas sim o atua. Clara apresentava-se no processo analítico como uma massinha de modelar pela qual apresentava uma demanda de ser moldada, já que se sentia perdida e infeliz.

*C – Eu brinco muito. Eu não me sinto pronta para me relacionar. Quando eu brinco, eu tenho energia. Se eu não faço essas coisas, eu fico desanimada. Minha vida é muito bagunçada. Não tem ordem. É tudo tão descompensado. Por isso, eu não consigo dormir direito. O meu sono não tem*

*qualidade, porque é interrompido o tempo inteiro. Agora, eu fico pensando que uma coisa importante que a gente descobriu aqui é que: me tornar mulher está muito difícil (pausa).*

*A – Você falou que as pessoas não te cobram nada. Eu fiquei pensando como você me percebe em relação a isso?*

*C – Você não me cobra. O intuito aqui é de tentar esclarecer os meus pensamentos. Na verdade, eu queria uma receita de bolo: faça isso, faça aquilo (ri).*

O histérico é induzido a expressar suas vivências no corpo, já que isso relembra uma linguagem mais primitiva presente na relação erótica com a mãe. A cura do histérico depende de ele pôr em palavras o que sente, em vez de expressá-lo pelo corpo (Bollas, 2000). Nas palavras de Clara: “Vir aqui mexe muito comigo. Depois eu fico pensando. Não é só uma hora. Demanda muito esforço de mim. Não é fácil e gostoso. É pesado”.

### **Os contos de fadas na experiência com Clara**

A experiência de estar com Clara no *setting* analítico remetia-me a modelos para representar em palavras o irrepresentável para ela. As narrativas de Clara sobre sua vida conduziam-me a algumas associações, como uma espécie de sonho. Nessa perspectiva, os contos de fadas emprestavam-me imagens para simbolizar seus conflitos, entre eles, os contos das princesas *Branca de Neve* e *A bela adormecida*. O uso desses contos na experiência com Clara visava a ampliar sua capacidade de sonhar aspectos antes não sonháveis para ela, como propõe Ogden (2012) sobre o trabalho do par analítico.

O próprio nome fictício escolhido para a jovem, Clara, remete à ideia da princesa dos contos de fadas *Branca de Neve*, cujo destino é marcado pela passividade e pela espera de soluções advindas de fora. Seu nome também remete, por oposição, à ideia de escuridão, como parece ser sua busca de um movimento de permanecer nas trevas, em um mundo mórbido.

A imagem de Branca de Neve tomava frequentemente a minha mente enquanto ouvia os relatos de Clara, pois me parecia haver uma semelhança entre sua história e o enredo desse conto. A cena dessa princesa correndo pela floresta, perdida e amedrontada, assemelhava-se à vivência de Clara diante da vida, em que se sentia desorientada, sem referências de para onde seguir.

*A – Parece que isso te deixou bem mais alegre? (saiu com um rapaz por quem estava interessada).*

*C – É. Por que eu sou assim?... Por que eu fico tão desenergizada quando eu não estou com alguém?*

*A – Isso me fez pensar na Branca de Neve, que precisa do beijo do príncipe para despertar do sono mortífero.*

*C – É. É como se a esperança estivesse no outro. Como eu vou viver como se outro fosse meu remédio? (fica pensativa).*

*A – Eu fico pensando que tem um vazio dentro de você que o outro vem preencher.*

*C – Talvez seja a minha falta de amor próprio. Preciso do outro para caminhar, para viver (fica em silêncio). Eu não sei se não foi isso que levou a me diagnosticarem como bipolar. O meu humor e a minha saúde mental oscilam de acordo com as minhas relações com os outros.*

Outra cena que me ocorria era a da princesa parecendo morta em um caixão de cristal, inacessível e envolvida em um sono mortífero. Clara deitava-se no divã e permanecia imóvel na posição em que são colocadas as pessoas mortas. Essa associação surgiu em minha mente diante da fala de Clara: “Eu me sentia meio que morta, sem forças para nada. Minha vida ficou parada. Eu não evolui”.

Outra fala de Clara que me levava à associação com esse conto e com o de *A bela adormecida* era: “Preciso de alguém que me dê um *start*”. Essa associação de Clara refletia uma postura que se assemelhava à das referidas princesas, à espera de que uma solução para seus conflitos fosse dada pelo outro enquanto dormiam, como o beijo dos príncipes dessas histórias.

Bettelheim (1976/2012) propõe que o conto de Branca de Neve remete essencialmente aos conflitos inconscientes de natureza edípica entre mãe e filha, em que a menina não foi capaz de formar uma identificação positiva com a mãe. A rivalidade de Clara com sua mãe mantém-se encoberta, mas pode ser inferida com base nos conflitos da jovem em se identificar com ela.

Na versão dos Irmãos Grimm, Branca de Neve regurgita a maçã envenenada que a sufocava quando seu caixão é levado pelo príncipe (Bettelheim, 1976/2012). Em relação a Clara, ela sai de seu sono mortífero no processo de análise enquanto fala, enquanto eu sustento o *setting* e o processo analítico. Sai de sua posição passiva e vitimizada quando é convocada a associar e a pensar. Aceitando a relação transferencial, ela pode desengasgar. Comentou, ao falar da análise: “Parece que eu estava dormindo, parece que eu passei dez anos dormindo e agora eu acordei”.

Esse comentário sobre estar há dez anos dormindo remete-me à associação com o conto de fadas *A bela adormecida*. Bettelheim (1976/2012) defende a ideia de que esse conto trata das transformações próprias da adolescência, em que o ensimesmamento ocorre quando se dão processos mentais tão intensos, que não sobra energia para uma ação voltada para o exterior. Essa história adverte que permanecemos em um sono que se assemelha à morte quando não queremos crescer. Essa vertente assemelha-se à história de Clara, já que suas dificuldades tornaram-se mais evidentes na adolescência, quando teve de lidar com as perdas próprias dessa fase da vida, tais como a separação dos colegas da escolarização fundamental e média, a escolha de uma carreira, a perda do corpo infantil e dos pais idealizados. Bettelheim (1976/2012) destaca que evadir-se das tensões da adolescência, das incertezas da vida e refugiar-se narcisicamente, como a princesa Aurora, deixa o mundo inteiro morto, como nesse conto. Esse aspecto aproxima-se das vivências de Clara, em que seu mundo parece todo adormecido, sem vida e cor, como o descreve durante as suas vivências melancólicas: “Tudo parece

meio apagado. Tudo é cinza. Tudo sem cor”. A seguir seus comentários sobre as transformações que a análise lhe possibilitou:

*C – Parece que eu estava dormindo, parece que eu passei dez anos dormindo e agora eu acordei. Eu estou pensando diferente. Eu agora enfrento a vida de frente, não tenho medo da verdade e sou mais otimista. Antes eu ficava com medo de não passar na prova e nem ia fazer. Eu já antecipava o fracasso.*

*A – Você estava dormindo e agora está de olhos abertos, podendo olhar para a vida, organizar-se em relação ao que se passa em torno de você. Acho que resolver conflitos internos liberou energia para você usar em outras coisas.*

*C – É. Eu acordei. Minhas amigas agora ficam reclamando que eu não tenho tempo para elas.*

Bion (1957/1991a) acredita que, no neurótico grave, existe uma personalidade psicótica ocultada pela neurose. O sujeito, quando funciona de acordo com a parte psicótica, não age em resposta à percepção da realidade externa. Procura livrar-se do acúmulo de estímulos, o que aparece em Clara em sua forte tendência à atuação na esfera sexual.

Clara apresentava uma sexualidade com característica adictiva, com a busca desesperada por parceiros sexuais. McDougall (1997) afirma que a economia psíquica subjacente ao comportamento adictivo tem a intenção de dissipar estados afetivos que deem origem a uma tensão psíquica insuportável. Clara tinha dificuldade de tranquilizar-se e de cuidar de si em ocasiões de tensão interna ou externa e buscava no mundo externo a solução para essa falta por meio da atuação.

### **Inibições, sintomas e ansiedade em Clara**

No caso de Clara tratava-se de uma histeria com tonalidades depressivas. Ela construiu defesas no sentido de evitar o sofrimento, principalmente com o uso da repressão e da somatização. Freud (1926[1925]/1980) propõe que a histeria surge da necessidade de desviar as exigências

libidinais do complexo de Édipo. O Eu afasta-se das pulsões desagradáveis pela repressão e as deixa seguir seu curso no inconsciente.

Bion (1962/1991b) postula que a função alfa deficiente leva o sujeito a experimentar dificuldade para sonhar e incapacidade para adormecer ou acordar. Esse aspecto aparecia na dificuldade de Clara de conciliar o sono. Ela não dormia, não sonhava e atuava suas angústias para livrar-se da sobrecarga de estímulos que experimentava. Nesse sentido, as reflexões de Ogden trazem enriquecimento ao caso:

Como é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo não consegue mudar, crescer, nem ser diferente do que foi. O paciente e o analista se empenham em um experimento, nos termos da situação psicanalítica, cujo intuito é gerar condições para que o analisando (com a participação do analista) seja mais capaz de sonhar seus sonhos não sonhados e interrompidos. (2006, p. 173)

### As transformações

A jovem, durante o processo analítico, começou a ter mais consciência da maneira pela qual contribuía para a repetição de enredos em sua vida. Passou a refletir sobre si, diminuiu suas atuações e aumentou sua autoestima. Seu discurso tornou-se mais fluido, menos fragmentado. Começou a trazer sonhos para a análise e a fazer tentativas de compreensão do significado simbólico desses sonhos, como ensaios de autoanálise. Seus movimentos depressivos diminuíram diante das situações de frustração do cotidiano, e ela organizou uma rotina para engajar-se em atividades produtivas, o que a levou a conquistas profissionais. Referiu que a psicanálise a “curou” e a tirou de uma posição de vitimização. Contou que, depois de sua “cura”, toda a sua família começou a cuidar da própria vida, o que se assemelha com a cena de *A bela dormecida* que, ao despertar, acorda também sua família.

Os contos de fadas favoreceram a criação de um espaço onírico na experiência analítica com Clara. Deram margem ao processo de simbolização das vivências da analisanda, contribuíram para a ampliação de sua capacidade de pensar e para a diminuição da atuação e dos processos de somatização. Ofereceram representações para seus conflitos e angústias antes indizíveis e irrepresentáveis.

## Referências

- Bettelheim, B. (2012). *A psicanálise dos contos de fadas* (A. Caetano, trad.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1991a). Diferenciação entre personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In E. B. Spillius (Edit.). *Melanie Klein: desenvolvimentos da teoria e da técnica. Melanie Klein Hoje* (B. Mandelbaum, trad., Vol. I, pp. 69-86). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Bion, W. R. (1991b). *O aprender com a experiência* (P. Corrêa, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bollas, C. (2000). *Hysteria* (M. Seincman, trad.). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras completas* (P. Souza, trad., Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1980). Inibição, sintoma e ansiedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925])
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana* (P. Rondon, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ogden, T. (2006). Esta arte de psicanálise. Sonhando sonhos não sonhados e choros interrompidos. *Livro Anual de Psicanálise*, X, 173-189.
- Ogden, T. (2012). Sobre três formas de pensar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46 (2), 193-214.
- Winnicott, D. W. (2000). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (D. Bogomeletz, trad.) (pp. 399-404, Obras Escolhidas). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)

Daniela Prieto

daniela.yglesias@gmail.com



## O paciente que me sonhou

Catherine Lapolli,<sup>1</sup> Pelotas

Resumo: “O paciente que me sonhou” é um trabalho escrito para tornar manifesto o que esteve latente, por algum tempo, na mente de uma analista em formação, ou em duas mentes em formação, a do paciente descrito e a da candidata autora deste texto. É o mais perto que pude chegar de “Afinal, escrever nada mais é do que um sonho guiado”, de Borges em 1970, e *da transformação conarrativa* proposta por Ferro, conquistas valiosas da minha formação analítica que eu gostaria de compartilhar com os colegas da ABC. “O paciente que me sonhou” ensinou-me um pouco de Bion, sobre sonhar nossas experiências e sobre fazer algo para o leitor, recriar o que aconteceu durante o encontro com o paciente para tentar entender e transmitir a experiência passada. Escrever este trabalho também mostra meu encontro e encanto com Ogden (2010) e seu entusiasmo com a escrita analítica, palpável nestas palavras: “a escrita analítica envolve necessariamente a criação de uma obra de arte, pois o escritor precisa utilizar uma linguagem de um modo astuto para criar para o leitor uma experiência de leitura, uma sensação não somente dos elementos essenciais de uma experiência analítica que o autor teve com um paciente, como também a música do que aconteceu naquela experiência”. Com este texto, desejo aos nossos leitores de *Construções* que Freud, Ogden, Ferro, Bion e muitos Georges nos inspirem com seus sonhos!

Palavras-chave: formação analítica, sonho

*Somos quem podemos ser,  
Sonhos que podemos ter.*  
Humberto Gessinger (1988)

Antes da virada do último milênio, concluí minha residência médica em Psiquiatria e comecei a trabalhar, mas levarei ainda mais alguns anos de formação analítica para *sonhar* meus pacientes, a mim própria e para

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Pelotas.

*acordar* para o inconsciente. E também preciso de tempo para desfrutar de meus desejos durante meus sonhos e meus atendimentos, sem condená-los à escuridão, o que me faz escrever. Recém-“formada”, eu não *queria* dormir, nem pestanejar! Naquele período, recebi George como paciente, e hoje, ao escrever sobre nossa experiência passada juntos, é como sonhar o que fomos, ou, simplesmente, *poder sonhar* o que ele já sonhara! A ele, meus agradecimentos, algumas desculpas e este trabalho.

George estava na quarta década de vida, sentindo-se velho. Separado havia algum tempo, depois de um casamento de uns dez anos, não tinha nenhum relacionamento estável quando nos encontramos. Pai de um casal de filhos, adolescentes então, vivia em eterno litígio com eles, por vê-los como a imagem, semelhança e procuradores da ex-mulher. Tinha um emprego público, com pouco dinheiro na carteira, bem como pouca satisfação com a vida profissional. Não tinha mais nada de público, já que não tinha praticamente vida social, mas também não tinha amigos privados, e relacionava-se burocraticamente com sua mãe viúva e com a única irmã.

George chegou bastante contrariado ao tratamento, praticamente por exigência do setor de recursos humanos de sua empresa, pelas dificuldades de relacionamento no trabalho. Aliás, cumprir exigências era seu maior orgulho, e estar ali era prova real de que ninguém reconhecia seus resultados! Seus colegas não só não reconheciam sua eficácia, como ainda reclamavam, sem nenhuma razão! Seus superiores o criticavam, provavelmente por medo de serem superados, incompetentes! Negava-se a fazer algumas tarefas solicitadas, por avaliá-las quase como ilícitas, e não aceitava qualquer tipo de correção ao que fazia. Trabalhava executando medidas laboratoriais, e não permitia que qualquer pesquisador questionasse seu trabalho, bem como não fazia adaptação alguma aos métodos para viabilizar um projeto. Houve momentos em que uma equipe inteira teve sua pesquisa ameaçada porque ele não coletou os dados conforme o combinado, por achar que esse não era o melhor meio, o mais fidedigno. A “exatidão” o consumia, o reduzia a nada, e causava-lhe uma ansiedade infinita. Construiu assim, em anos no mesmo setor, um isolamento sólido, calculado.

Um pouco menos calculado foi seu isolamento pessoal. Casou-se jovem com uma colega universitária de área afim a seu curso, graças a um erro de tabela e uma gravidez indesejada. Seu primeiro filho nasceu e com ele muitos, praticamente apenas, problemas. Este filho nunca somou alegrias à sua vida, sempre foi vivido como quem subtraiu seu espaço, sua juventude, sua liberdade, até mesmo seu futuro. George afastou-se da família de origem e dos poucos amigos, e *trabalhou*. Trabalhou até mesmo em empregos braçais para começar a sustentar sua nova família, com muita restrição financeira. Concluiu seu curso superior, prestou um concurso público para nível médio, e fixou-se em sua carreira. Sua esposa trancou a faculdade para cuidar do filho do casal e da casa, quando engravidou da filha, um ser humano e uma experiência ímpar para George. Com a filha, perdia as contas, amava sem lembrar o quanto, o como, o onde e o porquê, pelo menos por algum intervalo de tempo. Logo começou a surpreender-se com os resultados dessa relação: a filha não se dedicava a ele na mesma proporção! A família cresceu, se multiplicou e se dividiu. George não tinha paciência com as crianças nem com a esposa, que nunca alcançavam as medidas mínimas aceitáveis! O barulho era alto, o tempo era dilatado, os gastos excessivos, o desempenho abaixo da média em tudo. A vida sexual do casal tinha uma frequência e uma amplitude desarmônicas! George não aceitava transar irregularmente, quando as crianças decidiam dormir ou brincar no pátio, nem aceitava o peso (peso em qualquer unidade de medida) da sua mulher! O isolamento foi aumentando e, quando a esposa concluiu a faculdade e começou a trabalhar, ela pediu divórcio, sem reconhecer o volume do que ele fez por todos. Adolescentes, seus filhos ampliaram a distância com a velocidade da luz, e só cobravam. Ele só acertava contas.

Separado, foi para a casa da mãe, por meses. A mãe, que nunca foi carinhosa, ofereceu, como sempre, régua e compasso. Estava ali, cumprindo a obrigação de servir o café, o almoço e o jantar nos horários, manter as roupas assépticas e garantir ruídos abaixo de 16 decibéis, dia após dia. O pai, consumido pelos muitos litros de álcool que bebeu durante a vida, sem força e pressão, já não batia mais nos filhos nem na mulher, nem gritava,

nem executava trabalho, nem nada. Morreu pelo alcoolismo, ganhou um ritual funerário básico, com enterro e flores, mas que não incluía lágrimas nem demonstração de carinho. George viveu a perda do pai só, porque já estava divorciado, não só sustentava como amplificava o silêncio da mãe, e não se permitia adicionar a irmã ao conjunto fechado de seu mundo.

Relacionava a irmã com sua vida sexual, classificando-a como sua abusadora. Lembrava-se de uma vivência em que a irmã o masturbou e o seduziu quando ele era muito pequeno, inaugurando a necessidade da masturbação que nunca cessou, e lhe parecia acima da curva padrão, pelo menos dois desvios. A ausência de afeto dos pais, a irmã abusadora e uma fraca interação com outros familiares e crianças levaram a infância a um saldo negativo. A adolescência não quitou essa dívida com George: tinha vergonha da família, da faixa social em que viviam, do alcoolismo do pai, e isso o fez ter um universo de poucos amigos, algumas namoradas e diversão tendendo a zero. Estudava com afinco suficiente, cumpria os anos letivos de forma regular e, obviamente, formou-se em uma área de exatas, compatível com sua forma de ser!

Atender George era mais do que uma prova de cálculo que eu não soube resolver. Foi um dos meus rituais de iniciação. Impecavelmente pontual, mantendo estritamente “o *setting* e a neutralidade”, interpretando puntualmente a analidade e a castração, me orgulhava de meu desempenho, mas não conseguia uma boa relação com ele, mesmo com alguns avanços nos indicadores de sua qualidade de vida. Ele era sempre muito agressivo comigo, reclamava que eu não o entendia, e eu insistia em que ele me via como seus superiores ou seu pai, que o criticavam, segundo ele, por incompetência. George chegou a questionar “minha técnica”, porque eu o “convidava para dançar”, e, quando ele aceitava, eu não o seguia. E tinha razão! Eu o sentia arrogante quando me seduzia, quando claramente reclamava minha falta, ou mesmo quando me contou sobre os quilos que perdeu, sobre como estava se sentindo mais potente, e eu calei mais do que sua mãe! Cheguei a achar estranho quando ele, furioso, me cobrou pelo menos

humanidade! Ele achou que eu não lhe contei sobre a morte de um parente meu quando tirei uma licença, na verdade, por outros motivos. Perplexa pelo raciocínio dele, que considerei um ato falho, não consegui contê-lo ao tentar, mais uma vez, qual sua mãe, contar e ordenar os fatos. Como poderia ser uma licença nojo, se eu havia anunciado dias antes? Eu não poderia saber quando um familiar morreria, por isso, minha licença necessariamente deveria ser por outra razão. E a reação dele, pelo mesmo motivo de sempre, deveria ser a negação do coito dos pais e o desejo parricida; aí estava a licença nojo que ele me atribuiu! Nem mesmo suas lágrimas do luto pelo pai ou do “luto pela filha adolescente” contive. Mantive-me reta, exata, atenta à série complementar constituição + vivências infantis + traumas atuais, em que concentrava minhas intervenções. Sempre que pude, evoquei sua castração, sua mãe, que não recebeu seu amor nem lhe ofereceu o amor que desejava, seu pai, que batia nele e o humilhava, e sua irmã, que abusou sexualmente dele. Atenta em equacionar seu quadro obsessivo, obsessivamente me distraí com algumas variáveis, me encantei com a pauta, e não ouvi a música que nos embalava nessa dança.

Só percebi seus novos “sinais” quando o filho de George passou no vestibular. Ele me ligou da festa, bêbado, para contar, e, quando eu disse um milimetrado “pa-ra-béns”, ele me lançou:

– És igual àquele teu carrinho branco com uma tranca amarela atravessada – uma virgem com cinto de castidade!

Calei novamente. George não costumava me contar sonhos, mas ao *me sonhar ao vivo*, me fez acordar! Acordei, vi a mim e a ele naquela imagem de virgem com cinto de castidade, e pude sentir sua dor e sua raiva das tranças! Não tenho nenhum resultado surpreendente para contar, a “conta” chegou ao esperado: George me abandonou. Sem maiores rancores, anos depois me encontrou na rua, me cumprimentou, contou brevemente seus sucessos profissionais e seu novo relacionamento.

George foi “meu caso Dora”, o que me ensinou sobre transferência e sobre o inconsciente, quando eu estava começando minha vida

de terapeuta, seduzida pela ciência mais do que pela *arte* psicanalítica. Finalmente entendi o trabalho de Freud, recém-tornado analista, diante daquela dotada adolescente! Diante da transferência, do inconsciente, de nossos desejos, de nossas pulsões, dos sonhos. *A interpretação dos sonhos* inaugura a psicanálise, e a *produção de sonhos* é o princípio do funcionamento mental bem como da capacidade analítica. Freud (1931/1996c), satisfeito com seu livro, sentiu que uma “revelação como essa, o destino nos concede apenas uma vez no curso de uma existência”, e se sentiu consolado nos momentos difíceis de sua carreira, por poder deixar essa obra para nós. Incorporar essa ideia, esse legado, “poder sonhar” significa parte do tornar-se analista para Ogden (2011), de “ganhar uma existência mais plena pelo sonhar”.

Hoje sei que minha relação com George gerou sonhos nele, e em mim também, algum tempo, alguns pacientes e alguns seminários depois. Ele me sonhou como terapeuta, como seus objetos na transferência, como o que ele descobriu que desejava. E adquiriu vida, se concordarmos ainda com Ogden (2005), quando escreve que

Estar vivo para viver a própria experiência é, em minha concepção, sinônimo de ser capaz de sonhar nossa experiência emocional vivida. ... Sonhar nossa própria experiência é adquirir a posse dela no processo de sonhá-la, pensá-la e senti-la. (p. 45)

George também me ensinou algo sobre a parte psicótica da personalidade, já que psicóticos não sonham, conforme Bion, e fui testemunha de sua transição da neurose até o sonho, fruto de seu trabalho psíquico. Aqui, ouso outra expressão: a contratransferência psicótica, ou a parte psicótica *do terapeuta*. Rosenfeld (1987) é quem ajuda principiantes com este problema:

nessas situações novas e perturbadoras, o analista precisa de outra pessoa que o ajude a tornar pensável o impensável. Essa outra pessoa é mais

frequentemente o paciente, mas pode ser um supervisor, um colega, um mentor, um grupo de discussão, e assim por diante. (p. 118)

A dor de George, e a minha própria dor e desamparo diante de alguém como ele, me fazia não suportar a realidade de um, nem a do outro, e muito menos sonhar uma nova realidade nossa, fruto de nossa vivência, do arranjo da transferência e da contratransferência. E *ser continente*, como Bion recomenda, não é igual a viver aprisionado “entre grades” (ou trancas)! É

fazer um trabalho psicológico ... é se haver com um aspecto da vida da gente que é difícil de reconhecer ou fazer as pazes com acontecimentos importantes. (Bion, 2011, p. 119)

É poder sonhar e acordar! Ao longo de dois anos, eu mal sonhava ser um espelho para George, enquanto ele foi um desses pacientes que ajuda a romper as trancas, com sonhos e imagens:

Na *rêverie*, uma imagem, habitualmente bem protegida, aflora, e podemos vê-la com os “olhos da mente”: este é o máximo contato que uma mente pode realizar consigo mesma (Ferro, 1947, p. 31).

Depois de tudo, a perda de George me mostrou que

Existe *um estágio intermediário no desenvolvimento saudável em que a experiência mais importante do paciente em relação com o objeto bom ou potencialmente satisfatório é recusá-lo*. (Winnicott, 1963, p. 118)

Com saudade, *sonho* com “Dois para lá, dois para cá”, uma *matemática* bem mais avançada para nós!

## Referências

- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2011). Tornar-se psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, 25, 117-130.
- Ferro, A. (1947). *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 5, pp. 541-650). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996b). Fragmento da análise de um caso de histeria. n *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 13-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Gabbard, G. O.; Ogden, T. H. (2011). Tornar-se psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, XXV, 117-130.
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.
- Rosenfeld (1987). *Impasse e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1963). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed.

Catherine Lapolli  
catherine.lapolli@gmail.com

# Temas livres

Sonhando a formação



## Dor psíquica e sonho

Petruska Passos Menezes,<sup>1</sup> Aracaju

Resumo: A dor é algo próprio do ser humano. O trabalho procura especular sobre a dor como um recurso à vida, partindo de um olhar psicanalítico e abordando o pensamento contemporâneo de Armando Ferrari. A proposta também consiste em compreender a dor como algo único, não dissociando dor mental e dor física, e pensar o sonho, no contexto kleiniano, como recurso psíquico facilitador da adaptabilidade humana e qualidade de vida. Termina com um breve relato de caso.

Palavras-chave: dor, sonho, objeto originário concreto

### Sobre a dor

É melhor ser alegre que ser triste  
Alegria é a melhor coisa que existe  
É assim como a luz no coração

Mas pra fazer um samba com beleza  
É preciso um bocado de tristeza  
É preciso um bocado de tristeza  
Senão, não se faz um samba não.  
(Vinicius de Moraes e Baden Powell)<sup>2</sup>

Nascemos pela dor? Uma bolsa se rompe, e o líquido escorre pelas pernas daquela que nos abrigou, durante nove meses. Mãe e bebê se confundem em um mesmo espaço/corpo, compartilhando nutrientes e sentimentos. De repente, aquele vínculo não tão perfeito, mas suficientemente capaz de manter a vida, torna-se um desafio. Contrações, espasmos, dores, aperto. O que era suposta segurança converte-se em angústia, pressão e compressão.

- 1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Recife, SPR e do Núcleo Psicanalítico de Aracaju, NPA.
- 2 Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/samba-da-bencao>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

Em minutos ou horas, a união corporal é rompida, e a vida recomeça. Um ser tão pequeno e indefeso já chega ao mundo pela dor. Mas como nascer, se não pela dor de um rompimento e a consequência de um desamparo?

Vida é desamparo<sup>3</sup>. Desamparo, devido à impotência original do bebê, em face de suas necessidades, trazendo sofrimento e outros sentimentos, que continuarão por toda a vida (Aubert-Godard, 2005). Mas, mesmo assim, a vida é bela.

Viver, desde o início, é inseguro. Embora, também, seja plenitude. O ambiente, muitas vezes, é hostil ou visto como tal, por ser diferente do eu e não subordinado ao desejo e às vontades. Uma hostilidade não necessariamente agressiva, mas provocada pelo novo e pelo desconhecido. A temperatura não é a mesma de antes. Existe ar onde antes era líquido. Existe fome, contrações e um corpo por se desenvolver, inexperiente em tudo, em respirar, em se alimentar, trazendo somente poucos *imprints* básicos e fundamentais. O ato de sugar, por exemplo. Um organismo que começa a ensaiar viver e que vai aprender, a cada minuto, com cada desafio que vem pela frente. Desafios mínimos, desafios simples. Digerir, ver, sentir, ouvir, viver.

É fundante, a possibilidade de sentir dor. Ela é um termômetro que aponta que caminho não seguir e qual situação será necessário transpor (em alguns casos). A dor é a consequência de um desprazer, mais os afetos construídos e representados pelo psíquico, já dizia Freud (1895, citado em Dockhorn; Macedo; Werlang, 2007).

Não podemos dizer que existe dor física, muito menos dor psíquica, distintas, seccionadas. Toda dor é sentida física e psiquicamente. Um corte

3 O estado de desamparo – ou desajuda – está ligado à impotência original do bebê em face de suas necessidades; essa impotência é geradora de sofrimento por extravasamento do sistema para-excitação, à qual só a intervenção do objeto pode pôr fim.

O modelo neurofisiológico do “Projeto” (1950c[1895]) considera o desamparo inicial do bebê o protótipo de toda a situação traumática. O desamparo e a satisfação organizam os dois modos de funcionamento mental. No modo primário, o objeto e a satisfação desejados são alucinados sem demora por reinvestimento dos traços mnésicos deixados pela experiência real. No modo secundário, a descarga durável fundamenta a relação com o objeto real, perdido-reencontrado com o índice de realidade, marcado com o valor de “compreensão mútua” (Aubert-Godard, 2005, p. 458).

na perna rompe minhas células, mas fere minha alma. Mexe com a minha identidade e deixa marcada a memória corporal com uma cicatriz e minha lembrança do fato. Existem dores necessárias e desnecessárias, que veremos mais à frente, mas a dor se constitui, se apresenta, sempre, no corpo e no psiquismo.

Ferrari traz um novo olhar sobre o corpo/mente, propondo uma reintegração, um corpo só, sendo possível ser percebido como o primeiro objeto da mente, e chamando-o de Objeto Originário Concreto. Seguindo esse pensamento, o estímulo desagradável externo (do meio ou a estimulação corporal via órgãos dos sentidos) ou interno (no sentido de mental, psíquico) precisará ser elaborado por uma mesma ferramenta: o psiquismo.

Em nosso modelo, o somático, que definimos o Objeto Originário Concreto (O.O.C.), deve ser entendido NÃO como “ambiente” do mental, nem muito menos como seu suporte, mas como um conjunto de funções sensoriais, metabólicas etc.) que se articulam com as funções mentais. O desenvolvimento das funções mentais, e paralelamente a apreensão (registro) das sensações confusas, realiza-se através de um gradual “distanciamento” mental do Ego da pessoa enquanto pessoa somática, e ocorre, pois, através da instituição de um relacionamento entre o Ego, visto como lugar das representações, e seu próprio corpo (Uno e Binário) e, sucessivamente, entre o indivíduo e sua própria mente. (Ferrari,1995, pp. 23-24)

Nos estudos de Ferrari, o objetivo do psiquismo é eclipsar as sensações corporais, possibilitando uma melhor adequação à vida do ser.

Pela expressão “Eclipse do corpo”, queremos nos referir à formação progressiva de um espaço mental, que põe na sombra o marasmo das sensações/emoções primárias, em benefício do surgimento de formas estruturantes e funcionais para a sobrevivência do indivíduo. (Ferrari; Stella, 2000, p. 32)

É a saída da ação concreta/física para a possibilidade de abstrair e pensar. Ainda buscando uma delimitação no conceito de dor para o contexto do atual trabalho, temos a definição da Sociedade Internacional para o Estudo da Dor, uma visão da dor pelos estudos neurocientíficos:

“Dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano tecidual real ou potencial, ou descrita em termos desse dano potencial.” Essa definição é única e foi a primeira a reconhecer o fenômeno da dor como uma experiência, já que envolve tanto as dimensões sensorial-discriminativa como afetivo-emocional. O componente sensorial-discriminativo da dor se refere à percepção e detecção do estímulo nocivo, quanto à sua intensidade, localização, duração, padrão temporal e qualidade, sendo, portanto, relacionado com a dor aguda; o componente afetivo-emocional diz respeito à relação entre dor e humor, entre as reações emocionais e comportamentais desencadeadas pelo processo doloroso, sendo mais relacionado com aspectos da dor crônica. (Menescal-de-Oliveira, 2013, p. 184)

Parece que se caminha para um encontro entre as ciências, em que tanto a psicanálise como as neurociências estão buscando um olhar sobre o homem e, conseqüentemente, suas características, como a dor, situando-as com um olhar mais integrado.

Dockhorn, Macedo e Werlang (2007) dizem, ainda, que a dor não é o oposto do prazer. Citando Freud (1895) e Garcia-Roza (1998), esses autores afirmam que os afetos são as conseqüências de como percebemos a dor e o prazer. Na dor, a imagem do objeto que é hostil provoca um reinvestimento energético e a conseqüente tendência à descarga, causando desprazer e afeto. A dor pode estar presente tanto em situações de desprazer como de prazer (exemplo do masoquismo). Nesse modelo de pensamento, a satisfação (prazer) seria *diferenciadora*, e a vivência de dor seria *desdiferenciadora*. Esse modelo, baseado no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1996), tem em conta que a dor é um excesso de tensão que invade

todas as vias do funcionamento neuromental, inundando, com altas doses energéticas, todo o aparelho sensoperceptivo-neural. As reações à dor passam a ser compreendidas como uma defesa primária, e as reações ao desejo são o seu oposto, uma atração primária.

A vida pulsa. É característico da vida, pulsar. Pulsão é energia. Essa energia vital precisa encontrar um destino. O instinto é uma força constante, e é esta força que estamos chamando acima de pulsão; e possui um impulso, compreendendo seu estímulo motor, uma meta para satisfação ou destino, um objeto por onde ele pode alcançar essa meta e uma fonte que é “o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo” (Freud, 1915/2010). Quando não é possível encontrar um destino e a satisfação da pulsão, talvez possamos falar em tensão e dor.

O pequeno bebê que nasce, desamparado, vai usufruir dessa energia e utilizá-la para começar a interagir consigo mesmo e com o mundo. Esses contatos (com a mãe e consigo mesmo) vão ensiná-lo a criar vínculo e linguagem. Linguagem, inicialmente, não-verbal. Aí, então, entra em cena o amor. A mãe, e depois o pai (ou seus representantes), entra para auxiliar o frágil novo ser a viver. As relações são construídas por alimentos e olhares, cuidados e afagos. A percepção da dor tende a ser compreendida, no que for possível, e a dor abre espaço para o prazer. Barriguinha cheia. Colo de mãe, quentinho. Mamãe olhando para mim. Eu aprendo a me ver por mamãe. Seu olhar me nomeia, e eu descubro quem eu sou, com base em mim (em como me sinto e me identifico) e na mamãe. As relações objetais são eu-eu, eu-mamãe/papai (outros objetos), com vínculos que, pelos processos mentais, desenvolvem a mente e aliviam a tensão excessiva, orientada pela percepção de incômodo, desconforto e dor.

Nesse olhar mais integrado, podemos ressignificar olhares e, assim, repensarmos significados e objetivos para a dor. Sugiro pensarmos que não é a dor que me constrói, mas é ela que me auxilia nos caminhos que o meu pulsar precisa seguir. É a bússola de meu navio, no mar tempestuoso, ou

na calma. Ao mesmo tempo que sou capaz de sentir dor, também sou capaz de sentir a ausência de dor. Ausência de dor que se transforma e evolui para o prazer. Barriguinha cheia... Que sensação boa... A alternância de dor, prazer, desprazer, ausência de dor estimula todo o meu aparato psíquico. Eis que nessas sensações diferentes, construo o meu pensar, buscando caminhos que me aliviem a dor, ou que me tragam prazer.

Junto a isso, o bebê aprende a lidar com o sistema interno, construindo seus próprios castelos para se salvar de seus próprios monstros. As pulsões (instintos) são essenciais à vida, mas, em excesso, tornam-se desprazerosas, desconfortáveis. Nem excesso, nem falta. Nesse jogo de pulsões, um bebê começa a difícil tarefa de aprender a diferenciar o pulsar que vem de dentro, dos estímulos que vêm de fora. É o teste de realidade que o auxiliará a fazer essa distinção. Mas é a fantasia que dará suporte às situações difíceis.

Se, contudo, existe um trauma, algo que não é possível ser suportado, o psiquismo passa a não ser mais regido pelo princípio do prazer, e entra em cena a repetição, em uma tentativa de metabolizar o excesso energético traumático e a consequente dor em que isso resulta (Dockhorn; Macedo; Werlang, 2007). A compulsão pela repetição passa a fazer parte de uma outra pulsão, também inerente à vida e descrita por Freud, em 1920: a pulsão de morte. Ao mesmo tempo que temos uma força agregadora que nos impulsiona para a vida, temos uma força que busca a eliminação de qualquer energia, tentando manter a inércia, anterior à vida. Essa pulsão se somará em momentos de trauma, buscando romper formas estruturadas para a total escassez energética. Isso também pode promover a dor, mas, nesse caso, uma dor que pode ser evitada, caso a pessoa desenvolva recursos para lidar com essa “segunda”<sup>4</sup> pulsão.

4 Segunda no sentido da descoberta de Freud e da citação no texto. Mas presente todo o tempo junto com a pulsão ou instinto de vida.

A consequência é a atuação, a descarga destrutiva, o que demonstra uma dificuldade momentânea de lidar com o que se sente e utilizar mecanismos protetivos, como a imaginação, a sublimação ou os sonhos.

### Sobre o sonho

Estou correndo sobre campos verdes. O sol irradiando em minha face. Dou um salto e descubro que estou voando. Abro os braços, e o vento transpassa meu corpo, purificando minha alma. Sobrevo um abismo muito profundo. Lá é só trevas. De repente, perco o equilíbrio, me sinto cair nesse escuro mundo. Desespero e angústia tomam conta de mim. Mas, num ímpeto de coragem, dou um grito e aparece uma mão que me envolve, me segura, me acalenta. Estou segura. Acordo inundada de paz, sorrindo para a vida.

Esse sonho comum ou, como diria Freud, o “guardião do sono” é capaz de construir toda uma história para dar conta de sentimentos e sensações antagônicas, que o inconsciente nos apresenta. Cabe ao sonho permitir que desejos conflituosos coexistam, tanto quando dormimos quanto quando estamos acordados.

Segal (1993), psicanalista e seguidora das ideias de Klein, defende a ideia de que a fantasia é a base do funcionamento mental inconsciente. Ela é subjacente aos sonhos, aos sintomas, à percepção, ao pensamento e à criatividade. Sonhos são construídos com os tijolos e o cimento da fantasia.

Esse sentir interno (realizado pelos sonhos que sonhamos dormindo e acordados) é compreendido como a capacidade de fantasiar para lidar com a pulsão. Fantasiar é criar condições para viver. É o fantasiar que dá origem aos sonhos (em um sentido ampliado), sendo responsável por toda a estrutura psíquica, que auxiliará e confrontará sempre a realidade externa. Ou seja, o sonho é um recurso humano, desenvolvido para adoçar a realidade interna e externa, funcionando como um arquiteto que decora

um espaço, tornando-o acolhedor, agradável e uma extensão do eu, mesmo quando os móveis não combinam.

As fantasias começam pela alucinação do bebê, quando ele busca o seio e não o encontra. “Experiências físicas são interpretadas como relações objetais em fantasia, dando-lhe significado emocional” (Segal, 1993, p. 35). Fantasias não se introduzem em um sonho, elas são a matéria que os constrói, e tudo isso acontece por intermédio do simbolismo. Simbolizar é substituir o que não está presente por representação (Segal, 1993).

Essas simbolizações permitem toda uma construção interna de objetos-espelho, pelos quais vemos a realidade externa. Klein, citada por Segal (1993), diz que, independentemente de como são os pais, realmente, toda criança internaliza os objetos representativos deles, adicionando fortes temperos de fantasia, o que, muitas vezes, deixa a realidade bem diferente dos objetos significantes dentro da pessoa. Pais amorosos podem ser vistos como destrutivos, por exemplo. As fantasias preenchem aquilo que nos falta e, somente aos poucos, à medida que aumenta a capacidade de lidar com a realidade e adequar-se a ela, esse recurso mais primitivo passa a integrar-se com o mundo.

As fantasias de satisfação dos desejos e as defesas contra esses desejos são expressas e elaboradas mais profundamente no sonho, pelo trabalho onírico, que propicia a expressão de um conflito inconsciente em fantasia, buscando uma solução desse conflito. Quando nos lembramos de um sonho, temos acesso direto às expressões simbólicas do inconsciente, e é importante comunicar essas lembranças ao analista (Segal, 1993).

Mas os sonhos podem também funcionar como evacuações se, ao contrário de ser uma comunicação simbólica, se tornam uma equação simbólica. Na equação simbólica, o símbolo é concretamente substituído pelo objeto, não havendo diferença entre objeto e sua representação – por exemplo, sonhos proféticos que levam à atuação (Segal, 1957, citado por Rosenfeld, 1991). A possibilidade de suportar a ausência do objeto investido se perde e, junto com ela, a possibilidade de sonhar. Resta, então, a

dor, não a fundamental para o crescimento, mas a desnecessária e incapacitante. Uma dor sentida, mas, talvez, impossibilitada de ser representada psicicamente. Quando o instinto não consegue vincular-se a uma representação que propicia sua satisfação, existe um aumento do nível de tensão do aparato psíquico, e se torna irrepresentável, transbordando a contenção mental e levando ao ato, a descarga física e/ou à ação.

### Dor e sonho

Se ela me deixou, a dor  
 É minha só, não é de mais ninguém.  
 Aos outros eu devolvo a dó  
 Eu tenho a minha dor.  
 Se ela preferiu ficar sozinha,  
 Ou já tem um outro bem  
 Se ela me deixou a dor é minha,  
 A dor é de quem tem.  
 É meu troféu, é o que restou,  
 É o que me aquece sem me dar calor.  
 Se eu não tenho o meu amor,  
 Eu tenho a minha dor  
 A sala, o quarto, a casa está vazia,  
 A cozinha, o corredor.  
 Se nos meus braços ela não se aninha,  
 A dor é minha.  
 (Marisa Monte)<sup>5</sup>

Na psicanálise, Bion fala de uma dor desnecessária e da dor inevitável (Grinberg; Sor; Bianchedi, 1973). Pela dor, o paciente chega à análise, e, em análise, cabe a ele aprender a lidar com ela, pois essa dor, segundo Bion (Zimmerman, 2004), será a força que promoverá as verdadeiras mudanças psicológicas. São dores distintas. Zimmerman acrescenta como Bion via a dor no processo analítico:

5 Disponível em: <<http://letras.mus.br/marisa-monte/47278/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

Bion foi o autor que mais profundamente estudou esse tema, cabendo destacar alguns dos aspectos que abordou: a) Em lugar de *evadir* as frustrações penosas, o paciente deve adquirir condições para *enfrentar* tais frustrações inevitáveis e, assim, *modificar* não só as formas de como tentar solucioná-las, mas também a possibilidade de obter uma modificação da fonte geradora das frustrações. b) Suportar a dor psíquica é o único caminho que permite a passagem da posição esquizoparanoide para a depressiva e, como decorrência, para uma *aprendizagem com as experiências* emocionais. c) Bion estabelece uma significativa diferença entre *sentir* a dor (*pain*) e *sofrer* a dor (*suffering*), e, neste caso, o paciente está elaborando e processando os *insights* adquiridos, muitas vezes dolorosos. d) O analista deve estar atento para a possibilidade de que uma mudança significativa do estado mental do paciente venha acompanhada de uma dor psíquica muito intensa, chamada por Bion de *mudança catastrófica*, que consiste na possibilidade de o analisando mostrar-se confuso, deprimido, desesperançado, fazer acusações ao analista de que está muito pior do que antes da análise, não sendo rara a possibilidade de surgir uma ideação suicida. Apesar da dramaticidade do quadro clínico, é bem possível que ele seja temporário e represente o preço pago por uma significativa melhora e um expressivo crescimento mental. (Zimerman, 2004, p. 220)

As próprias mudanças físicas/psíquicas da vida, momentos de ruptura e reestruturação, como, por exemplo, o parto, trazem dores inevitáveis para ambos (mãe e bebê), mas como essas transformações são encaradas depende da forma pela qual cada um desenvolve os recursos (representações simbólicas) para lidar com essas mudanças. Alguns podem encontrar somente a dor (talvez ausência de significação, ou possibilidade de eclipse, segundo Ferrari, 1995), outros experimentar prazer ou, pelo menos, ausência de dor. Há dores que proporcionam crescimento, grandes mudanças e são fundamentais à vida. Já outras são desnecessárias. Perder alguém que se ama causa uma dor profunda. A falta, sentimento inexorável do homem, se fará

mais uma vez presente. Trata-se de uma dor intensa, mas pode ser suportada e, por que não acreditar?, superada. O ser humano tem a capacidade de aprender a viver na falta (incompletude, desamparo, desconhecimento de si e do futuro), mas com o livre-arbítrio de optar por isso.

Birman, citado por Fortes (2012), afirma que, ao contrário de outras ciências contemporâneas (neurociências, cognitivismo e comportamentalismo), a psicanálise vê a dor como matéria inerente à constituição do sujeito. Não se trata de um culto à dor, mas de olhá-la como mais um aspecto inerente e auxiliar à vida. Assim, o objetivo de toda análise não é extinguir a dor, mas auxiliar o homem a ser mais pleno e a desenvolver a capacidade de se adaptar a si e ao meio, o que o auxiliará a lidar com dores inevitáveis, permitindo-lhe ressignificar (ou significar) o desprazer.

A vida segue uma interessante dança. Nascemos, e, então, percepções, sensações e o impulso interno vital vão sendo registrados em uma espécie de memória que vincula tudo e vai atribuindo características positivas ou negativas ao que é sentido. Mundo externo e suas percepções, mais todas as construções internas/fantasias se encaixam e geram o que chamamos de experiência.

Quando o mundo interno constrói fantasias ou sonhos que ajudam a suportar nossas próprias tensões, ou quando faz o mesmo com a estimulação externa que ultrapassa a primeira barreira de proteção, aprendemos com a adversidade, e a experiência não se converte totalmente em dor. Quando os processos inconscientes de fantasiar falham em conter o excesso de tensão, o desprazer se acumula, gerando a sensação de dor.

Ferrari e Stella (2000) acrescentam ao pensamento de Klein (Segal, 1993) a observação de que o trabalho onírico (condensação, deslocamento, figurabilidade, elaboração secundária e percepção) é muito importante, pois tem sua base no processo primário. É o processo primário o motor que ativa todo o trabalho onírico, assim como a regressão, a repressão, o símbolo, a representação e o sistema consciente; e o conjunto de todos esses

mecanismos fornece a matéria-prima para as manifestações que transformam sensações em emoções, sentimentos, indo até o pensar.

Assim, quando as tensões/instintos/pulsões seguem o seu caminho mais usual, sua contenção é feita via ligação ao sistema consciente, transformando-se no pensar. Saímos do funcionamento concreto – atuação física – para o abstrato – pensamento. Quando o ser humano é capaz de conter seus próprios impulsos. Quando não, uma forma última de descarregar o excesso de tensão é utilizar o corpo. Falar e agir sem pensar são formas de liberar o excesso de tensão, funcionando como uma espécie de catarse. A catarse não gera mudança catastrófica. Não é sofrer a dor (*suffering*) a que Bion se refere. Só funciona como descarga energética.

### Caso clínico

Recebi João, 55 anos, que chegou por recomendação de seu neurologista, porque estava falando durante a noite e não se lembrava do fato pela manhã. Sua esposa queixava-se de que ele falava sobre sua ex-mulher e contava, dormindo, tudo o que acontecia durante o dia. Não sabia que falava, pois não se lembrava de nada ao acordar. Embora dissesse que isso não era problema, já que não tinha segredos a esconder, sentia-se desconfortável com a situação. Sua esposa ficava irritada e, para conseguir dormir, tinha de ir para outro quarto.

Começamos as sessões, e João diz que nunca conversa nada com ninguém. Que é uma pessoa muito calada e introspectiva, não por vergonha, mas por timidez. Foi a vida toda assim, e sua ex-mulher reclamava, justamente, de não ter diálogo com ele.

João vem de uma família muito humilde, tendo melhorado de vida por ter sido aprovado em um concurso público. Queixa-se que não vive melhor, porque muito do seu salário é destinado aos filhos do primeiro casamento, ficando com ele, somente 60% do que recebe.

Diz que suas filhas não suportam sua atual mulher e fazem de tudo para criar confusão em seu casamento. Sua ex-esposa não o deixa em paz,

ligando de números desconhecidos, constantemente, para ele e para a esposa, e fazendo ameaças, algumas de morte.

João relata que sua atual esposa é médium vidente e que incorpora, constantemente, os espíritos dos pais dele. Ele diz que a ex-mulher é o carma dele de outras encarnações, e que procura ter muita paciência com ela, pois é uma pessoa difícil.

Quando iniciamos os encontros, João começou a se lembrar de histórias de toda a sua vida. Falou de sua infância, de sua vida com mulheres, da boêmia e de sua mudança para uma vida mais pacata. Arrepende-se por ter feito sua ex-esposa sofrer com suas traições e acha que poderia ter sido melhor pai. Conforme João ia narrando sua vida, chegava dizendo que, embora não sonhasse, estava parando de falar à noite. As sessões estavam abrindo um espaço para que João pudesse falar de suas dores e de seus sonhos, acordado, e a descarga energética, verborreica, que ele tinha, à noite, não estava mais tendo sentido.

*P – Doutora, minha mulher disse que eu não estou mais falando durante a noite. Só falei uma vez esta semana, e foi da ex.*

*A – Parece que sua ex lhe traz muitos sentimentos de raiva por toda a invasão que ela faz constantemente.*

*P – Doutora, faz sim. Ela não se aquieta. Já comprou outro chip pra ligar pra minha esposa, e o pior é que minha esposa fica irritada. Eu já disse pra ela não atender o telefone de número desconhecido, mas, às vezes, ela atende e ouve um monte de besteira. Isso dá raiva, sim. Já perguntaram pra mim se não queria que mandasse apagar ela e resolver o problema, mas eu disse que não. Que ela ameça a gente, mas não quero fazer o mesmo que ela, não. A não ser que ela coloque a vida de minha mulher em risco de novo. Aí eu não me responsabilizo por mim.*

*A – Interessante... toda vez que acontece algo desse tipo e sua ex-esposa aparece, parece que você fica com raiva e de noite fala dela dormindo...*

*P – Não é que é, Doutora? A senhora tem razão. Será que são esses sentimentos que eu não coloco pra fora que fazem com que eu fale à noite?*

*Veja, eu nunca conversei isso com ninguém. Só com a senhora, agora. E está me fazendo um bem... Eu me sinto mais aliviado.*

O paciente chegou ao consultório, sem poder sonhar. Estava em um movimento que pode ser chamado de equação simbólica, até mesmo com descargas motoras pela fala, durante o sono. Conforme foi se permitindo falar sobre suas questões e expressar seus sentimentos tão intensamente guardados, a análise foi propiciando a realização de uma possibilidade de sonhar e realizar o trabalho onírico, ampliando e estimulando o processo primário em seu caminho rumo ao pensamento, à criação e à mudança. Falar de suas dores, de sua raiva, de seus desejos deu margem a pensar sobre eles e senti-los como um grande sonho, que, acordado, ele tem no *setting* analítico. A atuação verborreica deu espaço para a construção de lembranças, que começaram a ser ressignificadas, e todo o processo energético passou a ser vinculado, de outra forma.

O paciente ainda está no início da reconstrução de seu mundo interno, e muitas fantasias concretas que se fazem presentes em seu dia a dia precisam ser repensadas, como o desejo de falar e ter os pais para sempre, a submissão à ordem deles e a capacidade de verbalizar sentimentos que ele julga ruins, como o ódio, a raiva, o desespero e a dor.

Cada sonho carrega em si a possibilidade de lidar com as dores e sofrimentos inerentes à vida. Quando se pode sonhar, o sofrimento de algum modo se transforma.

O paciente, há pouco tempo, disse que sonhou. Mas não se lembrava com o quê.

### **Considerações finais**

Neste tempo em que a dor é combatida como um mal, algo que deve ser evitado, contrariando todo o significado atribuído a ela pela evolução e pelo psiquismo, gostaria de terminar com uma letra de música que diz justamente o contrário, harmonizando com o pensamento psicanalítico desenvolvido no presente trabalho e com a busca por uma qualidade de vida melhor, mesmo que com dores inerentes à vida.

Não tome comprimido  
Não tome anestesia  
Não há nenhum remédio  
Não vá pra drogaria

Deixe que ela entre  
Que ela contamine  
Que ela te enlouqueça  
Que ela te ensine

Não fuja da dor  
Não fuja da dor

Não tome novalgina  
Não tome analgésico  
Nenhuma medicina  
Não ligue para o médico

Deixe que ela chegue  
Que ela te determine  
Que ela te consuma  
Que ela te domine

Não fuja da dor  
Não fuja da dor

Querer sentir a dor  
Não é uma loucura  
Fugir da dor é fugir da própria cura.

(Titãs)<sup>6</sup>

6 Disponível em: <<http://letras.mus.br/titas/84583/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

## Referências

- Aubert-Godard, A. (2005). Desamparo ou desajuda. In A. de Mijolla. *Dicionário internacional de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dockhorn, C. N. B. F.; Macedo, M. M. K.; Werlang, B. S. G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Barbarói*, 27, 25-41. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/136/567>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- Ferrari, A. (1995). Introdução à hipótese do Objeto Originário Concreto. In A. Ferrari. *O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferrari, A.; Stella, A. (2000). *A aurora do pensamento: do teatro edipiano aos registros de linguagem*. São Paulo: Editora 34.
- Fortes, I. (2012). *Dor psíquica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 5, pp. 371-650). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2010). O instinto e seus destinos. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916) (Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Grinberg, L.; Sor, D.; Bianchedi, E. T. (1973). *Reflexões sobre a prática psicanalítica*. Introdução às ideias de Bion. Rio de Janeiro: Imago.
- Menescal-de-Oliveira, L. (2013). As dores. In R. Lent, *Neurociência da mente e do comportamento* (pp. 183-202). Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.
- Rosenfeld, H. (1991). Uma contribuição à psicopatologia dos estados psicóticos: a importância da identificação projetiva na estrutura do ego e nas relações de objeto do paciente psicótico. In E. Spillius, *Melanie Klein: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 125-145). Rio de Janeiro: Imago.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Wolff, A. C.; Carvalho, C. V. C.; Costa, P. J. C. (2015). *Dor mental, sofrimento e mudança*. Disponível em: <<http://www.ppi.uem.br/eventos/artigos/21.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- Zimerman, D. (2004). *Insight – Elaboração – Crescimento Mental*. In D. Zimerman. *Manual da técnica psicanalítica: uma re-visão* (Cap. 18). Porto Alegre: Artmed.

Petruska Passos Menezes

petruska@ymail.com

## Aderir como forma de existir<sup>1</sup>

Camilla Biaggi Alvarenga,<sup>2</sup> Belo Horizonte

Resumo: Com base em um fragmento clínico e no livro *A pele de onagro*, de Balzac (2008), este texto reflete sobre o fenômeno da “identificação adesiva” estudado por Bick (1984) e Meltzer (1986). O conceito de identificação adesiva seria para Etchegoyen (2004) uma forma particular de lidar com a angústia de separação. Ele explica que são os analisandos que sempre buscam estar em contato com o analista enquanto objeto sensório. São indivíduos que funcionam aderindo-se à face externa dos objetos para se sentir existindo.

Palavras-chave: identificação adesiva, pele, angústia de separação, objeto sensório

A expressão “identificação adesiva” nasceu da necessidade de compreender um fenômeno de identificação narcísica que ocorria na clínica, mas que se diferenciava da “identificação projetiva” de Klein. Bick (1984) e Meltzer (1986) trabalharam separadamente e de forma particular esse fenômeno. Estiveram próximos, contudo, após a morte de Klein, no início de 1960.

Segundo Bick (1984), certos pacientes relacionavam-se de forma diferente, como se eles se “colassem” aos objetos. Além disso, Meltzer (1986) percebeu que, no caso de alguns pacientes, as interpretações feitas com base na teoria da identificação projetiva não surtiam efeito.

Pensando num outro tipo de relação de objeto, Bick (1991) escreve *A experiência da pele em relações de objeto arcaicas*, em que reflete sobre

1 Este artigo é um recorte do trabalho apresentado no evento científico do GEPMG, em abril de 2014.

2 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Minas Gerais (SPMG).

a função primária da pele nas primeiras relações objetais, o que pode ser percebido como uma dificuldade tocante à relação de dependência e à angústia de separação, que se reeditam em alguns casos.

Bick (1991) tece seu pensamento com base na observação das primeiras sensações vivenciadas pelo bebê, quando as partes de sua personalidade não são sentidas como interligadas, gerando a sensação de poder expandir-se para fora. Essas sensações correspondem às partes do corpo que são mantidas unidas pelo contorno que a pele propicia. Segundo Hinshelwood (1992), para Bick (1991), as primeiras tentativas de introjetar-se um objeto têm a função de garantir a união da personalidade e evitar que esta se desfça. Assim, o primeiro objeto introjetado possibilita ao bebê a sensação de existir, o que posteriormente será denominado como sua identidade. Quando esse objeto, entretanto, não é capaz de ser continente para o bebê, este experimenta sensações de aniquilamento, desmoronamento, dissolução e esvaziamento.

A existência dessa função integradora do *self* só é possível, para Bick (1991), se o bebê sentir que pode contar com um objeto. A identificação do bebê com as funções integradoras desse objeto externo permite a substituição do estado não integrado pela fantasia de espaços internos e externos. Segundo a autora, o ego não herdaria, como pensava Klein, a capacidade cognitiva de distinguir objetos separados de si próprios. Essa primeira integração entre o objeto e o *self* é a preparação para um posterior desenvolvimento do funcionamento dos processos de cisão-idealização, como descrito por Klein. Bick explica que,

até que as funções continentes tenham sido introjetadas, o conceito de um espaço dentro do *self* não pode surgir. A introjeção, isto é, a construção de um objeto num espaço interno fica, portanto, prejudicada. Na sua ausência, a função de identificação projetiva continuará necessariamente inquebrantável, e manifestar-se-ão todas as confusões de identidade consequentes a ela. (1991, p. 194)

Bick (1991) demonstra a diferença entre um estado de não integração e um estado de desintegração: o primeiro, vivenciado de forma passiva, seria o mais primitivo e permearia uma sensação de desamparo; o segundo seria um estado de cisão, uma função defensiva vivida ativamente em busca do desenvolvimento.

O bebê no estado de não integração procura um objeto sensório (uma luz, um cheiro, um som) que una as partes de sua personalidade, pois clama por algo que apazigue suas ansiedades catastróficas. Para Bick (1984), o objeto que reúne todas essas características é o mamilo na boca, representando a mãe que sustenta o bebê.

Hinshelwood (1992) pontua essa observação dizendo que, ao sugar o mamilo, o bebê realiza uma primeira introjeção, o que permite a percepção de um espaço em que é possível introjetar objetos. Esse objeto continente introjetado é sentido concretamente pelo bebê como uma pele, gerando, assim, a fantasia inconsciente de um objeto que unifica e contém as partes de sua personalidade. Bick sugere que

o desenvolvimento defeituoso desta função de pele primordial pode ser visto como resultado tanto de falhas na adequação do objeto real como de ataques feitos a ele em fantasia, o que prejudica a introjeção. A perturbação na função de pele primordial pode levar ao desenvolvimento de uma formação de “segunda pele”, através da qual a dependência do objeto é substituída por uma pseudoindpendência, pelo uso inapropriado de certas funções mentais, ou talvez por talentos inatos, com o propósito de criar um substituto para esta função de pele continente. (1991, p. 195)

Hinshelwood (1992) considera que o fenômeno de segunda pele é uma defesa arcaica contra o fracasso da experiência de espaço interno. Bick (1984) explica que, como dentro do útero materno não existe a sensação de força gravitacional, ao nascer, o bebê encontra-se nas mesmas condições que um astronauta enviado ao espaço sem seu vestuário espacial. Assim, a

autora põe um holofote nos temores dos recém-nascidos de despedaçarem-se e liquefazerem-se, o que pode ser observado nos momentos em que são cuidados, como quando são despidos para o banho, quando suas boquinhas tremem ao lhe retirarem o mamilo e quando são postos para arrotar.

Segundo Hinshelwood (1992), Bick e Meltzer perceberam que, em alguns pacientes, havia certo critério na constituição da segunda pele – algo que os autores designaram como um ato de mímica –, já que esses pacientes não possuíam capacidade egoica de introjetar ou de projetar partes de si em outro objeto. Dessa forma, ocorria uma adesão imitativa ao exterior de um objeto, o que os autores denominaram identificação adesiva.

Etchegoyen (2004) explica que a bidimensionalidade da identificação adesiva supõe a inexistência da relação entre continente e conteúdo, portanto, entre dentro e fora. É um tipo de identificação narcísica, mas que difere da identificação projetiva por não abranger o caráter da espacialidade. A identificação projetiva implica a existência de um objeto com três dimensões. Já a identificação adesiva não carrega a diferença entre sujeito e objeto, é um processo de identificação superficial e sem consistência ou densidade.

Pensando em campos espaciais, Etchegoyen (2004) cita a obra de Rascovsky e Bleger, para quem a identificação adesiva seria anterior à identificação projetiva. Portanto, existiria uma etapa prévia à esquizoparanoide de Klein.

Ogden (1996) utiliza essas observações teóricas para pensar num tipo de organização psicológica mais arcaica do que as posições de Klein, e afirma que os escritos de Bick, Meltzer e Tustin foram os principais subsídios teóricos para sua reflexão sobre o que ele denominou posição autística-contígua, que seria um modo pré-simbólico de produzir experiência. Ela remete aos aspectos mais primitivos da experiência humana, sendo, assim, prevalentemente sensorial. Haveria, então, uma tentativa do sujeito de aderir à sua própria superfície, aos pedaços de outros objetos, num esforço de propiciar uma defesa contra a ansiedade de desintegração.

As agonias primitivas da identificação adesiva, para Bick (1984), diferenciam-se dos outros medos persecutórios existentes, pois são defesas contra a sensação de sentir-se sem saída junto/unido a algum objeto, o que frequentemente leva as pessoas a tornarem-se avessas a mudanças, necessitando constantemente de estabilidade e sustentação geradas pelo mundo externo. Tais características podem permanecer mascaradas pela constituição de uma segunda pele, mas um colapso por estresse pode revelar a personalidade que estava submersa.

Para Etchegoyen (2004), quando vários autores de diferentes caminhos teóricos observam um mesmo fenômeno é porque ele realmente existe. Assim, esse autor fornece uma explicação para fenômenos que outros autores também relataram: o *falso self*, de Winnicott; a *personalidade fática*, de Bleger; e a *pseudomaturidade*, de Meltzer, que observaram em seus pacientes certo grau de inautenticidade, o que induz à suposição de que o processo de identificação dar-se-ia de forma superficial. Etchegoyen (2004) destaca que, diante de um material clínico, é fundamental diferenciar o tipo de identificação (projetiva, introjetiva, adesiva). Ele adverte, entretanto, que o conteúdo do material manifesto não será decisivo, pois um mesmo símbolo ou ato pode expressar diferentes processos. O autor conclui, então, que o fundamental para guiar o analista seria sua vivência de contratransferência, já que a identificação adesiva passa a sensação de ingenuidade e inautenticidade. O analista sente que o analisando não procura situar-se dentro do objeto, mas manter-se em contato com ele por meio de uma conduta mimética.

Segundo Meltzer (1986), trata-se de indivíduos “bem ajustados”, mas que estão atentos à opinião dos outros, preocupados com a moda, os *status* sociais e os títulos. Vivem, assim, um processo de identificação imitativa, mecânica e sem consistência. O autor exemplifica esses tipos de pacientes naquelas pessoas conhecedoras de arte, mas que, ao entrarem numa galeria, primeiro, olham o preço da obra e, só depois, avaliam o que perceberam dela. Desse modo, o valor está ligado ao externo, e não a uma experiência

interna profunda ou a uma observação de si próprias. É como se essas pessoas constantemente se espelhassem nos olhos dos outros, copiando-os.

Trago como exemplo a paciente Ariana, de 40 anos, que está infeliz em seu relacionamento, mas que não consegue pôr um fim nele. Ela diz não conseguir construir nada e relata não ter ânimo para fazer suas próprias coisas, mas, para trabalhar na empresa do namorado e cuidar da família dele, nenhum esforço é medido. Ariana tem dificuldades em fazer as coisas sozinha: “Quando eu trabalhava e não tinha ninguém pra almoçar, preferia não comer a ter que almoçar sozinha”; “Eu tava sem nada pra fazer no sábado, podia ir ao cinema, mas, sem ninguém, preferi ficar em casa arrumando minhas coisas”.

Discursos como esses, somados à minha contratransferência, é o que me faz pensar em uma identificação adesiva. Ariana não utiliza o divã e mantém seus olhos fixados nos meus. Sou para ela um objeto sensorio. A impressão que tenho é de estar em um cinema 3D, pois seu olhar nos deixa muito próximas. Nos momentos em que ela tenta romper seu namoro, é assolada por uma angústia, e sua aderência a mim fica mais intensa, levando-a a me enviar mensagens e me ligar, até mesmo nos fins de semana. Percebe-se, pois, que a separação é algo distante do vocabulário emocional de Ariana, a qual, diante da ausência de seus objetos, busca aderir a eles como forma de existir.

O conceito de identificação adesiva seria, para Etchegoyen (2004), uma modalidade particular de lidar com a angústia da separação. Ele explica que são os analisandos que sempre buscam estar em contato com o analista enquanto objeto sensorio. Desse modo, eles necessitam mais da voz do analista, ou seja, de sua companhia, do que necessariamente do conteúdo de seu discurso. São pacientes que tendem a se desmoronar, e em seus sonhos, muitas vezes, aparecem conteúdos ligados a uma busca desesperada por contato e pela presença do outro.

Para ilustrar essa teoria, pego emprestado de Balzac (2008) seu protagonista de *A pele de onagro*: Raphaël de Valentin. Trata-se de um jovem

pobre, que vive atraído pela beleza e as frivolidades da sociedade aristocrática parisiense, valoriza a elegância, o dinheiro e a alegria, e tenta transitar nesse mundo extravagante sob a falsa aparência de um determinado *status* – aqui, é possível fazer um paralelo com o que Meltzer (1986) descreve sobre os pacientes que mantêm inautenticidade em sua existência.

Após ter falido no jogo e no amor, Raphaël decide dar um fim a tudo, pulando de uma ponte no rio Sena – segundo Bick (1991), essa seria a sensação de cair no espaço e liquefazer-se. Antes, porém, de atirar-se para o afogamento, ele depara com uma loja de antiguidades e opta por explorá-la. Em meio aos objetos primitivos, a angústia de Raphaël é captada por um velho antiquário, que lhe oferta um ambivalente talismã: uma pele de onagro (espécie de jumento selvagem encontrado em desertos da Ásia) que continha a seguinte inscrição em sânscrito: “Se me possuíres, possuirás tudo. Mas tua vida me pertencerá. Deus quis assim. Deseja, e teus desejos serão realizados. Mas regula teus desejos por tua vida. Ela está aqui. A cada desejo, decrescerei, assim como teus dias. Queres-me? Toma-me. Deus te atenderá. Assim Seja” (Balzac, 2008, p. 57).

Apesar de advertido sobre a maldição do talismã, Raphaël decide possuí-lo, pois acredita ter dedicado toda sua vida ao estudo e ao pensamento, e que estes, todavia, não o alimentaram. O sentimento insatisfatório com a vida e a angústia de se ver prestes a um suicídio leva o protagonista a assumir a pele de onagro, que o integra e, ao mesmo tempo, promete uma adesão contínua a qualquer objeto que desejar. O talismã, entretanto, tem uma condição para prometer gerar tudo a quem o possuir: em troca, exige a vida da pessoa, a ser diminuída mediante seus desejos. O que parece ser a salvação para um existir intenso também é uma prisão vazia.

Nosso trabalho clínico seria ajudar nossos pacientes que vivem essas condições a conseguir separar-se de suas peles de onagro, para desenvolverem uma identidade própria. Lidar com pacientes que se utilizam da identificação adesiva alerta-nos para certas particularidades. Segundo Bick (1984), são pacientes que não se mostram acessíveis para a investigação

analítica enquanto não se sentirem transferencialmente bem contidos pelo analista. Somente assim eles podem trazer, sob a forma de transferência, materiais que remetem a conflitos de angústia de separação. Isso, muitas vezes, implica ter que lançar mão de interpretações de mecanismos que rapidamente se tornam evidentes, em prol de um fortalecimento do vínculo entre o analista e o paciente. Desse modo, é fundamental a firmeza do *setting-pele*, o que requer um lento e contínuo equilíbrio entre os processos de manter-se continente para o paciente e de efetuar elaborações interpretativas que levem em conta o medo de cair até morrer.

## Referências

- Balzac, H. (2008). *A pele de onagro*. (P. Naves, trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In E. B. Spillius, (Org.), *Melanie Klein hoje* (Vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Bick, E. (1984). Ulteriori considerazioni sulle funzioni della pelle nelle prime relazioni oggettuali: integrando i dati dell'“infant observation” con quelli dell'analisi dei bambini e degli adulti. (F. Mori, trad.). *Rivista di Psicoanalisi*, 30, 341-355.
- Etchegoyen, R. H. (2004). *Fundamento da técnica psicanalítica*. (F. F. Settineri, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. (J. O. Aguiar, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19 (38), 40-52.
- Meltzer, D. (1993). *Il processo psicoanalitico*. [O processo psicanalítico] (G. Di Chiara, trad.). Roma: Armando.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, bibliografias, eventos, instituições*. (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. (1996). Sobre o conceito de uma posição autística-contígua. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30 (2), 341-364.

Camilla Biaggi Alvarenga  
camillabiaggi@hotmail.com

## A contribuição de Belà Grunberger ao estudo do narcisismo

Carlos Marcírio Naumann Machado,<sup>1</sup> Porto Alegre

Resumo: O objetivo do presente trabalho é dar uma noção das principais contribuições de Belà Grunberger ao estudo do narcisismo, como suas concepções sobre a imagem fálica, a depressão, a analidade, entre outras. Este autor sustenta a ideia de que o narcisismo persiste no ciclo vital em qualquer tipo de estrutura de personalidade, e seu aparecimento nas relações é inexorável. Haverá sempre uma dialética relacional entre o componente pulsional e o componente narcisista. Em Grunberger, uma das buscas humanas fundamentais refere-se à plenitude de um estado pré-natal, e o sujeito neurótico é aquele que fracassou com as diferentes possibilidades de restabelecimento da integridade (narcísica) perdida, nos diferentes níveis de sua maturação pulsional. A imagem fálica, segundo o autor, simboliza algo pertencente ao domínio da integridade, e a castração (em qualquer nível) representa seu oposto, as dificuldades que o sujeito experimenta para constituir-se na integridade. No inconsciente, essas questões estão marcadas por sinais fálicos positivos ou negativos. Contribuições interessantes desse autor pertencem ao estudo da interação analidade e narcisismo, em que ideias de controle e domínio sobre o objeto são marcantes, numa lógica paradoxal de um incremento ilusório da honra narcísica do sujeito que necessita exercer esse controle.

Palavras-chave: Grunberger, narcisismo, analidade, imagem fálica

*Last night you said I was cold, untouchable  
A lonely piece of action from another town  
I just want to be free, I'm happy to be lonely  
Can't you stay away?  
Just leave me alone with my thoughts  
Just a runaway, just a runaway  
I'm saving myself  
Marillion ("Blind Curve", 1985)*

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA/POA/RS).

## Introdução

Ogden (2006) enumera os elementos centrais do que ele considera como perspectiva psicanalítica: as relações entre os aspectos conscientes, pré-conscientes e inconscientes da mente; o conceito de transferência-contratransferência; a concepção de mundo de objetos internos; a ideia do interjogo dialético entre as posições kleinianas (ele acrescenta o modo autista-contíguo); as formas de subjetividade, de ansiedades e de defesas ligadas a cada um destes modos de vivenciar as experiências; os conceitos de cisão, de identificação projetiva e de defesa maníaca; a ideia de necessidade humana de verdade; a concepção de vitalidade e desvitalização; o conceito de espaço entre realidade e fantasia; a ideia do enquadre analítico; a concepção do papel central da sexualidade no desenvolvimento saudável; a ideia da unidade da psique-soma na saúde e a concepção de como o desenvolvimento da simbolização e da autopercepção é inseparável do desenvolvimento das relações objetais.

Um conjunto de concepções e perspectivas contundentes, do ponto de vista clínico. Mas como se interporiam, nessas ideias, que agregam aportes derivados fundamentalmente de Freud, Klein, Bion e Winnicott, estudos específicos ligados às questões do narcisismo, os quais parecem estar vinculados de modo profundo e frequente com a contemporaneidade e sua clínica. Então, apesar de ser surpreendente que estudos teóricos e clínicos vinculados ao tema do narcisismo não permeiem mais a literatura psicanalítica contemporânea, dada a imersão narcísica do sujeito de nosso tempo, há autores contemporâneos com contribuições importantes sobre o tema. Belà Grunberger é um deles.

O principal objetivo deste trabalho é uma leitura introdutória à obra de Grunberger, autor pouco citado na literatura psicanalítica. Nas revisões de Hornstein (2006), Maldavsky (1992), assim como nos estudos de Kohut (1984), todos específicos sobre a fenomenologia do narcisismo, Grunberger não é citado. No entanto, André Green refere que, “se a comunidade psicanalítica não professasse uma ignorância, às vezes tingida de desprezo pelos

trabalhos psicanalíticos franceses, teria reconhecido que, na França, Kohut havia sido precedido por Grunberger” (Green, 1988, p. 13). Não obstante, é a única citação de Grunberger encontrada no trabalho referido.

### A contribuição de Belà Grunberger

Grunberger (1979a), assim como Kohut (1984), persegue uma concepção segundo a qual o narcisismo persiste em qualquer tipo de estrutura de personalidade, permanecendo importante como fenômeno clínico em todas as nosologias possíveis. Assinala que seu estudo pode proporcionar um “complemento orgânico” fundamental, em vez de deslocar ou substituir as teorias vinculadas ao pulsional, pois o devir narcisista encontra-se ligado à vida instintiva pré-natal.

Então, para Grunberger (1979a), o estado pré-natal assume importância capital nos desígnios do sujeito. Sua pressuposição básica evidencia que uma das buscas humanas fundamentais refere-se ao estado elacional (plenitude). Esse estado conteria sensações anteriores ao nascimento, perdidas nesse momento. Ou seja, diante da insuficiência ao nascer, verdadeira castração primária e avassaladora, a mãe (suficientemente boa) tentaria reconstituir, simbolicamente, a sensação desse estado de plenitude no bebê.

Em Grunberger (1979a), a noção freudiana da pulsão de morte é bastante discutida. Ela passa pela compreensão de que, no inconsciente humano, a corrente narcisista não conhece nem começo nem fim, sempre querendo desembocar sobre a eternidade e a onipotência, próprias desse estado oceânico anterior ao nascimento. Ou seja, é minimizada a ideia de uma pulsão de morte, substituída pelo que o autor entende ser uma busca (permanente) de um estado elacional pré-natal, fonte de todas as variantes do narcisismo. A dualidade pulsional freudiana, apoiada no automatismo de repetição, no masoquismo primário, no sentimento de culpa e na reação terapêutica negativa, fica concebida como uma concepção mística; já que os fatores mencionados repousariam num protótipo com fundo narcisista, ligado a uma impossibilidade e, ao mesmo tempo, a um desejo de retorno

a um estado elacional oceânico. Para Grunberger (1979a), o fantasma de eternidade, de invulnerabilidade e de infinitude funda suas raízes na cenesesia específica vinculada à acronicidade da vida fetal. Assim, Grunberger ratifica a oposição à concepção “mística” de instinto de morte, aproximando-se daquilo que Winnicott (1975) classificou como “uma reafirmação do princípio do pecado original” (p. 102), referindo-se ao instinto de morte.

Assim nos perguntaremos se o valor subjetivo da hipótese Eros – Tánatos não reside no fato de que protege contra a ferida narcisista da morte, enquanto deterioração orgânica (despertando o temor de fragmentação), implacável e encoberto processo no qual cada um está obrigado a submeter-se.<sup>2</sup> (Grunberger, 1979, p. 25)

Grunberger (1979a, 1965/1979d) salienta que em toda a conduta humana há algo de narcisismo, ainda que de uma maneira profunda e imperceptível. Ele sustenta que se instalará um permanente conflito entre as pulsões, de um lado, e o ponto de vista narcisista, de outro. Este conflito terminará com o narcisismo projetado sobre “una formación *ad hoc*, con dignidad de instancia, el Ideal del Yo” (p. 36).

O autor acrescenta que, para o inconsciente, a completude narcisista possui o valor de uma divinização, qualquer que seja o grau objetivo de completude e a etapa da vida. Assim, independentemente da fase, mas ao mesmo tempo usando os recursos pulsionais apropriados, o sujeito buscará sempre “poner a salvo su honor narcisista” (p. 144).

Contribuições únicas, de valor inestimável, ao nosso olhar, pela originalidade e pelo aparecimento cotidiano na clínica, isto é, na matriz transferencial-contratransferencial, pertencem ao estudo da interação analidade e narcisismo, em que questões de traços caracterológicos são ilustradas de forma primorosa (Grunberger, 1979b). A característica essencial da relação objetal anal reside no controle do objeto, controle que vale ao sujeito o

2 Tradução livre do autor.

restabelecimento da integridade narcisista posta em xeque no estágio precedente. Ou seja, sentimentos de injustiça que requerem, até mesmo, uma vingança narcísica. Enquanto o oral busca a unicidade e a autonomia narcisista, o anal tenderá a buscá-las por outros meios, fundamentalmente de *controle e domínio*. O sujeito com traços de caráter dessa ordem introduz entre ele e o objeto um fator energético qualitativo no qual a qualidade de sujeito é recusada. Esta situação constitui o fundamento de um sentimento de segurança, muitas vezes manifesto por expressões verbais típicas utilizadas de forma repetitiva nas trocas relacionais.

O essencial para o sujeito é ocupar, ante o objeto e ante si mesmo, uma posição de superioridade, que ele tratará de salvaguardar a qualquer preço, tanto mais que ela representa, além da questão pulsional propriamente dita, uma referência narcisista positiva.<sup>3</sup> (Grunberger, 1979, p. 148)

Sempre haverá um *quantum* de narcisismo preservado numa dimensão não relacional em si mesma, no próprio ato sexual (Grunberger, 1979a, 1967/1979e). Em outras palavras, a relação sexual (podendo servir-se de elementos orais, anais, fállicos, além de elementos genitais autênticos), buscaria, *além da pulsão*, um estado de completude em que a dimensão narcisista sempre estará presente na experiência. Grunberger (1967/1979e) reflete sobre o fato de que, na precocidade pós-natal, a função da mãe seria “manter a ilusão” (Winnicott) de que o mundo do bebê ainda é o mundo todo. Para ele a “*pareja madre-hijo*” é pós-natal, com a importância fundamental de dar ao bebê a ilusão da manutenção do estado anterior (de qualidades elacionais), insistindo em que o estado narcisista primitivo não é a fusão mãe-bebê, mas sim a fusão do bebê com seu mundo, o qual é o mundo todo. Assim, mais tarde, o sujeito buscará encontrar em outros registros, em diferentes “fases ou estágios psicosexuais”, sob a forma de

3 Tradução livre do autor.

uma busca, um sentimento similar de onipotência e plenitude soberanas. Influenciado pelos trabalhos de Ferenczi, Grunberger argumenta que o desejo sexual no adulto – imerso nas constelações edípicas – estaria em um *nível profundo*, obedecendo a um desejo regressivo, de *essência* narcisista, de retorno ao útero materno e a um sentimento de plenitude.

A distinção entre as duas perspectivas (de *essência* narcisista ou pulsional) é que a segunda é utilizada para buscar a primeira. Assim a união mãe-bebê, advinda do estado narcísico, desembocaria numa relação de *essência* pulsional que objetivaria um retorno à antiga perspectiva. Cada sujeito fará a sua síntese específica destas duas perspectivas, o que dará consistência a aspectos estruturais e caracterológicos individuais.

O bebê se encontra, assim, em um dado período, separado dos dois mundos de uma só vez, em uma escuridão sombria de uma terra de ninguém existencial, no que ele se aferra desesperadamente à sua mãe, ou melhor, no que ela representa para ele nesse momento: uma possibilidade de prolongamento de seu estado narcisista pré-natal e, ao mesmo tempo, de acesso e integração no novo universo de base pulsional.<sup>4</sup> (p. 272)

O intuito narcisista, sempre presente no inconsciente, é a restauração do continente-contido arcaico. Grunberger (1964/1979c, 1965/1979d) acrescenta o fato de que essa configuração corresponde à posição edípica precoce, que a criança é incapaz de realizar, por causa de sua imaturidade funcional. “Compreender-se-á, assim, que o sujeito quer substituir o trauma narcisista (proveniente de sua impotência intrínseca) por uma interdição externa, infinitamente menos dolorosa para seu narcisismo” (p. 273). Ele salienta que, em uma análise, seja qual for a natureza do material, é em torno da problemática da imagem fálica que os conflitos estão inevitavelmente situados. Dizendo, em reforço, que, no inconsciente, sempre há uma imagem fálica positiva ou negativa, ou seja, “falo e castração são

4 Tradução livre do autor.

noções que recobrem, não atos ou estados, mas sim designam as vicissitudes de uma função” (Grunberger, 1964/1979c, p. 194).

Para Grunberger, o sujeito neurótico não é aquele que não aceitou a castração e sofre com esse desígnio da condição humana, mas sim o que fracassou com as diferentes possibilidades de restabelecimento narcisista da integridade (narcísica) perdida, nos diferentes níveis de sua maturação pulsional. A imagem fálica simboliza algo pertencente ao domínio da integridade e a castração (em qualquer nível) representa seu oposto, assim como as dificuldades que o sujeito experimenta para constituir-se integralmente.

É nos “Estudios sobre la depresión” que Grunberger (1965/1979d) adentra com maior vigor a formação e estruturação do Ideal do Ego. Reforça o papel da figura materna para a criança, numa dimensão em que as satisfações pulsionais reduziriam o peso das fendas narcísicas, com um saldo erótico positivo. Dado que a confirmação narcisista é sempre incompleta, a criança, para salvaguardar seu narcisismo, será, então, obrigada a projetá-lo sobre um objeto idealizado. Para o autor, a margem entre o Ego e o Ideal do Ego será tanto menor, quanto mais a confirmação narcisista tiver sido atingida.

### Considerações finais

A existência da essência narcisista na fenomenologia das relações humanas, desmistificada e atrelada às questões rotineiras da clínica psicanalítica contemporânea, é o eixo da obra de Grunberger, autor eminentemente clínico e muito atual. Trabalho interessante, que estamos elaborando, é comparar as contribuições de Belà Grunberger com aquelas advindas de outro nome importante no cenário francês contemporâneo, André Green, em quem o pensamento é mais vinculado às questões nosológicas. Em Green (2010) há uma interação vigorosa e profunda entre a função do objeto, a pulsão de morte e o trabalho do negativo.

Em Grunberger, como tentamos demonstrar, por outro lado, há uma peculiar originalidade que pode ser verificada em seus estudos sobre

a analidade, sobre a imagem fálica e sobre a convivência dialética narcisismo-pulsão, em que Édipo e narcisismo interagem de forma contundente. O estudo do caráter é incessantemente buscado pela coexistência entre as correntes narcísicas e pulsionais, o que torna seu aprendizado, além de fascinante, a meu ver, ferramenta clínica valiosa.

## Referências

- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Grunberger, B. (1979a). Introducción. In B. Grunberger, *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb.
- Grunberger, B. (1979b). Estudio sobre la relación anal-objetal. In B. Grunberger, *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb.
- Grunberger, B. (1979c). De la imagen fálica. In B. Grunberger, *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979c. (Trabalho original publicado em 1964)
- Grunberger, B. (1979d). Estudios sobre la depresión. In B. Grunberger, *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb. (Trabalho original publicado em 1965)
- Grunberger, B. (1979e). El Édipo y el narcisismo. In B. Grunberger, *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb. (Trabalho original publicado em 1967)
- Horstein, L. (2006). *Narcisismo – autoestima, identidad, alteridad*. Buenos Aires: Paidós.
- Kohut, H. (1984). *Self e narcisismo*. São Paulo: Imago.
- Maldavsky, D. (1992). *Estruturas narcisistas – constituição e transformações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. H. (2006). *Esta arte da psicanálise – sonhando sonhos não sonhados e choros interrompidos. Livro Anual de Psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Carlos Marcício Naumann Machado  
cmn.machado@gmail.com

## Símbolo e formação simbólica

Fernando Pimenta Mathias,<sup>1</sup> Rio de Janeiro

Resumo: O autor se dedica a examinar os conceitos de símbolo e simbolização. Para tal, procura traçar a evolução de tais conceitos desde os primórdios da psicanálise. Primeiramente, são apresentadas as contribuições de Freud, Jones e Ferenczi. Tais autores mostraram a importância de mecanismos como identificação, deslocamento e repressão durante a formação simbólica. São dados exemplos de símbolos oníricos, muitos deles símbolos sexuais. Com a teoria kleiniana, maior ênfase foi dada à ansiedade e ao sadismo e, além disso, surgiram novos conceitos, sobretudo o de posições e o de identificação projetiva. Utilizando-se de tais conceitos, Hanna Segal pôde fazer uma importante distinção, a saber, entre equação simbólica e simbolização. Equação simbólica corresponde ao pensamento concreto, típico do esquizofrênico, no qual há uma confusão entre símbolo e objeto simbolizado. A equação simbólica ocorre na posição esquizoparanoide, quando o ego não é capaz de distinguir adequadamente entre eu e não-eu. Já a simbolização está ligada à posição depressiva e se caracteriza por uma adequada distinção entre símbolo e objeto simbolizado, o que só é possível quando há uma maior integração do ego.

Palavras-chave: símbolo, simbolização, formação simbólica, equação simbólica, identificação

### Introdução

Há algum tempo, tenho tido curiosidade pela maneira como o pensamento se desenvolve em um ser humano. Esse interesse cresceu quando li *A Theory of Thinking*, de Bion. Muito me intrigou a noção de um aparelho para pensar que, quando não se desenvolve adequadamente, transforma-se em um aparelho para evacuar pensamentos, tratando estes como perseguidores. O trabalho de Hanna Segal *Notas sobre a formação de*

1 Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, SPRJ.

*símbolos* (1955/1988) também muito me interessou. Ambos os trabalhos são, porém, de leitura árdua e exigem sólida compreensão de certos conceitos. Vi-me, portanto, incapaz de apreender adequadamente o conteúdo de tais estudos. Senti necessidade de entender melhor alguns conceitos a fim de preencher lacunas do meu conhecimento teórico.

O conceito ao qual me dedico no atual trabalho é o de simbolização. Proponho-me a entender o que é o símbolo e como se dá a formação simbólica. Este estudo remeteu-me a quatro autores que, entre 1913 e 1931, foram pioneiros nesse fascinante tema: Ferenczi, Freud, Jones e Klein. Pretendo citar as principais contribuições desses quatro autores e, em seguida, tentarei fazer uma ligação com os trabalhos de Segal e Bion citados acima.

### Características do símbolo

Ernest Jones escreveu o que talvez seja o mais completo trabalho sobre símbolo (1916/1948). Ao realizar uma pesquisa exaustiva do tema, Jones percorreu campos muito além da psicanálise, como a linguística, a mitologia e a antropologia. Com rigor científico, ele enumerou critérios que permitissem a definição de símbolo. Darei aqui apenas uma noção geral de suas ideias. Segundo Jones, o *símbolo* é uma representação de uma ideia ou de um objeto, e a ele chamamos *elemento primário*. Jones afirma que o símbolo possui algumas características das figuras de linguagem, como a metáfora, a metonímia e a comparação. Mas distingue-se destas, pois sua gênese está intrinsecamente ligada ao inconsciente e ao processo primário. Símbolos aparecem sobretudo em situações nas quais a mente consciente afrouxa e cede espaço para o inconsciente, como em sonhos, chistes ou situações de cansaço extremo.

Os trabalhos de Jones (1916/1948) e de Freud (1916-17/1996b) foram publicados, respectivamente, em 1916 e 1917. Os dois trabalhos têm muitas similaridades, o que me leva a crer que os dois autores dialogavam entre si sobre o tema naquele período. Uma característica interessante

do simbolismo, citada por ambos, é que, apesar de existir uma infindável quantidade de símbolos, os objetos simbolizados resumem-se a uns poucos. São eles: o próprio corpo do indivíduo (e suas partes), o pai, a mãe, os irmãos e os fenômenos do nascimento, amor e morte.

Segundo Jones, esses elementos primários são os objetos e interesses mais importantes para o ser humano. O elemento primário recebe intensos afetos e é fortemente reprimido. Para alcançar o pré-consciente, é necessária uma artimanha: o afeto ligado ao elemento primário é *deslocado* para o símbolo, e é o símbolo que ganha acesso ao pré-consciente. Para um observador, a importância afetiva dada ao símbolo parece exagerada, mas ela é facilmente explicável por esse *deslocamento* ocorrido. O que ocorreu aí foi uma formação de compromisso entre mente inconsciente e mente repressora: a ideia simbolizada foi reprimida, enquanto o símbolo torna-se pré-consciente. Nesse processo, a ligação entre símbolo e elemento primário permanece inconsciente.

O indivíduo que sonha com um símbolo não faz ideia de seu significado e, quando este lhe é interpretado, a reação é de surpresa e até mesmo de repugnância. O significado do símbolo é tão intensamente reprimido, que, mesmo por meio das associações do sonho, não seria possível chegar até ele. É só devido ao conjunto de dados acumulados, seja pela observação de mitos, contos infantis, folclore ou outros, que se pode compreender o significado de vários símbolos.

A característica mais notável do símbolo é seu significado constante, não só para um mesmo indivíduo, mas também para toda a humanidade. Também cabe destacar que o símbolo é, muitas vezes, uma representação pictórica, estando mais próxima do plano perceptivo que do conceitual. O elemento primário costuma ser uma ideia mais complexa e mais abstrata do que o símbolo em si. O símbolo, portanto, tende a ser concreto e, além disso, mais curto e condensado do que a ideia que ele representa.

### A sexualidade e a origem da linguagem

O simbolismo é algo exclusivo da espécie humana. Fica a interessante questão de saber como ele surgiu. Tanto Jones quanto Freud citam um filólogo sueco, Hans Sperber. Apesar de pouco influente dentro de sua própria ciência (Cohen, 2012), suas hipóteses sobre o surgimento da linguagem verbal foram abraçadas pela psicanálise em meados do século XX. Para Sperber, o sexo foi o que motivou nossos ancestrais a iniciarem a comunicação falada. Segundo este linguista, os primeiros humanos que falaram o fizeram com a finalidade de atrair o parceiro. Em uma segunda etapa no desenvolvimento da espécie, os trabalhos em grupo tornavam-se cada vez mais necessários, fosse pela caça, pela pesca, a agricultura ou outros. Uma linguagem fazia-se necessária para isso. Então, as mesmas palavras que denotavam atos ou órgãos sexuais teriam ganhado um segundo sentido, ligado a tais tarefas. Em outras palavras, o homem primitivo reconciliou-se com o desagradável trabalho tratando-o como um substituto do sexo (Freud, 1916-17/1996b). Palavras usadas durante essas tarefas comuns tinham um duplo significado: um, relacionado a sexo; e outro, referente à tarefa correspondente a tal ato ou órgão sexual. Mais adiante no desenvolvimento da espécie, apenas esse último sentido (isso é, o do trabalho) foi mantido, ficando esquecido (ou reprimido) o sentido original.

Para dar suporte à tese de Sperber, Jones cita alguns exemplos, sobretudo na agricultura. A semeadura da terra e a concepção da mulher são, de longa data, relacionadas. Palavras como fertilidade e esterilidade servem tanto para a (re)produção agrícola como para a reprodução humana. Em inglês, *seed* significa tanto semente como sêmen, palavras que, em português, não são idênticas, mas têm grande semelhança. Outro exemplo interessante é o ritual primitivo realizado por alguns povos com o objetivo de aumentar a produtividade agrícola. Durante esse ritual, um casal realizava a cópula, o que serviria de estímulo para que a terra seguisse o exemplo e também fosse fertilizada. Jones cita, ainda, o fato de que as ferramentas são símbolos do órgão sexual masculino. Já o que é manipulado

pelas ferramentas (como a terra, o campo) serve como símbolo da mulher e dos órgãos sexuais femininos. Portanto, é nesse sentido (do sexual para o não sexual) que se desenvolveriam os símbolos. A propósito, a hipótese de Sperber, se correta, ajudaria a explicar o fato de os símbolos sexuais serem a grande maioria dos símbolos.

### Identificação e simbolização

Jones ressalta que a base de toda simbolização está na *identificação* (ou equiparação) de duas ideias, isto é, o elemento primário e seu símbolo. Entre essas duas ideias, a mente inconsciente percebe similaridades que poderiam passar despercebidas pela mente consciente. De qualquer forma, um símbolo é escolhido por possuir algo em comum com o objeto simbolizado, seja essa semelhança evidente ou não.

Ferenczi (1913/2011a) foi o autor que explicitou mais claramente a relação entre identificação e simbolismo. No simbolismo mais comumente descrito, uma parte altamente valorizada do próprio corpo é identificada com um objeto externo. Por exemplo, o pênis mesmo é identificado com uma espada. Mas Ferenczi também descreveu um tipo mais primitivo de formação simbólica. Nesse tipo, o indivíduo iguala a parte do corpo altamente valorizada a uma outra parte do corpo. Subsequentemente, um dos membros da equação é recalcado, enquanto o outro é supervalorizado. Por exemplo, o pênis poderia ser representado por um braço. Este último órgão receberia, então, um exagerado investimento libidinal, devido ao deslocamento de libido do pênis para ele. Portanto, o simbolismo, para ocorrer, precisa primeiro passar por uma etapa, a da identificação.

### A simbolização no brincar

Melanie Klein valorizou muito a formação simbólica ao longo de sua obra. Ela deu grande importância às ideias de Ferenczi sobre a relação entre identificação e simbolização (Klein, 1923/1996b). Conforme descrevi anteriormente, no desenvolvimento infantil, primeiro o inconsciente

equipara diferentes partes do próprio corpo. Em um segundo momento, a criança compara as partes do próprio corpo com objetos externos. Segundo Klein, é por prazer que a criança se lança a esse redescobrimto do próprio corpo no mundo externo: o prazer libidinal das zonas erógenas. A criança tenta redescobrir os órgãos de seu corpo em todo objeto com que depara. Os objetos externos ganham vida, encenando um mundo animista (Ferenczi, 1913/2011b). Para Klein, o brincar é um exemplo desse processo: os brinquedos são identificados com partes do próprio corpo e com partes do corpo da mãe e do pai. Posso dar aqui um exemplo: um menino que se entretém com um carrinho, passando-o por dentro de um túnel. Essa brincadeira pode ser a representação do próprio pênis entrando no útero da mãe. O prazer que o menino tem nessa brincadeira seria, então, derivado do prazer libidinal de seu próprio órgão sexual. O interesse crescente da criança pelas coisas e pelo mundo se originaria desse processo: a libido ligada aos próprios órgãos se deslocaria para o mundo externo.

Portanto, o jogo e o brincar da criança são atividades simbólico-sexuais. Eu vou citar outro exemplo, o de um pequeno jogador de futebol: ele corre sobre o campo e tenta chutar a bola para o gol. O campo é uma representação simbólica do corpo da mãe, sobre o qual as pernas do menino pisam. O ato de pisar no campo representa a penetração. As pernas são partes do corpo que foram identificadas com o pênis. Simultaneamente, podemos enxergar outro significado: Quando o menino chuta a bola para o gol, a bola identifica-se com o pênis, penetrando no gol. E o gol representa, novamente, o órgão sexual da mãe. O menino em questão poderia, de uma hora para outra, ter uma inibição para jogar futebol. O significado de tal inibição poderia ser remontado aos perigos de penetrar a mãe e de ser castrado pelo pai.

Esse exemplo que eu trouxe é de uma atividade atlética. Mas, para Klein, qualquer atividade intelectual ou artística, como desenhar, escrever, fazer operações matemáticas, tem um significado simbólico. Klein (1923/1996a) citou diversos exemplos de inibições intelectuais em crianças.

Essas inibições intelectuais originam-se de inibições sexuais, quase sempre remontando ao complexo de Édipo e ao temor de castração. Por outro lado, a atividade intelectual pode ocorrer livremente e de forma criativa. Aí, teremos, em vez de uma inibição ou de uma neurose, uma sublimação. A sublimação e a formação simbólica caminham juntas. Se o menino de meu exemplo pode chegar à idade adulta e se tornar um jogador de futebol profissional, é fato que ele foi capaz de sublimar seus impulsos eróticos por sua mãe, transformando-os em algo valorizado pela sociedade.

### Exemplos de símbolos oníricos

Foi pela observação de sonhos que Freud começou a voltar sua atenção para o interessante fenômeno dos símbolos (1916-17/1996b). Ele mencionou que, para estes serem compreendidos, bastaria apenas recorrer a uma espécie de “manual dos sonhos”, pois cada símbolo representará sempre o mesmo elemento. Portanto, o analista pode traduzir seu significado baseado apenas no conhecimento prévio daquele símbolo, sem precisar, para isso, conhecer o analisando ou suas associações ao sonho.

Vou mencionar alguns símbolos apontados por Freud. Os símbolos sexuais são a grande maioria deles, podendo se referir aos genitais, ao ato sexual ou aos processos sexuais. Freud observou que o protótipo do símbolo é a casa, que representa o próprio corpo. Ele já havia notado que, em sonhos, campos abertos ou “lugares” são representações da mulher (ou da mãe). Uma floresta representa a vagina e seus pelos pubianos. Concavidades ou buracos como fogões, armários e aposentos são representações dos genitais femininos. Um quarto representa o útero. Pode nos surpreender que a madeira represente mulher ou mãe: a explicação é que a palavra vem de matéria, mãe de tudo, o material de que tudo é feito.

Já o pênis é representado por coisas que tenham o formato semelhante ao do órgão, como cobras, chicotes ou troncos. E, também, por objetos perfurantes e penetrantes, como pistolas, facas e espadas. A ereção pode ser representada por flutuar.

Em sonhos, subir escadas é uma representação do ato sexual. O encontro de chave e fechadura também representa a relação sexual. O prazer oriundo do sexo é representado por comer doces. Rei e rainha são símbolos para pai e mãe. E, por último, o nascimento é simbolizado por situações em que haja água, como o mar, por exemplo. As fezes, que são a primeira possessão importante de uma criança, são representadas tipicamente por ouro ou por dinheiro (Jones, 1916/1948).

### O sadismo e a simbolização

Como mencionei anteriormente, Freud já havia notado que a casa é o protótipo do símbolo: o interior da casa é o interior do corpo. Melanie Klein seguiu essa ideia ao extremo: segundo ela, o corpo da mãe funciona como uma casa. É nessa casa que o bebê fantasia a existência dos objetos. É no corpo da mãe que estão outros bebês, as fezes, o seio, o pênis paterno, o casal parental, entre outros. Em seguida, esses objetos fantasiados no corpo da mãe são personificados e identificados com objetos externos. Dessa forma, tais personagens fantasiados passam a povoar o mundo externo. Em resumo, o investimento libidinal que se iniciou nas zonas erógenas do próprio corpo se estende para o corpo da mãe e, depois, para o mundo externo.

A partir da década de 1930, Klein nota a importância não só da libido, mas também do sadismo. O relacionamento da criança com os objetos fantasiados não é só erótico, mas também sádico. A criança ataca, em fantasia, os conteúdos do corpo da mãe, como o pênis paterno, por exemplo. Este passa, então, a ser temido, já que pode contra-atacar. Caso essa ansiedade seja intensa demais, o pênis paterno precisará ser evitado a todo custo, podendo afetar o processo de descoberta do mundo externo. Mas a ansiedade, se permanecer em um grau suportável, impulsionará a simbolização.

Agora, tomarei a liberdade de aplicar a teoria kleiniana a um famoso caso clínico de Freud: o caso do pequeno Hans (Freud, 1909/1996a). Trata-se de um menino que, em fantasia, morde e arranca o pênis do pai. Em consequência, desenvolve um pavor do pai, que poderá retaliar os ataques

e castrar o garoto. Para atenuar a gravidade dessa situação, o inconsciente do menino usa uma artimanha: identifica o pênis do pai com o cavalo. O cavalo passa a simbolizar o pênis paterno. Ao deslocar os impulsos sádico-orais do pai para o cavalo, o pequeno Hans tem alívio parcial da ansiedade. Pode conviver normalmente com o pai, desde que fique longe de cavalos. Segundo Klein, a ansiedade (dentro de um grau tolerável) continua sempre impelindo o indivíduo a formar novos símbolos. Posso supor, então, que a fobia do pequeno Hans só chegou ao fim porque o símbolo *cavalo* deu lugar a novos representantes do pênis paterno retaliador. Dessa forma, a ansiedade é mitigada, pois se dilui entre vários objetos. E, paralelamente a isso, os interesses do pequeno Hans podem se diversificar cada vez mais.

Eu gostaria de examinar, nesse exemplo, a escolha do cavalo como símbolo. Este animal possui força e potência, qualidades facilmente atribuíveis por uma criança a seu pai. Mas há outro aspecto importante: conforme citei anteriormente, o pênis costuma ser simbolizado por objetos perfurantes e cortantes, como, por exemplo, espadas e punhais (Freud, 1916-17/1996b). Para o pequeno Hans, um aspecto particularmente aterrorizante do cavalo eram seus dentes, que poderiam perfurar e arrancar o pênis do menino. Por esses motivos, o cavalo serviu muito bem para representar o temível pênis paterno.

Há, ainda, algumas observações interessantes que se referem ao pênis e ao ato de perfurar e penetrar. Klein (1931/1996d) correlaciona penetração com descobrimento, ou seja, o impulso epistemofílico, de conhecer, descobrir e ter curiosidade, está estreitamente ligado ao pênis e sua potência. Em seu aspecto sádico, o pênis é uma arma, capaz de furar, cortar e atacar o corpo da mãe, podendo lhe causar danos. Uma “pitada” de sadismo é, porém, crucial para que haja uma saudável curiosidade pelos objetos do corpo da mãe e, em consequência, pelo mundo externo. Uma criança que não consegue usar adequadamente a potência inerente ao pênis acaba por ter graves inibições em seu desenvolvimento. A capacidade de simbolização, nesses casos, sofre interrupções e fica gravemente prejudicada.

### A equação simbólica

Até aqui, os textos sobre simbolismo de que me utilizei foram escritos entre 1913 e 1931. Foi bem depois disso, já em 1955, que Hanna Segal lançou um trabalho sobre simbolismo que veio a se tornar fundamental para a psicanálise contemporânea (1955/1988). Não me será possível contextualizar adequadamente os desenvolvimentos na teoria psicanalítica ocorridos nesse intervalo de tempo. Irei apenas mencionar que, no período em questão, a teoria kleiniana sofreu graduais mudanças. As principais delas foram as formulações dos conceitos de posições (esquizoparanoide e depressiva), identificação projetiva e de reparação do objeto.

Hanna Segal trouxe nova luz à teoria da simbolização. Ela percebeu a existência de um processo característico do pensamento psicótico, que ela chamou de *equação simbólica*. Um exemplo clínico trazido por ela foi o de um paciente que, desde que entrara em surto, não mais podia tocar violino. O motivo desta inibição era que ele igualava o ato de tocar violino ao ato de masturbar. Na equação simbólica, um objeto não é *representado* por outro. Em vez disso, um objeto é *igualado* ao outro, de maneira concreta. Segundo Segal, esse processo tem origem na posição esquizoparanoide e na identificação projetiva maciça. Nessas condições, o ego não é capaz de se diferenciar adequadamente do objeto, confundindo-se com este. Incapaz de diferenciar entre eu e não eu, o ego também não será capaz de diferenciar um objeto de seu símbolo. Dá-se, assim, um defeito na capacidade de simbolização.

A simbolização verdadeira, por outro lado, só pode ocorrer com a posição depressiva. Para simbolizar, é necessário o discernimento entre eu e objeto, além de uma adequada integração de aspectos bons e ruins tanto do eu quanto do objeto. Quando isso é feito, a reparação do objeto torna-se possível, e, assim, está aberto o caminho para a introjeção do bom objeto no mundo interno do indivíduo. O símbolo é peça-chave nesse processo, pois, sendo uma representação do objeto, permite ao ego ter tranquilidade mesmo na ausência do objeto do qual tanto depende.

Outro ponto muito enfatizado por Segal é que a simbolização está intrinsecamente ligada ao pensamento e à comunicação. Essa interligação entre pensamento, comunicação e simbolização veio a ser bastante elaborada por Bion. Uma novidade trazida por Bion foi sua teoria sobre o pensar (1961/1987). Ele formula o modelo da criança que está na expectativa do encontro com o seio, mas este não aparece. Ao lidar com a frustração por não encontrar o seio, ela pode seguir um entre dois caminhos:

1. Se ela for capaz de suportar a frustração, irá desenvolver pensamento, que é um instrumento que a ajudará a alcançar o seio desejado;
2. Caso ela não tolere a frustração, não desenvolverá pensamento. Em vez disso, sentirá o não-seio como um objeto mau concreto e irá projetá-lo junto com o pensamento. Este indivíduo não desenvolve um aparelho para pensar, mas sim um aparelho para evacuar o pensamento via identificação projetiva maciça. Uma vez que esse indivíduo não é capaz de superar a ausência do objeto, ele não é capaz de simbolizar objetos. Em vez disso, fará equações simbólicas.

## Conclusão

Neste trabalho, me propus a mostrar as principais características do símbolo e sua proximidade com o processo primário, os sonhos e seus mecanismos, como o deslocamento e a condensação. O papel da identificação como um precursor da simbolização é um fenômeno interessante que procurei descrever: primeiramente, identificam-se diferentes partes do corpo; posteriormente, essas partes do corpo são identificadas com objetos do mundo externo, “povoando” este último pela fantasia. O prazer erótico é importante nesse processo, assim como o sadismo. Tanto a libido quanto o sadismo impulsionam a formação de símbolos, desde que haja um equilíbrio entre eles.

Por fim, mencionei a equação simbólica. Este é um defeito da simbolização que ocorre na psicose, quando o indivíduo não é capaz de representar o objeto ausente. Os desenvolvimentos do pensamento e da simbolização estão estreitamente relacionados, como mostram Bion e Segal. Estes dois autores, que tiveram larga experiência com pacientes psicóticos, deram grandes contribuições ao tema da simbolização.

Procurei ilustrar todo o trabalho com exemplos. Fiz isso não só com o intuito de exercitar a aplicação dos conhecimentos teóricos, mas também para tentar tornar o material mais compreensível para o leitor.

## Referências

- Bion, W. R. (1987). A Theory of Thinking. In W. R. Bion, *Second Thoughts – Selected Papers on Psycho-Analysis*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1961)
- Cohen, M. A. A. M. (2012). Hans Sperber e Freud: a origem sexual da linguagem humana e a psicanálise. *Revista de Estudos da Linguagem*, 20 (2), 413 -430.
- Di Ceglie, R. (2005). Symbol Formation and the Construction of the Inner World. In S. Budd; R. Rusbridger (eds.), *Introducing Psychoanalysis: Essential Themes and Topics*. Routledge. (Trabalho original publicado em 2001)
- Ferenczi, S. (2011a). O simbolismo dos olhos. In S. Ferenczi, *Obras completas de Sandor Ferenczi* (2ª ed., pp. 63-66). São Paulo: WMF Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferenczi, S. (2011b). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi, *Obras completas de Sandor Ferenczi* (2ª ed., pp. 39-54). São Paulo: WMF Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 13-133 Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

- Freud, S. (1996b). Conferência X – Simbolismo nos sonhos. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 15 pp. 151-170). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917)
- Jones, E. (1948). The Theory of Symbolism. In E. Jones, *Papers on Psychoanalysis* (5ª ed.). Baltimore: The Willians and Wilkins/Baillière (Trabalho original publicado em 1916)
- Klein, M. (1996a). O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Klein, M. (1996b). A análise de crianças pequenas. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Klein, M. (1996c). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Klein, M. (1996d). Uma contribuição à teoria da inibição intelectual. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931)
- O’Shaughnessy, E. (1994). Psicose: o não pensar num mundo bizarro. In E. O’Shaughnessy, *Conferências clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Segal, H. (1988). Notes on Symbol Formation. In H. Segal, *Melanie Klein Today: Developments in Theory and Practice. Mainly theory* (Vol. 1). The New Library of Psychoanalysis. (Trabalho original publicado em 1955)

Fernando Pimenta Mathias

fernandopimentamathias@gmail.com



# Modelos de formação

Sonhando a formação



## Relatório do Comitê de Educação (CE) da IPA

Para: Conselho de Representantes da IPA, Berlim, 29-30 de julho de 2006

I. História e antecedentes do mandato do CE – ver Apêndice A

II. Resenha do Trabalho do CE

1. O novo CE está constituído por: Shmuel Erlich (Israel), Presidente; Sander M. Abend (EEUU); Aloysio d'Abreu (Brasil); Marie France Dispaux (Bélgica); Daniel Jacobs (EEUU) e Fernando Weissmann (Argentina). Otto Kernberg (EEUU) é o consultor do Comitê.
2. Em sua primeira reunião em Nova York, entre 17 e 18 de dezembro de 2005, o CE optou pela adoção de cinco critérios para estudar os três modelos de formação e estabeleceu os procedimentos de seu funcionamento.
3. Os membros do Comitê formaram três equipes, cada uma encarregada de estudar um dos modelos, entrevistando educadores destacados e associados com esse modelo em particular. Esse estágio do trabalho foi concluído em abril de 2006. As ideias presentes em cada relatório foram resumidas em um quadro comparativo para permitir uma comparação direta e rápida (Apêndice B). Na continuação do encontro de Nova York o trabalho se realizou via *e-mail*.

III. Principais achados

1. Considerações gerais:
  - a) Deverá levar-se em consideração que esta pesquisa tem como objetivo principal estudar os diversos *modelos* de formação e educação psicanalítica. O vértice não passa pelos numerosos detalhes, nem por suas variações de instituto para instituto, às vezes dentro do mesmo modelo. Trata-se de uma tentativa de

elucidação, na medida do possível, das características salientes dos três modelos em relação a dimensões essencialmente abstratas, de natureza mais profunda e subjacente. Metaforicamente, tentamos fazer um panorama do bosque sem perder-nos nas árvores ou nas folhas.

- b) Trata-se de um trabalho comparativo, contudo, não se apresentará cada modelo em sua totalidade. Para que o leitor possa confrontá-los, os três modelos se apresentarão segundo cada critério selecionado. Talvez, dessa maneira, a coerência geral do modelo resulte um pouco prejudicada, porém, apesar disso, entendemos que esta ficará evidente. O leitor poderá obter uma perspectiva geral mais clara lendo as colunas do quadro comparativo (Apêndice B).
2. As dimensões utilizadas na pesquisa comparativa foram as seguintes:
- a) O *fundamento intelectual* subjacente ao modelo (aspectos particulares e especiais da lógica ou razões que o definem e sustentam);
  - b) A *filosofia da educação psicanalítica* que subjaz ao modelo (noções específicas sobre como se deve realizar a *educação* psicanalítica enquanto tarefa especializada, ou seja, considerando o que é e o que se requer em função da admissão, imersão, qualificação<sup>1</sup> etc.).
  - c) O *processo psicanalítico* que subjaz ao processo educacional (noções sobre o *processo psicanalítico* que influenciam como deveria ser ensinada e transmitida a psicanálise).
  - d) Considerações sobre a *amplitude* em contraste com a *profundidade* da exposição (há preferência por um contato mais amplo, porém, talvez, mais superficial em relação às escolas psicanalíticas, o currículo, as orientações teóricas, os autores etc.).

1 *Qualifying*, no original (NT).

- e) *Assuntos relacionados ao poder, autoridade e autorização* (como o modelo acolhe e considera as preocupações manifestadas ou encobertas acerca do poder e da autoridade, até mesmo da autorização de si mesmo e da autorização pelos outros). Além desses cinco critérios ou dimensões formulados na reunião de Nova York, foi acrescentado mais um quando chegaram os relatórios:
- f) *Comentários críticos e preocupações*. Todos os relatórios evidenciaram comentários espontâneos de natureza crítica e preocupações por parte dos entrevistados. É significativo que os defensores de cada modelo tenham plena consciência de certos problemas e deficiências destes. É valioso comparar esses comentários e considerar se essas críticas são uniformes ou específicas de cada modelo.

### 3. Terreno comum:

Antes de proceder às comparações segundo as citadas dimensões, descreveremos alguns surpreendentes e, talvez, inesperados aspectos compartilhados: primeiramente, como fora sugerido pelo Conselho de Representantes, cada modelo aceita e mantém um enfoque tripartite da educação psicanalítica. Existem variações decorrentes das profundas diferenças envolvidas na compreensão e atualização desse enfoque, porém, há uma acentuada aderência geral a este. Em segundo lugar, não existe, nesses modelos, nenhuma tentativa de diminuir, minimizar ou circunscrever a psicanálise. Muito pelo contrário, é notável o quanto cada modelo representa um compromisso profundo com ela e um esforço genuíno de transmiti-la ultrapassando o limite intergeracional da melhor forma possível, de maneira profunda, sincera e significativa. Parece que, no que diz respeito aos modelos, não enfrentamos um movimento (seja consciente ou inconsciente) de depreciação da psicanálise. Existem diferenças reais que se relacionam com as dimensões

subjacentes, fundamentalmente com a concepção da psicanálise como enfoque psicológico especializado e como atividade profissional. Uma manifestação de grande importância desses conceitos, essencialmente diferentes, é o lugar designado à análise pessoal dos candidatos e, ao mesmo tempo, como isso afeta a maneira em que é conduzida.

4. Comparação dos três modelos conforme as seis dimensões selecionadas:

a. *O fundamento intelectual:*

No modelo *Eitington* sustenta-se que para o devir analista são necessários *três componentes igualmente importantes*: a análise pessoal, um currículo didático específico (constituído por seminários teóricos e clínicos) e a supervisão da própria experiência analítica individual. A análise pessoal é considerada um componente integrante dessa formação geral e, nesse sentido, é uma “análise didática”. A análise pessoal ou didática é o que prepara o candidato para o que ele encontrará e experimentará na condução de outras análises. Essa perspectiva tem importantes implicações sobre como, quando e com quem acontece a análise pessoal, seus objetivos, e aqueles aspectos que possam envolver o Instituto. Deve notar-se que tal participação do Instituto tem sido atualmente minimizada e circunscrita (por exemplo, o “relatório” deixou de existir quase universalmente) prática e exclusivamente à seleção e designação de analistas didatas.

Uma segunda parte importante do fundamento pode ser descrita como o aspecto “profissional”: o psicanalista é um profissional, e a formação está orientada para possibilitar a ele tornar-se um profissional tão bom e competente quanto possível. Esse enfoque põe ênfase considerável nos aspectos éticos da formação e em sua prática, do ponto de vista do profissionalismo e da responsabilidade com o público. O objetivo da análise didática e da formação de maneira

geral – tornar o futuro analista tão preparado quanto possível para brindar o tratamento psicanalítico – está incluído nessa ética profissional geral. Em consonância com a ênfase sobre o tratamento profissional, a diferenciação entre psicanálise e psicoterapia mantém-se menos clara (alguns institutos inicialmente formam os candidatos em psicoterapia, outros não), e o limite que as demarca não é rígido nem absoluto. Atualmente, longe de estar resolvido, esse assunto sujeita-se a debates e agudas interrogações na IPA.

No modelo *francês*, a análise pessoal também é considerada extremamente importante, contudo, encontra-se estritamente *por fora* do âmbito da formação. Nesse sentido, é mais “pessoal” que “didática”, apesar de ter importantes implicações no futuro da formação e afetá-la. O modelo francês não reconhece uma análise “didática” e, portanto, não possui “analistas didatas” para conduzir análises pessoais, que podem realizar-se com qualquer analista membro da IPA (em uma sociedade também se aceita a análise com candidatos). A principal contribuição da análise pessoal é servir como processo de esclarecimento e elaboração da motivação inconsciente do desejo de tornar-se analista. Consequentemente, a análise acontece, em sua maior parte, *antes* de o profissional candidatar-se para entrar e ser admitido na formação.

O modelo francês estabelece uma clara distinção entre psicanálise e psicoterapia em relação à prática. Sobre o profissionalismo, põe menos ênfase nos aspectos formais e profissionais externos, enquanto acentua fortemente a boa disposição pessoal e acessibilidade aos níveis inconscientes da personalidade. Sua ética parece enfatizar menos o profissionalismo (como no sentido médico) que a intuição, criatividade e abertura do candidato aos processos inconscientes.

Assim como os modelos Eitingon e francês diferem quanto ao lugar acordado à análise pessoal dentro da formação geral, o desenvolvi-

mento do modelo *uruguaio* parece relacionar-se com duas questões principais: a primeira aponta para uma reação diante da existência pregressa de grande concentração de poder em um grupo de analis-tas didatas, procurando, nesse sentido, assegurar que a formação se torne uma tarefa mais democrática, livre, transparente e equitativa. Para realizar essa finalidade, as diversas funções da formação são atribuídas a quatro *grupos* de analistas, cada um encarregado de conduzir um aspecto específico da formação – admissão, supervi-são, análise pessoal e ensino. Em consequência não há uma catego-ria pessoal de analista didata, mas sim diversas funções distribuí-das entre grupos especializados e realizadas por estes. Em segundo lugar, existe uma posição epistemológica consolidada a respeito de a psicanálise ser uma ciência conjectural, e não uma ciência exata, com consequências na formação. Portanto, o objetivo não é trans-mitir conhecimento intelectual, mas uma capacidade de escuta, uma convicção quanto à eficácia do inconsciente e uma incessante paixão pela psicanálise.

*b. Sobre a filosofia da educação psicanalítica:*

Parece desenvolver-se com base no fundamento subjacente e nas diversas concepções sobre o significado e o lugar ocupado pela aná-lise pessoal.

No modelo *Eitingon*, o objetivo principal da análise pessoal visa a ser um esforço para resolver as inibições pessoais, pontos cegos e dificuldades que possam interpor-se no caminho do futuro analis-ta. Como consequência, tem como objetivo ocupar-se das estru-turas defensivas do candidato, superar suas resistências, expor e analisar seus conflitos neuróticos e transferenciais, acessar o ma-terial infantil etc. Além do objetivo paliativo e corretor, a análise aspira a ganhar uma convicção nascida da própria experiência em primeira mão quanto aos estados mentais primitivos e à desideali-

zação do analista e da profissão. Considera-se que esses objetivos demandam imersão na análise pessoal, que deve ser tão intensiva quanto possível, de forma geral, preferencialmente estabelecida com uma frequência de 4-5 sessões por semana. Pelos mesmos motivos, as análises conduzidas pelo candidato também deveriam proporcionar-lhe uma experiência tão intensiva quanto for possível, uma demanda que será alcançada, similarmente, por meio de uma frequência de 4-5 sessões por semana. Uma conquista esperada da análise didática é a aquisição da capacidade de autoanálise contínua depois do término da análise pessoal, meta que requer considerável valor e determinação por parte do candidato.

Considerando a importância dada à imersão geral, os critérios numéricos existem e refletem uma postura educativa que corresponde a essa demanda de imersão. No entanto, há dúvidas e questionamentos sobre a utilidade desses critérios para avaliar o crescimento individual. O melhor instrumento para avaliar se o candidato poderá formar-se é a opinião coletiva dos supervisores. Enquanto, de maneira geral, nesse modelo, prevalece a mesma filosofia com relação à educação psicanalítica, existe uma diferença marcada no que diz respeito à apresentação final de um caso por parte do candidato a formar-se. Na Europa, esse é um exercício solicitado na maioria dos institutos (porém, não em todos), e acontece em um foro designado (por exemplo, perante analistas didatas; diante de um comitê especial; ou de outro instituto do mesmo país); na América do Norte, é requisito em alguns institutos, porém, não na maioria. Como foi mencionado anteriormente, no modelo francês a análise pessoal acontece em grande parte, ou na totalidade, dos casos *antes* do ingresso na formação, e ocupa-se bastante com os motivos subjacentes ao desejo de ser analista. A entrevista de admissão avalia a qualidade e a natureza do processo analítico feito pelo candidato. Os critérios empregados nessa avaliação enfatizam os conteúdos e

as dinâmicas do inconsciente, como a flexibilidade do funcionamento mental, o complexo de Édipo, a questão da passividade e da bissexualidade, os *après-coups*, a neurose infantil, a introjeção da função analítica, a capacidade negativa etc.

Uma diferença importante entre os modelos francês e Eitingon passa pelo lugar dado à defesa e à análise das defesas, e relaciona-se com a perspectiva sobre a diferenciação entre psicanálise e psicoterapia. No modelo Eitingon a análise das defesas é uma meta declarada e principal, enquanto o modelo francês entende que analisar as defesas é uma empreitada demasiadamente psicoterapêutica, fora dos limites da “análise”. Isso, obviamente, objetiva uma importante diferença conceitual sobre a natureza e limites da análise diante da psicoterapia. Por outro lado, também influencia a questão da frequência: no modelo francês a frequência não está estabelecida extrinsecamente (por exemplo, pelos regulamentos do instituto), mas sim intrinsecamente (por exemplo, entre analista e analisando, ou futuro candidato) e depende da indicação clínica. Sustenta-se que os pacientes muito perturbados requerem um enfoque mais psicoterapêutico, e, portanto, uma frequência maior; por outro lado, analisando neuróticos ou menos perturbados podem beneficiar-se de uma frequência de 3 ou 4 sessões semanais.

Em virtude da educação psicanalítica, no modelo francês, o que transforma um candidato em analista é a supervisão. Portanto, na supervisão se põe ênfase em uma *profunda escuta psicanalítica* tanto do material do paciente quanto do candidato. O supervisor desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do candidato, às vezes, trabalhando com ele assuntos pessoais e difíceis e, também, na avaliação final para sua aceitação: os supervisores decidem em conjunto se o candidato se formará (em uma sociedade, o supervisor apresenta o mesmo caso que o candidato junto ao co-

mitê avaliador). Apenas os Membros Efetivos podem supervisionar e são considerados Analistas Didatas.

O modelo *uruguaio* assume uma posição intermediária entre o Eitingon e o francês: a análise pessoal é pessoal, porém, não totalmente. É solicitado um tempo considerável de análise pessoal: três anos e meio antes da admissão na formação (pode ser com um analista membro da IPA), depois de ingressar na formação, simultaneamente com a formação e ao longo dela, geralmente outros cinco anos. A análise no transcurso da formação precisa ser com um analista membro do “grupo de análise pessoal” (nesse sentido, vinculado ao Instituto). A frequência da análise pessoal é de, no mínimo, três sessões por semana, porém, está previsto e se recomenda aumentar essa frequência, nos períodos de maior intensidade e crescente regressão, para até cinco sessões por semana. É uma prática recomendada que será decidida entre o analista e o candidato. Não se requer um número total de horas de análise, nem qualquer tipo de autorização por parte do analista. Este último informa o Instituto sobre o início da análise, e posteriormente apenas se ela for interrompida unilateralmente ao longo do percurso da formação.

A avaliação é um processo intrincado, nos moldes acadêmicos da universidade. Um grande peso é dado à produção escrita apresentada, cuidadosamente reunida e avaliada: trabalhos escritos apresentados nos seminários, transcrições de sessões na supervisão, um caso de análise com elaboração teórica (equivalente a uma tese de mestrado, formalmente reconhecida pela universidade) e uma avaliação de todos seus antecedentes curriculares, apresentados e discutidos pelo Instituto em sua totalidade, desde que o candidato tenha dado seu consentimento.

O modelo uruguaio também apresenta um enfoque diferente da *regressão* durante a formação. Esse enfoque duplo expressa-se em dois aspectos anteriormente mencionados: por um lado, a análi-

se pessoal do candidato antecipa a possibilidade de regressão na *análise*, o que pode requerer um período de intensificação desta, e nesse caso se recomenda uma frequência mais alta, disponível e negociada entre analista e candidato. Por outro lado, o modelo faz uma clara distinção entre as necessidades regressivas do candidato – captadas e tratadas na análise pessoal – e sua formação no Instituto, e aí se espera que esta se dê em um nível mais maduro. Essa expectativa reflete-se em uma postura acadêmica com uma vertente e demanda de tipo universitário, enfatizando e solicitando uma grande produção de trabalhos escritos e apresentações.

c. *O processo psicanalítico que subjaz ao processo educativo:*

No modelo *Eitingon*, o aspecto especificamente *psicanalítico* da formação apoia-se no requisito da análise didática acontecendo paralelamente e se sobrepõe à supervisão, sustentando-se nessa exigência. Desta forma, ficam reassegurados o conhecimento e o realce das questões contratransferenciais, das dificuldades específicas encontradas e, de modo geral, a sensibilização com o inconsciente. Existe certa preocupação quanto à análise didática, já que não há relatório que possa controlar sua duração real. Muitos institutos, porém, não todos, solicitam ser notificados quando a análise é interrompida de forma prematura ou se termina.

No modelo *francês* o processo educacional é visto e concebido em termos psicanalíticos, nunca conforme linhas de formação “profissionais”. Existem numerosas indicações e reflexões relacionadas com essa postura: ela começa por outorgar um lugar central à análise pessoal, que constitui a base para a admissão à formação; continua com a atitude de supervisão, que tem características de escuta profunda, de intervenção e avaliação pessoal; e, finalmente, prossegue nos seminários orientados mais ao crescimento pessoal que à competência teórica.

No modelo uruguaio, o lugar da regressão está institucionalmente salvaguardado e reconhecido, já que lhe são destinados tempo e espaço, abrindo-se essa possibilidade dentro da análise pessoal, que pode intensificar-se durante esses períodos. Por outro lado, a meta é que a posição do candidato diante do Instituto esteja, na medida do possível, livre de regressão e se fundamente em atitudes maduras, adultas e igualitárias. O restante do processo educativo – cursos, seminários e supervisão – está moldado pelo padrão acadêmico típico dos trabalhos universitários: se solicita e se avalia o trabalho escrito periodicamente; aos candidatos é dada uma ampla escolha de seminários e de professores para ministrar esses seminários. Em 2003 o Instituto foi reconhecido como instituto psicanalítico universitário de pós-graduação pela comunidade acadêmica uruguaia, e o trabalho de graduação final é formalmente equivalente a uma tese de mestrado. Apesar disso, ao longo de todo o processo, a ênfase é mantida no desenvolvimento da capacidade de escuta analítica.

*d. Amplitude vs. Profundidade de exposição:*

Nesse ponto trataremos de um aspecto específico da imersão: em que medida o modelo promove o contato com uma escola ou enfoque psicanalítico em particular ou com múltiplas escolas. Essa eleição determina o leque de pensamento psicanalítico de nível teórico e formal que é apresentado nos cursos oferecidos e a grade de cursos obrigatórios, assim como as modalidades de tratamento oferecidas e aprovadas.

Aparentemente, no modelo Eitingon, há falta de unanimidade nesse aspecto. Muitos institutos, especialmente na América do Norte, preferem uma exposição mais ampla, oferecendo variedade de enfoques e, até mesmo, às vezes, caminhos teóricos separados. Alguns educadores sentem que essa prática pode levar a confusão e

fragmentação do candidato, minando sua identidade psicanalítica. Em oposição a essa modalidade, parece haver coincidência na conveniência de ensinar um núcleo básico da teoria do conflito de Freud e postergar outras teorias a estágios posteriores da formação. Nota-se em certos âmbitos um interesse renovado pelo estudo de Freud.

No modelo *francês* a ênfase é principalmente em Freud. No entanto, além disso, existe muita liberdade nos seminários e cursos oferecidos pelos professores, assim como possibilidade de escolha. O viés do ensino definitivamente não é de tipo universitário. A ênfase está na transmissão do modelo analítico específico do professor e existe expectativa de que o candidato desenvolva sua própria compreensão. Há certa variação entre os países do modelo francês, porém, de maneira geral, se prefere a profundidade à amplitude de exposição.

No modelo *uruguaio* é oferecido um amplo espectro de enfoques teóricos, no esforço de combater a tendência à intolerância e ao dogmatismo. Afirma-se que não há contradição entre profundidade e amplitude de perspectivas. Prevalece o pluralismo teórico, que não se opõe à profundidade, mas sim ao conhecimento enciclopédico que tenta sintetizar todas as teorias existentes de forma eclética e niveladora. Os candidatos têm liberdade de escolha entre os cursos ofertados, e os professores podem oferecer livremente seminários e cursos sobre temas de seu interesse.

*e. Questões de poder, autoridade e autorização:*

Esta categoria revela o entendimento de que as instituições, de maneira geral, representam uma forma de lidar com as ansiedades profundas e que os institutos psicanalíticos não constituem exceções nesse aspecto. A transmissão e formação psicanalíticas são processos intensivos e complexos que acontecem em um limite

intergeracional. Isso implica lidar permanentemente com questões de autoridade e poder, e implica também uma pergunta constante: de onde decorre nossa autoridade como psicanalistas, o que a sustenta?

Essa questão tem sido tradicionalmente respondida no modelo Eitingon pela clara definição e investimento de poder no Analista Didata, e, intimamente relacionado a isso, na Comissão de Ensino ou de Formação. A autoridade e o poder outorgados à Comissão de Ensino costumam estar claramente explicitados, e, nesse aspecto, recentemente tem havido deslocamentos e mudanças. Percebe-se uma tendência de existirem maior participação e representação dos candidatos nessas comissões. Paralelamente, o *status* e o poder do Analista Didata são examinados com crescente preocupação. O processo de qualificação para desempenhar essa função tornou-se mais democrático: atualmente não é mais obrigatório aguardar serem indicados, os analistas podem oferecer-se para desempenhar esse papel, e, de fato, é isso o que tem ocorrido. A figura do Analista Didata, de qualquer forma, ainda determina uma estrutura em dois níveis, com os problemas e tensões que essa situação implica. Cada vez mais vozes sustentam que ser analista didata não deveria constituir uma categoria ou uma designação vitalícia, e sim uma função periodicamente revisada e reinstaurada.

Há uma preocupação generalizada com a questão do poder e sua dispersão. De um lado, torna-se evidente uma tendência de democratização, na esteira das tendências sociais predominantes. De outro, existem inúmeras indagações quanto ao valor e eventual impacto da democratização sobre a formação psicanalítica (representadas em afirmações como “Pluralismo e democracia tornaram-se palavras de moda para o ‘vale tudo’”; “Existe uma diferença entre segredo e confidencialidade – a democracia tem certos limites em uma sociedade psicanalítica”).

No modelo francês o poder e a autoridade parecem estar mais diluídos. A Comissão de Ensino, por exemplo, pertence à sociedade psicanalítica, e, sendo democraticamente responsável por ela, não existe o instituto de psicanálise independente como entidade separada. Existe a figura do Analista Didata, porém, seu papel se limita à função de supervisão, já que a análise pessoal pode ser conduzida por qualquer membro efetivo. Constatam-se também evidências de nivelamento nas hierarquias e de gradativa democratização. Há certo movimento no sentido de abandonar a categoria de Analista Didata, propondo-se a redefinição desta como uma “função”. A função de ensino encontra-se aberta para os membros das diversas categorias.

Como já foi mencionado, o modelo uruguaio surgiu em grande parte como reação à superconcentração de poder em um grupo de analistas didatas. De várias maneiras, esse sistema educacional é uma tentativa de evitar a indevida concentração de poder e salvaguardar sua dispersão e distribuição. O modelo considera as possíveis complicações devidas à transferência, à idealização e às paixões narcísicas. Enfatiza firmemente que o desenvolvimento na educação psicanalítica precisa advir das diferenças e evitar a imitação e o mimetismo.

Esses valores solidamente sustentados refletem-se na introdução de certas mudanças estruturais. Talvez a característica mais marcante desse sistema seja que as diversas funções da formação organizam-se como “grupos”, e não como um status ou papéis individuais. Existem quatro “grupos”: um grupo de admissão, um grupo de supervisão, um grupo de ensino e um grupo de análise pessoal. Não há uma categoria individual de “analista didata”. O analista interessado em participar de um grupo deve solicitá-lo, e sua solicitação será avaliada pelo grupo, podendo ser membro apenas de um grupo de cada vez. A Comissão de Ensino reflete essa organização de funções

em sua composição, já que está constituída pelos presidentes ou representantes dos diversos grupos e por candidatos.

*f. Comentários críticos e preocupações:*

Como sabemos, foi possível acrescentar essa categoria entendendo que dentro de cada modelo existem preocupações autóctones e vozes críticas. Além do conteúdo específico, é valioso e significativo resgatar o fato de que os educadores entrevistados não tentaram idealizar ou apresentar seus próprios modelos como impecáveis ou perfeitos. Ainda que profundamente identificados e comprometidos com os valores de seu modelo e com as soluções que este oferece, estavam cientes de certas preocupações e críticas, e não as tentaram esconder, pelo contrário, elas foram trazidas de forma espontânea e voluntária.

No modelo Eitingon expressou-se a preocupação de estar expostos a manipulação, especialmente por parte de candidatos que recorressem a standards numéricos muito definidos. Alguns entrevistados sentiram que esses *standards* numéricos poderiam ser utilizados para mascarar um crescimento real. Também foi mostrada preocupação quanto a manipulação e falta de sinceridade, e quanto à tendência dos candidatos a se atraírem pela influência de figuras percebidas como poderosas e carismáticas.

No modelo *francês* a principal preocupação relaciona-se à duração da formação, que é extremamente longa. Por esse motivo, uma parte dos candidatos não consegue organizar-se para completá-la, permanecendo como “satélites” da sociedade psicanalítica.

No modelo uruguaio existe o receio de a eliminação das demandas anteriores ter criado novos problemas. Os candidatos têm uma experiência relativamente breve de análise intensiva durante a formação, porém, eles tendem a fazer menos análises depois de

formados. Tornam-se necessárias revisão e reavaliação constantes do impacto das mudanças realizadas.

### III. Sugestões a serem consideradas pelo Conselho de Representantes

Os três modelos têm muito em comum, porém, também têm diferenças que os separam e discriminam entre si. Revisaremos aqui os pontos essenciais que merecem reflexão, discussão e avaliação no Conselho:

1. Existem diversas opiniões sobre o peso relativo atribuído aos aspectos profissionais e psicanalíticos da formação. Essa questão, de grande transcendência na IPA, poderia ser formulada da seguinte maneira: em que medida a psicanálise é uma *atuação profissional* (no sentido público usual, implicando uma capacidade adquirida e uma adequada disposição para atuar conforme a ela, como, por exemplo, na profissão médica) subordinada à ética profissional geral, ou uma atividade humana singular, que pode ou não demandar uma formação profissional anterior, que consiste, porém, fundamentalmente na sensibilização em relação aos processos inconscientes?
2. Como corolário do anterior, surge a pergunta sobre se existe continuidade ou uma evidente demarcação entre psicanálise e psicoterapia. A resposta a ela tem profundas repercussões na formação psicanalítica.
3. Sobre o lugar e a função da análise pessoal, existem posições curiosamente diferentes quanto à pertinência ou não da análise à formação: se ela deve estar sujeita a algum controle institucional, ou se deve ser completamente independente de um; se ela deve transcorrer antes da admissão, antes do início da formação específica, ou se ela é uma parte da formação e, nesse caso, deve acompanhá-la.
4. Um falso antagonismo entre “amplitude vs. profundidade” relaciona-se às considerações anteriores. Quando se considera a formação uma preparação *profissional* (no sentido atribuído anteriormente), obviamente se requer a amplitude do conhecimento, porém, se esta

não é concebida como uma forma estritamente profissional, os argumentos relativos à profundidade prevalecem.

5. Finalmente, conforme as considerações e diferenças mencionadas acima, parece que a questão da frequência reflete ideias e valores profundamente arraigados sobre a prática e a formação psicanalíticas. Tais diferenças não poderiam (nem deveriam) ser resolvidas por meio da imposição de critérios numéricos, mas com base em uma cuidadosa avaliação das proposições genuinamente psicanalíticas subjacentes, tentando-se estabelecer seus méritos e deficiências relativos, devendo-se também estabelecer e aplicar *standards* mínimos dentro do contexto do modelo específico de formação aceito.

#### IV. Indicações futuras

1. Este trabalho representa um levantamento inicial de assuntos complexos que têm afetado a psicanálise há muito tempo. Fica evidente que serão necessários trabalhos ulteriores, especialmente depois da discussão deste relatório no Conselho de Representantes, levando em consideração as novas perguntas e temas que possam surgir. Recomendamos que as próximas pesquisas sejam conduzidas em moldes formais, baseadas em perguntas específicas. Se for convocado, o CE dispõe-se a encomendar a pesquisa em nome do Conselho de Representantes, porém, não conta com recursos para realizá-la por conta própria. Assim, a decisão de realizar outra pesquisa implicará um direcionamento apropriado de verbas.
2. Este relatório ressalta e sustenta a posição adotada pelo Conselho de Representantes em discussões prévias e suas resoluções: que as frequências não deveriam ser discutidas numericamente, mas sim dentro de um modelo geral de formação com coerência interna.
3. O relatório sugere a existência de variações consideráveis dentro de cada modelo, gerando um problema para o Conselho de Repre-

sentantes que já foi mencionado na Resolução do Rio de Janeiro: até que ponto a IPA continuará assumindo a função de organizadora global exclusiva, estabelecendo os *standards* para a formação psicanalítica e o compromisso de regulamentá-los ativamente? As variações existentes dentro de cada modelo indicam mudanças nas sociedades depois de seu ingresso na IPA. Nesse sentido, o Conselho de Representantes precisa determinar a extensão e o tipo de atividade regulamentadora a ser exercida pelo Grupo de Trabalho Regulador (previsto na própria Resolução do Rio de Janeiro). Esse é um assunto importante que determinará o direcionamento de futuras tarefas nessa área, já que não faz sentido acumular informação sobre as variações existentes *dentro* de um modelo, a menos que isso acarrete consequências práticas. Outra formulação seria a seguinte: como cada sociedade individual poderia ser cobrada quanto à sua responsabilidade de formar conforme o modelo adotado?

Esperamos sinceramente que este relatório sirva de base e ofereça um enquadre suficientemente bom para a discussão do Conselho de Representantes e para um ulterior progresso na área de educação e formação psicanalítica da IPA.

Respeitosamente,

*Shmuel Erlich*

*Presidente do Comitê de Educação da IPA*

## Apêndice A

### História e mandato do CE

1. O *Documento de Standards Educacionais* discutido pelo Conselho de Representantes em New Orleans criou uma forte controvérsia centrada na proposta para definir a análise pessoal dos candidatos, assim como as análises realizadas pelos candidatos em formação, com a frequência requerida de “3 a 5 vezes por semana”. O documento citado foi aprovado, “em princípio”, em uma votação apertada, atrelado à elaboração de um relatório por um grupo de trabalho especial. Na próxima discussão, a opinião de muitos foi que as frequências, independentemente de um modelo integral e vinculante, não deveriam ser consideradas. Foi formado o Grupo de Trabalho sobre Procedimentos Educacionais (GTPE)<sup>2</sup>, presidido por Robert Pyles, encarregado de estudar os principais modelos dentro da IPA. Com base no relatório apresentado pelo GTPE foi aprovada uma resolução no Rio de Janeiro que definiu o mandato do novo Comitê de Educação da IPA (CE):

“O Conselho de Representantes está ciente da existência de três modelos principais de formação (o Eitingon, o francês e o uruguaio), que são atualmente utilizados nas 66 organizações da IPA, e de que alguns desses modelos operam com *standards* e critérios que podem diferir daqueles delineados no Código de Procedimentos da IPA. No entanto, todos os modelos de formação trabalham com um sistema tripartite consistente da análise pessoal do candidato, os seminários e as supervisões. Essa modalidade tripartite permanecerá como requisito da IPA para todos os programas de formação”.

2 EPWG, sigla em inglês.

2. Um novo Comitê de Educação da IPA será estabelecido ... para estudar os modelos recebidos das Organizações Componentes ... O estudo dos modelos educacionais será conduzido, em primeira instância, nos moldes de um projeto de pesquisa conceitual para descrever, comparar e contrastar os diversos modelos de formação, considerando suas filosofias profissionais, como coerência interna; a forma de avaliação do processo psicanalítico e dos candidatos; critérios utilizados para avaliar a competência psicanalítica; *standards* e frequências da análise de formação dos candidatos e das sessões dos casos de supervisão, fazendo parte de um modelo coerente; as competências essenciais que cada modelo busca inculcar para que os candidatos possam funcionar como psicanalistas profissionais. Será solicitada ao novo Comitê de Educação a conclusão desse trabalho e a apresentação de um relatório, destacando os pontos altos e baixos de cada modelo ... O relatório também deverá incluir recomendações sobre os critérios a serem utilizados quando as Organizações Componentes quiserem programar mudanças em seus modelos de formação. O relatório deverá ser apresentado até 15 de junho de 2006, de forma que o Conselho de Representantes possa considerá-lo em sua reunião de julho de 2006. O relatório citado pode propor uma ulterior pesquisa de natureza conceitual ou empírica a ser conduzida, em um segundo momento, para investigar os diversos modelos de formação (ou alguns de seus aspectos).

### **Moções Aprovadas – Berlim, julho de 2006**

O Conselho de Representantes aprovou, de forma unânime, as seguintes moções sobre o Relatório de Educação:

Primeira moção: o Conselho de Representantes é a favor da política pela qual a IPA aceita os modelos de formação utilizados pelas Organizações Componentes e seus Institutos, baseados nos modelos Eitingon, Francês e Uruguaio, conforme está descrito no relatório do Comitê de Educação de

julho de 2006, satisfazendo aos *standards* e critérios mínimos de aceitação e admissão como membro da IPA.

Segunda moção: especificamente em relação com a moção anterior, o Conselho de Representantes é a favor de que se esclareça a questão da frequência aceitável de sessões como *standards* mínimos, levando em consideração que isso constitui um aspecto dos modelos gerais de formação citados e que deveria ser formulado de maneira consistente com a concepção do processo analítico essencial de cada um desses modelos. Solicita ao Comitê Executivo que, em colaboração com o Comitê de Educação, reexamine e redija todos os artigos do Código de Procedimentos da IPA relativos a essas políticas, e que estes sejam apresentados ao Conselho de Representantes para sua aprovação.

Terceira moção: dada a existência de variações consideráveis dentro dos modelos delineados no Relatório do Comitê de Educação de julho de 2006, assim como a expectativa de que as organizações componentes queiram fazer mudanças dentro ou entre os modelos de formação, o Conselho de Representantes ressalta a importância de esclarecer o papel de supervisão/regulação da IPA no futuro, considerando que a IPA possa “estabelecer ... os critérios profissionais e éticos essenciais para selecionar, formar e acreditar psicanalistas”, como se encontra explicitado em sua Constituição e Regulamentos.

Na mesma reunião, o Conselho de Representantes também aprovou a seguinte moção com relação ao Relatório do Grupo de Trabalho do Comitê de Supervisão de Educação:

Moção: o Conselho de Representantes agradece e aceita o relatório do Grupo de Trabalho do Comitê de Supervisão da Educação da IPA. Aprova a recomendação de que a IPA exerça, em princípio, algum papel de supervisão quanto aos modelos de formação. Solicita ao Comitê Executivo, em colaboração com outros, que examine e leve uma proposta ao Conselho de Representantes sobre como considerar essa questão ulteriormente.



# APÊNDICE B

## QUADRO COMPARATIVO DOS MODELOS DE EDUCAÇÃO DA IPA

1. Fundamento intelectual	
Eitingon	<p>Aceita o modelo tripartite.</p> <p>O devir analista requer análise pessoal, currículo didático e supervisão. A análise pessoal é um componente integral da <i>formação</i> e está sob seus auspícios. Considera-se que a experiência própria na análise pessoal está ligada ao que cada um estará preparado e poderá experimentar conduzindo análises.</p>
Francês	<p>Aceita o modelo tripartite.</p> <p>A pesar da análise pessoal ser extremamente importante, encontra-se estritamente fora dos limites da formação. Não existe “análise didática”, nem “analista didata”.</p> <p>A análise pessoal pode ser realizada com qualquer Membro da IPA (em uma sociedade, pode ser com candidatos). É um passo fundamental esclarecer e elaborar as motivações pessoais para tornar-se analista.</p>
Uruguaio	<p>Aceita o modelo tripartite.</p> <p>a. Preocupação com a antecedente concentração de poder e uma reação frente a ela. Uma tentativa de tornar a formação mais livre e equitativa. Transparência e igualdade nas diferentes funções e grupos envolvidos na formação.</p> <p>b. A psicanálise é uma ciência conjectural, não uma ciência exata. Transmite-se a capacidade de escuta, a eficiência do inconsciente, as vicissitudes do <i>self</i>, e uma paixão infinita pela psicanálise.</p>

2. Filosofia da educação psicanalítica	
Eitingon	<p>a. A <i>análise pessoal</i> se ocupa das estruturas defensivas, de superar as resistências, expondo e analisando as transferências neuróticas, o material infantil, ganhando convicção sobre os estados mentais primitivos, desidealizando o analista e a profissão. Isso requer uma <i>imersão tão intensiva</i> quanto possível na <i>análise pessoal</i>, preferencialmente 4 a 5 sessões por semana. Semelhantemente, a experiência do candidato de conduzir uma análise deverá também ser tão intensiva quanto possível; por exemplo 4 a 5 sessões por semana. A capacidade para uma contínua autoanálise é uma meta ideal. Para isso, o candidato precisa armar-se de coragem.</p> <p>b. Critérios de <i>imersão</i>: existem os <i>standards</i> numéricos, porém há dúvida quanto à sua utilidade para avaliar o crescimento individual. Os critérios deveriam ser individualizados.</p> <p>c. O instrumento para avaliar a aptidão para graduar-se é a opinião coletiva dos supervisores que discutem o assunto em conjunto.</p> <p>d. Na <i>Europa</i> é requerida a apresentação de um caso frente a um fórum (analistas didatas, outro instituto, um comitê que avalia e vota). Nos EUA alguns institutos solicitam a apresentação final de um caso, a maioria não.</p>
Francês	<p>a. A <i>análise pessoal</i> acontece antes da admissão à formação. A frequência não está determinada extrinsecamente, mas intrinsecamente (geralmente 3 a 4 sessões por semana) entre analista e analisando (o futuro candidato); depende da indicação clínica.</p> <p>b. A entrevista de admissão avalia a qualidade do processo analítico do candidato. Os critérios enfatizam os conteúdos e a dinâmica inconsciente; por exemplo: a flexibilidade do funcionamento mental, o Édipo, a passividade e a bissexualidade, os <i>après-coups</i>, a neurose infantil, a introjeção da função analítica, a capacidade negativa etc.</p> <p>c. A análise das defesas é considerada “psicoterapêutica demais”.</p> <p>d. A supervisão é o que torna o candidato analista. A ênfase é dada à profunda escuta <i>analítica</i> – do material do paciente e do candidato.</p> <p>e. O supervisor desempenha um papel essencial na avaliação e validação – ele/ela apresenta o caso frente a um grupo avaliador.</p> <p>f. Apenas os membros titulares podem ser supervisores.</p>

Uruguai	<p>a. A <i>análise pessoal</i> requer considerável imersão em função do tempo: 3 anos e 1/2 antes da admissão (com um analista da IPA), mais outros 5 anos (coincidentes com a formação) depois de ter começado o Instituto (com um analista membro do Grupo de Análise Pessoal).</p> <p>b. Permite a plena imersão e regressão dentro do enquadre (<i>setting</i>) analítico pessoal e um funcionamento maduro frente à instituição.</p> <p>c. A frequência é de no mínimo 3 sessões por semana, com períodos de maior intensidade de até 5 sessões por semana. Essa é uma prática recomendada, a ser decidida exclusivamente entre analista e candidato. Não há autorização pelo analista, não há um número de horas requerido.</p> <p>d. O analista informa o Instituto sobre o início da análise e depois apenas se a análise é terminada unilateralmente durante a formação.</p> <p>e. A avaliação é feita com base nas qualificações dos trabalhos escritos dos seminários; as transcrições de sessões na supervisão; uma apresentação (tese de mestrado) de um caso de análise com elaboração teórica. A avaliação final por parte do comitê de ensino baseada em todos os antecedentes, apresentada no Instituto e discutida uma vez que o candidato outorga permissão.</p> <p>f. É prevista a regressão na análise pessoal, porém fica restrita a ela. A formação no instituto é conduzida com estilo universitário e adota uma posição madura, não regressiva.</p>
<b>3. O processo psicanalítico que subjaz aos processos educativos</b>	
Eitingon	A análise didática deveria acompanhar e coincidir com a supervisão. Contudo, devido à falta de relatórios, não há controle da duração da análise. Muitos institutos solicitam notificação quando se termina ou interrompe a análise.
Francês	O processo educativo é concebido em termos psicanalíticos, não como uma “formação profissional” comum. Isso começa com o lugar combinado para a análise pessoal, que é o ponto central da entrevista de admissão, continua com a supervisão que privilegia a escuta profunda, a intervenção e avaliação, e finalmente, o trabalho escrito de seminário, direcionado ao crescimento pessoal mais do que ao domínio teórico.

<p><b>Uruguio</b></p>	<p>a. A análise pessoal contempla a possibilidade, tempo e espaço para a regressão.</p> <p>b. O processo educacional – seminários, cursos e supervisão – está moldado de acordo com um estilo acadêmico ou universitário livre: são solicitados e avaliados trabalhos escritos periodicamente; os candidatos têm ampla liberdade de escolha de seminários e professores. O Instituto foi reconhecido em 2003 como um instituto universitário psicanalítico de pós-graduação. O trabalho final de graduação é equivalente a uma Tese de Mestrado.</p> <p>c. Ênfase no desenvolvimento da capacidade de escuta psicanalítica.</p>
<p><b>4. Amplitude vs profundidade de exposição</b></p>	
<p><b>Eitugon</b></p>	<p>a. Amplitude: Muitos institutos oferecem variedade de caminhos teóricos, preferindo uma exposição ampla. Alguns sentem que isso reflete divisões do corpo docente, e poderia conduzir à fragmentação e confusão.</p> <p>b. Aparentemente existe um amplo acordo com a conveniência de um núcleo básico da teoria do conflito de Freud, deixando as outras teorias para mais tarde.</p> <p>c. Se observou em certos âmbitos um renovado interesse em estudar Freud.</p>
<p><b>Francês</b></p>	<p>Ênfase geral em Freud. Além dele, oferta livre de cursos e seminários, e liberdade de escolha entre eles. Não há uma modalidade de ensino universitária, senão uma transmissão pelo professor de seu modelo e uma expectativa de que o candidato desenvolva o próprio. Certas variações entre países a respeito dos cursos teóricos adicionais que são oferecidos, porém geralmente se prefere a profundidade à amplitude.</p>
<p><b>Uruguio</b></p>	<p>Ampla espectro de oferta teórica, para combater a intolerância e o dogmatismo. Afirma-se que não há oposição entre profundidade e amplitude de perspectivas. Esse pluralismo teórico não se opõe à profundidade, mas ao conhecimento enciclopédico que tenta sintetizar todas as teorias existentes (ou seja, se opõe à nivelção das diferenças teóricas)</p> <p>Os candidatos têm liberdade de escolha, os professores podem oferecer seminários e cursos livremente.</p>

5. Questões de poder, autoridade e autorização	
<b>Eitingon</b>	<p>a. A autoridade é dada ao Comitê de Educação, em diversos graus, porém há incremento da representação dos candidatos.</p> <p>b. A categoria de Analista Didata e seu poder é um assunto e uma preocupação amplamente difundida.</p> <p>A designação se tornou mais democrática, as pessoas agora podem candidatar-se; porém a figura do didata ainda cria uma estrutura em dois níveis, que introduz tensões. Muitas vezes sustentam que ser Analista Didata não deveria constituir uma categoria ou ser uma designação vitalícia, mas uma função.</p> <p>c. Conflito em volta da dispersão do poder: é evidente uma maior democratização, porém há muitas controvérsias sobre seus efeitos (por exemplo, “o pluralismo e a democracia se tornaram as palavras preferidas para designar o ‘vale tudo’”; “diferença entre segredo e confidencialidade – a democracia tem certos limites em uma sociedade psicanalítica”).</p>
<b>Francês</b>	<p>a. O Comitê de Formação está na Sociedade Psicanalítica, da qual é democraticamente responsável.</p> <p>b. Não há um Instituto independente.</p> <p>c. Há uma progressiva nivelção das hierarquias por causa do abandono da função de “Analista Didata”. Os papéis de ensino estão abertos também aos membros das diferentes categorias. Há um movimento na direção de uma democratização gradativa.</p>
<b>Uruguai</b>	<p>a. Parece que o sistema educativo é uma tentativa de proteger-se frente à concentração de poder e salvaguardar sua dispersão.</p> <p>b. Conscientes das complicações transferenciais, idealizações, e paixões narcísicas.</p> <p>c. O desenvolvimento na educação psicanalítica deveria resultar dos diferenciais, evitando a imitação e o mimetismo.</p> <p>d. As diferentes funções da formação estão organizadas como “grupos”, não como uma categoria individual ou função. Há um grupo de admissão, um grupo de supervisão, um grupo de ensino e um grupo de análise pessoal. Os analistas podem solicitar o ingresso em qualquer um deles, porém só podem participar em um grupo de cada vez.</p> <p>e. O Comitê de educação reflete essa estrutura em sua composição.</p>



# Institutos das sociedades que a ABC representa no Brasil

## **Sociedades**

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo  
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro  
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre  
Sociedade Psicanalítica do Recife  
Sociedade de Psicanálise de Brasília  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre  
Sociedade Psicanalítica de Pelotas  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto  
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro – Rio 4  
Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul  
Sociedade Psicanalítica de Minas Gerais

## **Grupos de estudos**

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas  
Grupo Psicanalítico de Curitiba  
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza  
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia

## **Núcleos**

Núcleo Psicanalítico de Aracaju  
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis  
Núcleo Psicanalítico de Maceió  
Núcleo Psicanalítico de Marília e região  
Núcleo Psicanalítico de Natal  
Núcleo Psicanalítico de Salvador  
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina  
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

